

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

DANIEL ANTONIO DO CARMO

**O ENCONTRO HUMANO-DIVINO NA VIVÊNCIA RELIGIOSA:
a mística cristã como resposta à inquietação humana a partir da experiência de
Charles de Foucauld**

**CAMPINAS
2024**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

DANIEL ANTONIO DO CARMO

**O ENCONTRO HUMANO-DIVINO NA VIVÊNCIA RELIGIOSA:
a mística cristã como resposta à inquietação humana a partir da experiência de
Charles de Foucauld**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em Ciências
da Religião da Pontifícia Universidade
Católica de Campinas, como exigência
para a obtenção do título de Mestre em
Ciências da Religião.

Orientadora: Prof. Dra. Ceci Maria Costa
Baptista Mariani

**CAMPINAS
2024**

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

	do Carmo, Daniel Antonio
C287e	O encontro humano-divino na vivência religiosa : a mística cristã como resposta à inquietação humana a partir da experiência de Charles de Foucauld / Daniel Antonio do Carmo. - Campinas: PUC-Campinas, 2024. 106 f. Orientador: Ceci Maria Costa Baptisa Mariani. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - , Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2024. Inclui bibliografia. 1. Inquietação. 2. Mística. 3. Charles de Foucauld. I. Mariani, Ceci Maria Costa Baptisa . II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais. . III. Título.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

DANIEL ANTONIO DO CARMO

**O encontro Humano-Divino na vivência religiosa: a
mística cristã como resposta à inquietação humana a
partir da experiência de Charles de Foucauld**

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação
de Mestrado em Ciências da Religião da PUC-Campinas, e
aprovada pela Banca Examinadora.

APROVADA: 13 de dezembro de 2024.

PROF. DR. MARIANO CAROU (USAL)

PROF. DR. RENATO KIRCHNER (PUC-CAMPINAS)

PROFA. DRA. CECI MARIA COSTA BAPTISTA MARIANI – PRESIDENTE (PUC-CAMPINAS)

AGRADECIMENTOS

A Deus que me formou e permite que eu O encontre.

À minha família.

À minha Paróquia que compreendeu minha ausência para me dedicar ao estudo.

À minha orientadora Prof. Dra. Ceci Maria Costa Baptisa Mariani que me fez apaixonar pelo estudo da mística e, desde a graduação, é uma referência para mim.

À Pontifícia Universidade Católica de Campinas, ao departamento de Ciências da Religião, representado no seu diretor Prof. Dr Douglas Ferreira Barros, pela acolhida e zelo nos processos.

Aos Professores do Programa que, nas aulas e em eventos, enriqueceram o debate acadêmico.

Aos Professores titulares e suplentes das Bancas de Qualificação e de Defesa, por lerem esta dissertação e fazerem os eventuais apontamentos.

Aos companheiros de turma que foram verdadeiros amigos nesta jornada.

*“É desse modo que posso glorificar mais Jesus:
amá-lo mais, obedecer-lhe, imitá-lo”
(Charles de Foucauld)*

RESUMO

A presente pesquisa tem a finalidade de apresentar a experiência mística de Charles de Foucauld (1858-1916) – que foi um oficial das Forças Armadas da França e se tornou explorador, geógrafo e posteriormente religioso católico, eremita e linguista, que deixou tudo para viver no deserto – como resposta à inquietação humana. Os objetivos desta pesquisa consistem em versar sobre o fenômeno religioso da mística, a partir dos conceitos de linguagem, experiência, abertura e desafios; apresentar o conceito de “inquietação humana” a partir da *Gaudium et Spes*; apresentar a experiência mística de Charles de Foucauld, a partir da obra *A sós com Deus*, bem como a dimensão social de sua espiritualidade, como resposta à inquietação humana. O método fenomenológico de Juan Martin Velasco, que dá destaque a compreensão do fato religioso, servirá como ferramenta para analisar a experiência mística de Charles de Foucauld. É uma pesquisa bibliográfica qualitativa apoiada em procedimento hermenêutico. A obra *A sós com Deus*, de Foucauld dará as bases para a compreensão do objeto a ser estudado: o encontro humano-divino na experiência narrada pelo autor. A partir do estudo sobre o itinerário espiritual descrito na obra, pretende-se demonstrar que a inquietação humana, como dado antropológico, levou o ser humano a buscar respostas aos questionamentos sobre si. A pergunta que motivou a pesquisa foi: a mística cristã seria capaz de dar uma resposta a esta inquietação? Procurou-se, então, a partir deste questionamento, assumir como objeto de estudo o texto em que Foucauld narra seu itinerário espiritual. A mística cristã é um encontro entre Deus e o Sujeito Místico, que expressa sua experiência através da linguagem. Não é possível acessar a experiência mística, mas é possível acessar a narrativa do Sujeito Místico. A linguagem mística encontra seu sentido na experiência e, esta, por sua vez, pode ser objeto da fenomenologia. Como resultado, apresentamos a mística como resposta à inquietação humana e motivação para o compromisso social. Vale ressaltar que a presente pesquisa é relevante, pois a temática da autorrealização é uma discussão muito presente na academia, em que as questões antropológicas são analisadas. Além disso, a mística tem ocupado um lugar importante nas Ciências da Religião.

Palavras-chave: Inquietação; Mística; Charles de Foucauld; Encontro; Realização

ABSTRACT

The present research aims to present the mystical experience of Charles de Foucauld (1858-1916) – who was an officer in the French Armed Forces and later became an explorer, geographer, and subsequently a Catholic religious, hermit, and linguist, who left everything to live in the desert – as a response to human restlessness. The objectives of this research consist of discussing the religious phenomenon of mysticism, based on the concepts of language, experience, openness, and challenges; presenting the concept of "human restlessness" from *Gaudium et Spes*; and presenting the mystical experience of Charles de Foucauld, based on the work *A sós com Deus*, as well as the social dimension of his spirituality as a response to human restlessness. The phenomenological method of Juan Martin Velasco, which emphasizes the understanding of the religious fact, will serve as a tool to analyze the mystical experience of Charles de Foucauld. This is a qualitative bibliographic research supported by a hermeneutic procedure. The work *A sós com Deus* by Foucauld will provide the basis for understanding the object to be studied: the human-divine encounter in the experience narrated by the author. From the study of the spiritual journey described in the work, it is intended to demonstrate that human restlessness, as an anthropological fact, led humans to seek answers to questions about themselves. The question that motivated the research was: could Christian mysticism provide an answer to this restlessness? Thus, starting from this question, the study aimed to focus on the text in which Foucauld narrates his spiritual journey. Christian mysticism is an encounter between God and the Mystical Subject, who expresses his experience through language. It is not possible to access the mystical experience, but it is possible to access the narrative of the Mystical Subject. Mystical language finds its meaning in experience, which can, in turn, be the object of phenomenology. As a result, we present mysticism as a response to human restlessness and motivation for social commitment. It is worth noting that this research is relevant, as the theme of self-realization is a prominent discussion in academia, where anthropological issues are analyzed. Furthermore, mysticism has occupied an important place in the Sciences of Religion.

Keywords: Restlessness; Mysticism; Charles de Foucauld; Encounter; Realization

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. MÍSTICA: LINGUAGEM, EXPERIÊNCIA, ABERTURA E DESAFIOS	10
1.1 O conceito de Mística	12
1.2 As fontes da mística cristã	16
1.2.1 A fonte judaica	18
1.2.2 A fonte jesuânica	19
1.2.3 A fonte eremítica	21
1.3 Os místicos modernos	22
1.3.1 Teresa D'Ávila	23
1.3.2 João da cruz	24
1.4 Charles de Foucauld: o Sagrado Coração de Jesus, o social e o Catolicismo	25
1.4.1 A devoção ao Sagrado Coração de Jesus	26
1.4.2 Questões sociais: os escravos, os pobres e os militares	28
1.4.3 O que diz a Igreja Católica sobre Charles de Foucauld	30
1.5 A importância da mística do diálogo em tempos de secularização	31
1.6 Considerações finais e apontamentos	36
2. A INQUIETAÇÃO HUMANA A PARTIR DA <i>GAUDIUM ET SPES</i>	38
2.1 Concílio Vaticano II: A Igreja aberta às questões temporais	39
2.1.1 A convocação: convite à Esperança	41
2.1.2 O discurso de abertura: da aurora à luz	44
2.1.3 Introdução à <i>Gaudium et Spes</i>	46
2.2 <i>Gaudium et Spes</i> e a condição do ser humano no mundo atual	48
2.3 <i>Gaudium et Spes</i> e a dignidade da pessoa humana	53
2.4 <i>Gaudium et Spes</i> e a comunidade humana	59
2.5 <i>Gaudium et Spes</i> e a atividade humana no mundo	65
2.6 Considerações finais e apontamentos	68
3. A EXPERIÊNCIA MÍSTICA DE CHARLES DE FOUCAULD	70
3.1 Charles de Foucauld: um geógrafo inquieto	71
3.2 A Sós com Deus: a Intimidade Mística de Foucauld	75
3.2.1 Retiro de Subdiaconato	77
3.2.2 Retiro de Diaconato	79
3.2.3 Retiro de Ordenação Sacerdotal	82
3.2.4 Retiros em Beni Abbès	84
3.2.5 Retiro em Ghardaia	90
3.2.6 Conclusões da experiência a sós com Deus	92
3.3 A Dimensão Social da Experiência Mística	95
3.4 Charles de Foucauld: um legado	97
3.4.1 A Relevância da Espiritualidade de Charles de Foucauld	98
3.4.2 Perspectivas Futuras e Desafios a Serem Superados	99
CONCLUSÃO	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105

INTRODUÇÃO

Existe uma inquietação no ser humano que o leva a buscar respostas aos questionamentos sobre si. A humanidade – através de afirmações ora otimistas, ora pessimistas – no decorrer da história, inferiu muitos conceitos sobre sua essência, na tentativa de responder o questionamento “*Quem sou eu?*”. Diante disso, é possível notar que o homem “já formulou, e continua a formular, acerca de si mesmo, inúmeras opiniões, diferentes entre si e até contraditórias. Segundo estas, muitas vezes, se exalta até se constituir norma absoluta, outras se abate até ao desespero”. (GAUDIUM ET SPES, 2000, nº 12)

Sabendo que a relevância de um problema apresenta pistas para o itinerário de uma pesquisa – e aqui, entende-se problema por “questão a ser resolvida por métodos científicos” (JOLIVET, 1975, p. 178) – a presente pesquisa quer dissertar sobre a mística cristã como resposta à inquietação humana. O cerne da problematização se encontra no seguinte questionamento: Como a mística cristã, que dá ferramentas para compreender o encontro Humano-Divino, sintetizada na experiência de Charles de Foucauld, pode responder a inquietação humana?

Ademais, o estudo fenomenológico da mística a partir da experiência de Charles de Foucauld é extremamente relevante para as Ciências da Religião, pois sua vida e obra transcendem os limites de uma única tradição religiosa. Como eremita, explorador e geógrafo, ele buscou o diálogo inter-religioso enquanto vivia com comunidades muçulmanas na África, registrando suas experiências espirituais em seus escritos. Foucauld inspira pesquisas sobre interculturalidade e espiritualidade contemporânea, fornecendo uma perspectiva única sobre a relação entre fé e ação social. Investigar suas contribuições amplia a compreensão da diversidade religiosa e enriquece o campo acadêmico dos estudos da Religião. No que concerne às pesquisas de mestrado, existem apenas três dissertações que se relacionam com Charles de Foucauld, todas no campo das Ciências da Religião. Sendo assim, como a temática é pouco estudada na academia, os resultados esperados podem contribuir para posteriores discussões na área.

O objetivo geral da presente pesquisa consiste em dissertar sobre a mística como resposta à inquietação humana a partir da experiência de Charles de Foucauld. Esta objetificação pode ser especificada em três subitens: 1) versar sobre o fenômeno religioso da mística, a partir dos conceitos de linguagem, experiência, abertura e

desafios; 2) apresentar o conceito de “inquietação humana” a partir da *Gaudium et Spes*; 3) apresentar a experiência mística de Charles de Foucauld, a partir da obra: *A sós com Deus*, bem como a dimensão social de sua espiritualidade, como resposta à inquietação humana.

Diante desta temática, para trilharmos o caminho que utilizaremos para chegar aos resultados esperados desta pesquisa, é preciso situar nossa investigação no cenário acadêmico: dentro do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-Campinas, nossa pesquisa se encontra na linha de pesquisa *Religião: hermenêutica e epistemologia*.

O método fenomenológico de Juan Martin Velasco, que visa abarcar todos os elementos em questão, destacando a compreensão do fenômeno religioso, servirá como ferramenta para analisar a experiência mística de Charles de Foucauld. Para Velasco, não há princípios predefinidos, o que leva a fenomenologia a ser abordada em três dimensões: a descrição, que inclui a comparação e classificação dos dados; a identificação da estrutura do fenômeno; e, por último, a compreensão e a interpretação do evento religioso. Além disso, é uma pesquisa bibliográfica qualitativa apoiada em procedimento hermenêutico. A obra *A sós com Deus*, de Foucauld, ponto de partida da pesquisa, possibilita compreender o encontro humano-divino na experiência narrada pelo autor.

O primeiro capítulo desta Dissertação estudará no fenômeno religioso da mística, explorando os conceitos de linguagem, experiência e abertura. Serão investigadas as raízes da mística cristã nas culturas judaicas, com destaque para a fonte jesuânica, bem como a influência de místicos modernos como Santa Teresa D'ávila e São João da Cruz para a consolidação da mística foucauldiana. Destacará ainda a importância da mística como um caminho de encontro com o divino e de autoconhecimento, especialmente em um contexto de secularização que demanda uma abordagem mística adaptada às necessidades do homem contemporâneo.

O segundo capítulo deste estudo examinará o intrigante universo da inquietação humana a partir da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, explorando as nuances e complexidades que permeiam a condição intrínseca do ser humano em busca de significado e plenitude. A análise desse documento conciliar se justifica porque ele apresenta uma síntese atualizada da reflexão da Igreja Católica sobre a problemática da inquietação humana, revelando como as questões fundamentais

ecoam na mística de Charles de Foucauld, estabelecendo conexões entre a busca espiritual do místico e as inquietações inerentes à natureza humana.

Por fim, a experiência mística de Charles de Foucauld será analisada a partir da obra *A sós com Deus* para a compreensão do encontro com Deus no deserto e a dimensão social desta espiritualidade. Com ênfase nos retiros e momentos de intimidade mística vivenciados por Foucauld, o último capítulo destacará a experiência com Deus no deserto do Saara que se transformou em um compromisso com os mais necessitados, ressaltando o legado de solidariedade, fraternidade e caridade deixados por esse místico. Concluímos apontando as perspectivas de pesquisas futuras e os desafios a serem superados na busca por uma sociedade mais justa e solidária, inspirados pelos valores do Evangelho e pela vida do autor.

Dadas as estruturas dos capítulos apresentados, é possível vislumbrar uma imersão profunda no universo da inquietação humana, da mística cristã e seus desafios e da experiência espiritual de Charles de Foucauld. Ao explorar as nuances da busca por significado e transcendência, bem como a conexão entre a espiritualidade e o compromisso social, é possível refletir sobre a relevância desses temas na própria jornada existencial de cada indivíduo.

1. MÍSTICA: LINGUAGEM, EXPERIÊNCIA, ABERTURA E DESAFIOS

Ao longo da vasta e complexa trajetória da humanidade, é possível observar que essa incessante busca por significado e compreensão levou a uma multiplicidade de interpretações e concepções acerca da essência humana, numa tentativa incansável de desvendar a indagação primordial “Quem sou eu?”. Nesse contexto de reflexão e autorreflexão, torna-se evidente que o ser humano não apenas já concebeu, mas continua a conceber uma diversidade de visões e perspectivas sobre si mesmo, as quais não raramente divergem entre si e podem até mesmo se apresentar como paradoxais e contraditórias. Em meio a essas diversas representações e autopercepções, o homem, por vezes, se eleva a um pedestal de autoridade e autoconfiança absolutas, enquanto em outras ocasiões se vê mergulhado em um abismo de desespero e incerteza existencial (GAUDIUM ET SPES, 1997, p. 552).

A inquietação intrínseca que permeia a condição humana ao longo das eras impulsionou a humanidade a formular muitas afirmações diversas e, por vezes, paradoxais, as quais não apenas suscitam uma série de questionamentos e incertezas, mas também dão origem a um profundo sentimento de angústia e perplexidade diante do desconhecido e do inexplorado (GAUDIUM ET SPES, 1997, p. 552). No transcorrer da história do pensamento ocidental, o ser humano foi descrito e conceituado de maneiras tão díspares como ser a “medida de todas as coisas” (Protágoras de Abdera) e, simultaneamente, como o “lobo do próprio homem” (Thomas Hobbes). O propósito que almejamos seguir em nossa investigação consiste em introduzir a problemática a ser respondida pela mística cristã, mais precisamente pela experiência mística de Charles de Foucauld.

Apresentar os conceitos e ideias atribuídos ao homem ao longo da evolução do pensamento ocidental, numa tentativa constante de autodefinição e autoconhecimento que permeia a jornada da humanidade em busca de sua própria essência e significado existencial, faz-se necessário para compreender as respostas místicas para a busca humana de respostas às suas angústias e inquietações.

Na Filosofia Antiga, merece destaque o dualismo dicotômico (dicotomia metafísica) entre corpo e alma (Platão) ou entre sujeito e objeto (Aristóteles); na filosofia patrística e medieval, acentuou-se a noção de homem em relação com Deus; na filosofia moderna, houve uma valorização da teoria do conhecimento,

apresentando o homem racional como artífice do universo; na filosofia contemporânea, o homem é multifacetado e compreendido a partir dos pressupostos de cada corrente filosófica: ora de forma pessimista, ora valorizando o homem nas suas potencialidades. Para Erich Fromm o homem é igual e ao mesmo tempo diferente da natureza: ele é munido de personalidade, de temperamento, de dinamismo e de caráter que “não tem apenas a função de permitir ao indivíduo agir coerente e ‘razoavelmente’; é, também, sua base de ajustamento à sociedade” (FROMM, 1961).

Essas diferentes abordagens filosóficas ao longo da história evidenciam a constante busca da humanidade por compreender a sua própria natureza e lugar no mundo, revelando a riqueza e a complexidade inerentes à condição humana. Cada período histórico e cada corrente de pensamento contribuíram para enriquecer nossa compreensão do que significa ser humano, ressaltando a diversidade e a profundidade das reflexões em torno da questão fundamental sobre a identidade do homem. Assim, a jornada filosófica em busca do entendimento do ser humano continua a ser um dos pilares do pensamento humano, enriquecendo nosso conhecimento e nossa apreciação pela complexidade e singularidade da experiência humana. Todavia, a própria filosofia reconhece que o homem tem uma abertura ao Transcendente, que o torna sujeito religioso, que busca se relacionar com o Sagrado/Divino: “a religião é o conjunto de conhecimentos, de ações e de estruturas com que o homem exprime reconhecimento, dependência, veneração com o Sagrado” (MONDIN, 1980, p. 248).

Este homem que se relaciona com o Divino pode ser dividido em dois grupos: aqueles que vivem a experiência religiosa e, a partir desta, sentem a presença do Sagrado, aceitando em nível psíquico, acolhendo de modo consciente em nível espiritual e manifestando em nível corpóreo; ou aqueles que rejeitam esta presença, pois não aceitam em nível psíquico e possivelmente elaboram em nível intelectual afirmações teóricas para justificarem as suas ideias sobre a presença ilusória do divino, esta é a via do ateísmo. Seja afirmando, de forma confessional; seja negando, a partir a teorização, o homem se relaciona com o sagrado (ALES BELLO, 2020, p.27).

É preciso ter claro que o pressuposto para esta crítica é a fé, uma vez que o homem sem fé afirma que a presença do sagrado é ilusória (ALES BELLO, 2020, p. 27). Assim, o homem religioso, munido da fé, tem a predisposição de se relacionar com Deus, visto que a “relação é a propriedade pela qual um ser está em harmonia

essencial com outro” (JOLIVET, 1975, p. 178), em outras palavras, a realidade humana se une à Realidade Divina num fenômeno denominado relação.

A obra *Teologia na Pós-modernidade* (TRASFERETTI; GONÇALVES, 2003) afirma que quatro realidades são essenciais para a compreensão do homem como um ser de relação com Deus: a fé positiva; a historicidade; a necessidade da antropologia dialogar com a Teologia; e a afirmação de que o homem tem algo além da subjetividade.

A fé positiva compõe a constituição humana em todas as suas dimensões, de modo que o homem é valorizado em todas as suas estruturas. A história – não enquanto sucessão de tempos, mas como mensuração das ações humanas – é importante, pois mostra que o homem é e está nas realidades de *cronos* (tempo) e de *kairós* (tempo da graça). Em outras palavras, o Divino olha com benignidade para o homem que está dilacerado pelo *cronos*, esse tempo que envelhece, entristece, distancia; e oferece o *kairós*, que transcende todas essas realidades e mostra que a revelação divina acontece em consonância com a fé positiva e a historicidade humana. Por isso, faz-se mister o diálogo entre a teologia, a antropologia, a psicologia e as outras ciências, pois o método científico é o pressuposto para a elaboração das teorias. Por fim, a *transcendentalidade* revela que o homem tem algo além da sua subjetividade, mas que não chega ser algo objetivo, pois é próprio do homem. Esta realidade transcendente faz com que o ser humano (enquanto finito) se relacione com o Sagrado, que é infinito (TRASFERETTI; GONÇALVES, 2003, p. 263).

Após explorarmos as diversas definições e concepções do homem presentes tanto na filosofia quanto na teologia, compreendemos a importância dessas disciplinas como ferramentas essenciais para o discernimento do sentido da vida. A partir desta perspectiva, o objetivo deste capítulo é investigar a mística como uma resposta profunda e significativa à inquietação intrínseca que permeia a condição humana. Através da mística, o homem busca não apenas compreender, mas também vivenciar e transcender as limitações e incertezas que envolvem a busca pelo significado e propósito da sua existência.

1.1 O conceito de Mística

Adentrar no universo da mística é mergulhar em um campo de conhecimento do Sagrado e de autoconhecimento, ou seja, consiste em conhecer a Deus e conhecer a si mesmo: o Objeto da Mística e o Sujeito Místico. Para isso, é preciso compreender

a origem do conceito e sua evolução ao longo da história das religiões e tradições espirituais. A mística transcende fronteiras culturais e religiosas, sendo um caminho universal de busca pela conexão com o divino e pela compreensão mais profunda da existência humana. Nesse sentido, explorar a mística é adentrar em um terreno fértil de reflexão, contemplação e experiência espiritual, onde o encontro com o transcendente se entrelaça com a jornada interior de cada indivíduo em busca de significado e plenitude.

Os termos *mystérion* (ritual secreto), *mystiké* (relativo ao ritual secreto) e *mystés* (iniciado) são originários dos cultos de Mistério gregos, especialmente os de Orfeu, de Dionísio e de Elêusis, sendo este último considerado os Mistérios por excelência. A raiz destes termos está conectada ao verbo *myein*, silenciar-se, sendo que o sentido de 'secreto' está presente de alguma forma em todos eles. O sentido básico de *mystérion* é sinônimo de *teleuté* e quer dizer *ritual secreto de iniciação*. (PINHEIRO, 2022, p.14)

Além desta definição que relaciona a mística àquilo que está escondido, oculto, ou que está em segredo, a indagação sobre o sentido da palavra leva à compreensão de um processo, ou seja, um procedimento acompanhado de um ritual que está dividido em etapas. Este procedimento ritualístico procura concretizar consecutivos estados psíquicos progressivamente intensos, que revelam o que é divino e oculto àqueles que iniciam a imersão na mística e este, por sua vez, passa a compartilhar daquela experiência, conferindo-lhe um aspecto salvífico (especialmente no *post-mortem*) (PINHEIRO, 2022, p.14).

Aquele que é iniciado no caminho da mística, a partir das emoções intensas e até contraditórias – como medo e anseio, irritação e prazer, esperança e desespero, alegria e tristeza – alcança um grau que não se reconhece mais, isto é, o iniciante mergulha de tal modo no mistério que sai de si: este mergulhar é denominado *ékstasis* (êxtase). Vale ressaltar ainda que o termo *teleuté* (fim) enfatiza o aspecto dinâmico do processo ritual do iniciado na mística, pois acontece um aprimoramento pessoal à medida em que o sujeito vai sendo purificado para participar do divino no seu êxtase (PINHEIRO, 2022, p.14).

Como é sabido, existem muitas expressões da mística, todavia, nossa pesquisa tem a intenção de enfatizar a mística cristã. Segundo Clemente de Alexandria, a mística cristã tem duas fontes: a filosofia grega e a lei hebraica. É, por isso, que, em um primeiro momento, as ideias platônicas vão orientar a forma como os místicos compreendem a sua relação com Deus. Além disso, a bíblia se torna também um

ponto nuclear da mística, onde se encontra no Antigo e Novo Testamentos as bases para se refletir a mística cristã (PINHEIRO, 2022, p. 14).

Para a Teologia Católica, o conceito de mística está intimamente ligado à ideia de perfeição: “Os cristãos, de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade” (LUMEN GENTIUM, 1997, p. 160), nas palavras do Evangelho: “Sede perfeitos, como o vosso Pai Celeste é perfeito” (Mt 5, 48).

Para alcançar esta perfeição, empreguem os fiéis as forças recebidas segundo a medida em que Cristo as dá, a fim de que [...] obedecendo em tudo à vontade do Pai, se consagrem com toda a alma à glória do Senhor e ao serviço do próximo. Assim crescerá em frutos abundantes a santidade do povo de Deus, como patentemente se manifesta na história da Igreja, com a vida de tantos santos (LUMEN GENTIUM, 1997, p. 160).

Este caminho espiritual leva à união cada vez mais íntima com Jesus Cristo. Esta união é denominada *mística*, pois o fiel é inserido no mistério de Cristo através dos sacramentos – que também são chamados de *os santos mistérios* – e, no mistério de Cristo, participa, igualmente, do mistério da Santíssima Trindade. Segundo a Teologia Católica, Deus chama a humanidade para vivenciar esta íntima união com Ele (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, nº 2014).

Entretanto, a abordagem da nossa pesquisa não é teológica e, por isso, é preciso tratar a mística como um objeto das Ciências da Religião. Neste sentido, a mística precisa ser analisada como um fenômeno e, segundo Juan Martín Velasco, este fenômeno, que é inefável, é manifestado no testemunho, ou seja, na linguagem dos místicos e na experiência mística.

A forma de se expressar dos místicos chamava a atenção de seus contemporâneos. Os próprios místicos foram os primeiros a experimentar a dificuldade de expressar o que viviam e justificaram certos recursos de sua linguagem à natureza inteiramente peculiar das realidades percebidas e da experiência que os colocava em contato com elas, ou seja, é desafiador para o sujeito místico descrever suas experiências, assim, eles atribuíam certos aspectos de sua linguagem à singularidade das realidades percebidas e das experiências que vivenciavam. Uma característica relevante da linguagem dos místicos concerne à sua proximidade com a experiência, isto é, fala-se o que se vive e vive embasado no que é falado. A linguagem mística encontra seu sentido na experiência, ou seja, o místico fala do que experimentou e não do que ouviu dizer. É neste sentido que o místico reconhece esta

insuficiência da linguagem para traduzir sua experiência com o sagrado, pois conceituar o extraordinário é desafiador (VELASCO, 2009, pp. 18-19).

Mas essa exaustiva luta dos místicos com as palavras não leva ao naufrágio de sua linguagem. Pelo contrário, liberta forças criativas que geram uma nova linguagem, despertam as suas capacidades expressivas e levam ao limite a potência significativa das palavras através do que J. Baruzzi chamou 'transmutações operadas nas palavras extraídas da linguagem normal'. Tais transmutações são realizadas por meio de todos os tipos de artifícios: adjetivos, prefixos, superlativos, pontos de exclamação etc (VELASCO, 2009, p. 19, tradução nossa).

É importante ressaltar que, dentre as diversas características da linguagem mística, a sua condição simbólica é essencial, não somente porque os escritos dos místicos são repletos de símbolos, entretanto porque a linguagem mística é elementarmente simbólica. Esta condição leva o sujeito místico a enxergar a presença do Sagrado (que ele é agraciado) em todas as coisas (VELASCO, 2009, p.19).

A linguagem se revela muito importante no cenário da mística, todavia é interesse da nossa pesquisa se debruçar sobre a experiência, pois é nela que a mística se apresenta ainda mais eficazmente como objeto fenomenológico das Ciências da Religião. O fenômeno religioso da mística é captado no testemunho e, por isso, a palavra testemunho é muito relevante.

A grande dificuldade de se definir a experiência mística é a diversidade de fatos que se referem a esta expressão, que podem acontecer nos mais variados âmbitos da vida humana: "o das experiências éticas, estéticas, filosóficas, e o das relações pessoais em certo grau de intensidade" (VELASCO, 2009, p. 23). O conteúdo das experiências místicas é muito vasto e, por isso, seria impossível apresentá-lo todo, mas existe algo em comum: a relação com o transcendente, que são vividos em episódios relativamente breves, em que o sujeito místico entra em relação com outra realidade que está para além dele (VELASCO, 2009, p. 24).

É preciso, também, distinguir a experiência mística não religiosa (denominada profana) e a experiência mística religiosa. Em ambos os casos existe uma experiência com o transcendente, todavia, na experiência mística religiosa, o sujeito entra em contato com a realidade transcendente e, ao se relacionar, identifica-o como Deus (dando a essa palavra o significado que a própria tradição lhe atribui) (VELASCO, 2009, p. 25).

O sujeito místico, no contexto religioso, é convidado a dar uma resposta a esta experiência, que é traduzida no reconhecimento e na aceitação da presença daquela

realidade inteiramente transcendente que se revela. Essa resposta corresponde àquilo que o cristianismo chama de atitude teológica, isto é, fé-esperança-caridade; que o judaísmo chama de obediência e fidelidade; que o islã chama de submissão total à vontade de Alá; dentre outras (VELASCO, 2009, p. 26).

Surgindo desta resposta humana muito peculiar à presença do Mistério, as chamadas experiências místicas, pelo menos as de caráter religioso, surgem como formas peculiares de realização, como “experiências” – nas diversas facetas da condição humana: a razão, o sentimento, a vontade e toda a vida do ato de entrega à Presença originária e convocadora da realidade sobre-humana, raiz e conteúdo da experiência. A partir desta raiz, explicam-se as modalidades concretas das diferentes experiências qualificadas como místicas (VELASCO, 2009, p. 26, nossa tradução).

É importante ressaltar que na experiência mística, o místico vai para além dos sentidos: aquilo que é apresentado a ele não é visto somente como uma realidade objetiva, ou seja, ele se sente tocado e convidado a se fundir com a realidade apresentada na experiência com o transcendente. É por isso que a experiência mística tem uma certa passividade, pois o sujeito é tocado pelo mistério. Afirma Santa Teresa D’Ávila: “aconteceu comigo”. Nesta mesma perspectiva, afirma Simone Weil (que foi uma escritora, mística e filósofa francesa): “O próprio Jesus Cristo desceu e me levou”. Sendo assim, a experiência do sujeito místico é pessoal e só pode ser percebida através da narrativa desta experiência (VELASCO, 2009, p. 27).

1.2 As fontes da mística cristã

A mística dos primeiros cristãos, intrinsecamente ligada ao contexto do Judaísmo do Segundo Templo, reflete uma espiritualidade multifacetada com diversas vertentes. Influenciados pelas tradições judaicas, os primeiros cristãos exploravam diferentes modelos de espiritualidade, destacando-se o visionário e especulativo, associado à apocalíptica, e o poético-metafórico, centrado na oração e na poesia. Esses modelos representavam abordagens distintas na busca pela conexão com o divino, refletindo a diversidade de práticas espirituais presentes na comunidade cristã primitiva.

A visão e a imaginação desempenhavam papéis fundamentais na compreensão e vivência da espiritualidade descrita nos textos analisados. Através de narrativas visionárias e descrições detalhadas, os textos místicos buscavam estimular a visualização de novas realidades e a compreensão de mistérios celestiais, promovendo uma experiência espiritual intensa e transformadora. Essa prática mística

envolvia não apenas a mente, mas também as emoções e o corpo, permitindo aos indivíduos mergulharem em um estado de contemplação profunda e conexão com o divino.

Na discussão que se seguirá, será explorada a relação entre a fonte judaica e a fonte jesuânica no contexto da mística dos primeiros cristãos, bem como a tradição eremítica como fundamento da espiritualidade mística. A fonte judaica representa as tradições espirituais e literárias do Judaísmo do Segundo Templo, que influenciaram profundamente a espiritualidade dos primeiros cristãos. Por sua vez, a fonte jesuânica refere-se às experiências místicas e narrativas relacionadas a Jesus de Nazaré e sua interação com as tradições judaicas. Por fim, a fonte eremítica ressalta a experiência da solidão do deserto no encontro com Deus, a partir do desprendimento das realidades temporais.

Ao analisar a fonte judaica, que inclui elementos como a oração, a poesia mística e as narrativas visionárias presentes em textos como os apocalipses e os salmos, podemos identificar as raízes da espiritualidade cristã primitiva e sua conexão com as práticas e crenças judaicas. Essa fonte oferece insights valiosos sobre a forma como os primeiros cristãos interpretaram e adaptaram as tradições judaicas em seu próprio contexto espiritual.

Por sua vez, a fonte jesuânica destaca as experiências místicas associadas a Jesus de Nazaré e sua relação com figuras como Moisés e Elias, revelando aspectos da identidade e da missão de Jesus dentro de um contexto místico. A interação entre a fonte judaica e a fonte jesuânica evidencia a continuidade e a transformação das tradições espirituais judaicas no desenvolvimento da espiritualidade cristã primitiva.

Além disso, a fonte eremítica desempenha um papel crucial na mística cristã, representando a busca pela santidade e a consagração a Deus por meio da vida eremítica. O eremita, ou monge, retira-se para o deserto em busca de uma vida de oração, silêncio e solidão, professando os conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência como antídotos para os obstáculos à santificação.

Portanto, ao explorar a fonte judaica, a fonte jesuânica e a fonte eremítica, será possível compreender melhor a complexidade e a riqueza da mística dos primeiros cristãos, bem como a influência mútua entre as tradições judaicas e cristãs na formação de um conceito de espiritualidade.

1.2.1 A fonte judaica

Para compreendermos a influência da fonte judaica para a consolidação da mística cristã, analisaremos o texto *Mística e Judaísmo*, de Alexandre Leone, presente na obra *A mística e os místicos*, que aborda a forma como a experiência do encontro humano-divino é vivenciada na tradição judaica, bem como as tensões dialéticas que surgem a partir dessa vivência. Ao explorar a complexidade e profundidade desse encontro, o texto busca responder a duas questões fundamentais: como a tradição judaica interpreta e vivencia a relação entre o ser humano e o divino, e de que maneira as tensões dialéticas resultantes desse encontro se manifestam ao longo da jornada espiritual dos fiéis (LEONE, 2022, pp. 53-78).

Na tradição judaica, a experiência do encontro humano-divino é vivenciada como uma profunda e complexa interação entre a finitude humana e a infinitude divina. Nesse contexto, a condição contingente e multifacetada da humanidade se confronta com a unicidade simples e magnífica da divindade, gerando uma tensão dialética que permeia toda a experiência religiosa. Esse encontro é descrito como algo além das palavras e conceitos, desafiando a compreensão racional, mas carregado de um profundo significado ontológico e ético, conforme destacado por Abraham Joshua Heschel.

Essa vivência do encontro humano-divino na tradição judaica é considerada como um momento inefável, que transcende as limitações da linguagem e do pensamento humano. É uma experiência que se revela como um desafio constante, convidando os fiéis a mergulharem em uma dimensão espiritual que vai além do intelecto. A tensão dialética entre a finitude humana e a infinitude divina é vista como essencial para a compreensão mais profunda da relação entre o ser humano e o divino.

Assim, a tradição judaica valoriza esse encontro como uma fonte de significado e orientação ética, destacando a importância da experiência mística e do diálogo contínuo com o transcendente. Essa dinâmica complexa entre o humano e o divino permeia toda a jornada espiritual dos seguidores do judaísmo, convidando-os a explorarem as profundezas da existência e a se conectarem com a essência divina que habita em cada ser humano.

Para responder a segunda questão é importante ressaltar que a experiência do encontro humano-divino na tradição judaica gera tensões dialéticas significativas que se manifestam de diversas formas ao longo da jornada espiritual dos fiéis. Uma dessas

tensões está relacionada à dualidade entre a finitude humana e a infinitude divina, criando um constante desafio para conciliar a natureza limitada do ser humano com a grandiosidade e transcendência de Deus. Essa dicotomia entre o terreno e o divino pode gerar conflitos internos e questionamentos profundos sobre a própria natureza da existência e da relação com o sagrado.

Além disso, a tensão entre a imanência e a transcendência divinas também se faz presente nessa experiência, evidenciando a complexidade da relação entre o ser humano e o divino. Enquanto a imanência divina sugere a presença contínua e acessível de Deus no mundo e na vida cotidiana, a transcendência divina aponta para a distância e a grandiosidade inatingível do sagrado. Essa dualidade entre a proximidade e a distância divinas pode gerar um senso de busca constante por uma compreensão mais profunda e equilibrada da presença de Deus na existência humana.

Por fim, a tensão entre o inefável e a necessidade de expressão verbal e conceitual também surge nessa experiência, desafiando os limites da linguagem e do pensamento humano diante da magnitude do encontro com o divino. A dificuldade em traduzir em palavras e conceitos essa experiência transcendental pode levar os fiéis a explorarem diferentes formas de expressão simbólica e ritualística, buscando capturar a essência desse encontro único e transformador. Essas tensões dialéticas enriquecem a experiência religiosa judaica, convidando os crentes a mergulharem nas profundezas do mistério divino e a refletirem sobre a complexidade da relação entre o ser humano e Deus.

1.2.2 A fonte jesuânica

Para compreendermos a influência da fonte jesuânica para a consolidação da mística cristã, analisaremos o texto *A fonte jesuânica*, de Paulo Augusto de Souza Nogueira e Marcio Capelli, presente na obra *A mística e os místicos*. Este texto explora a forma como a experiência do encontro humano-divino é vivenciada na tradição cristã, destacando as nuances e complexidades inerentes a essa relação. Ao investigar a interpretação e vivência da relação entre o ser humano e o divino na tradição cristã, bem como as tensões dialéticas que surgem desse encontro, busca-se compreender de que maneira tais elementos se manifestam ao longo da jornada espiritual dos fiéis, contribuindo para a compreensão mais profunda da mística cristã (NOGUEIRA; CAPELLI, 2022, pp. 80-91).

A mística dos primeiros cristãos está intrinsecamente ligada ao contexto do Judaísmo do Segundo Templo, refletindo uma espiritualidade multifacetada com diversas vertentes. Os primeiros cristãos, influenciados pelo judaísmo, mantinham conexões com formas de relacionamento com Deus presentes na época. Essa ligação se manifestava em dois modelos principais de espiritualidade: o visionário e especulativo, associado à apocalíptica, e o poético-metafórico, que explorava a mística da oração e da poesia. Esses modelos representavam diferentes abordagens para a busca de conexão com o divino, refletindo a diversidade de práticas espirituais presentes na comunidade cristã primitiva.

A visão e a imaginação desempenhavam papéis fundamentais na compreensão e vivência da espiritualidade jesuânica. Através de narrativas visionárias e descrições detalhadas, os textos místicos buscavam estimular a visualização de novas realidades e a compreensão de mistérios celestiais, promovendo uma experiência espiritual intensa e transformadora. Essa prática mística envolvia não apenas a mente, mas também as emoções e o corpo, permitindo ao indivíduo mergulhar em um estado de contemplação profunda e conexão com o divino.

Os relatos sobre a ascensão de homens santos aos céus para contemplar revelações, presentes em textos apocalípticos, exemplificam a importância da visualização e da transformação na espiritualidade judaica e cristã primitiva. Essas narrativas visionárias, que incluíam elementos como visões celestiais, poderes angelicais e descrições do culto divino, tinham o propósito de proporcionar uma compreensão mais profunda do mundo espiritual e do plano divino. A experiência mística era caracterizada pela metamorfose do visionário, simbolizando a transfiguração e a proximidade com o divino.

Ao explorar a relação entre Jesus e as tradições judaicas, é possível identificar elementos de misticismo e revelação divina. O encontro de Jesus com Moisés e Elias, descrito como uma experiência que o transforma e o legitima como um profeta celeste, revela a complexidade da espiritualidade cristã primitiva e sua conexão com as tradições judaicas. Essa experiência mística, narrada com elegância e discrição, sugere uma compreensão mais profunda da identidade e do papel de Jesus como um revelador divino, inserido na linhagem dos profetas.

Em suma, a mística dos primeiros cristãos refletia uma rica herança espiritual, enraizada nas tradições judaicas do Segundo Templo. A diversidade de práticas e abordagens espirituais presentes na comunidade cristã primitiva evidencia a

complexidade e a profundidade da busca pela conexão com o divino. A visualização, a transformação e a contemplação de novas realidades desempenhavam papéis essenciais nesse contexto, permitindo aos indivíduos uma experiência íntima e significativa com o sagrado. A interação entre as tradições judaicas e as novas experiências cristãs contribuiu para a formação de uma espiritualidade única e profundamente enraizada em conceitos místicos e revelatórios.

1.2.3 A fonte eremítica

A fonte eremítica desempenha um papel fundamental na mística cristã, sendo uma referência importante para aqueles que buscam uma vida de recolhimento e contemplação. Inspiradas nas proposições de Vanderlei de Lima (DE LIMA, 2022), as reflexões a seguir exploram o significado e a importância do eremita na tradição espiritual. Um eremita, cuja origem da palavra vem do latim *eremus* (= deserto), era originalmente aquele que se retirava para o deserto a fim de viver dedicado a Deus na oração, no silêncio e na solidão. Este estilo de vida é considerado o primeiro tipo de vida consagrada masculina na Igreja, sendo posteriormente abraçado também por mulheres (DE LIMA, 2022, p. 29). Existem dois tipos de vida eremítica, a saber:

Podemos distinguir, para efeito de legislação canônica, dois tipos de eremitas: os ligados a uma Associação ou Instituto reconhecido pela autoridade eclesiástica competente, com sua Regra de vida própria, e os autônomos, regidos pelo cânon 603 do Código de Direito Canônico, de 1983. Os ligados a uma Associação ou Instituto aprovado pela Igreja vivem de modo isolado, mas emitem seus votos (ato canônico juridicamente válido) aos superiores da instituição em que entraram. Os chamados autônomos, por não estarem ligados a uma instituição que abriga esse tipo de vida, fazem seu compromisso (votos ou algo equivalente) nas mãos do Bispo diocesano e seguem suas diretrizes. Diga-se que tanto uma como outra modalidade de eremitismo não deve ser vista como fuga da realidade (o que não seria sadio), mas, sim, como entrega a Deus em favor dos(as) irmãos(ãs) (DE LIMA, 2022, pp. 29-30).

Lima ainda afirma que a profissão dos conselhos evangélicos é um ato sagrado realizado pelo eremita, também conhecido como monge, que se compromete com os votos de pobreza, castidade e obediência, unindo-se assim à busca pela santidade na comunidade da Igreja. Esses três votos fundamentais da consagração são vistos como antídotos para os obstáculos à santificação descritos na Sagrada Escritura. Como menciona a Sagrada Escritura: “O que há no mundo - a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida - não vem de Deus” (1Jo 2,16).

Portanto, a Igreja propõe a castidade para a concupiscência da carne, a pobreza para a concupiscência dos olhos e a obediência para a soberba da vida.

Quanto à rotina diária do eremita, ele busca viver em constante busca pela perfeição à qual todos os cristãos são chamados, participando da oração pública da Igreja, como a Santa Missa e a Liturgia das Horas ao longo do dia, além de dedicar-se à oração pessoal, como o Rosário, a meditação da Sagrada Escritura e a adoração eucarística. Além disso, ele pratica a caridade, atendendo aos pedidos de orações e aconselhamentos que recebe, estuda, trabalha e se dedica à caridade pastoral.

No aspecto material, o eremita sustenta-se de forma simples, confiando na Divina Providência por meio do fruto de seu trabalho e das doações daqueles que reconhecem o valor desse estilo de vida para a Igreja e a humanidade em geral. A oração é considerada a essência da vida, sendo o meio de contemplar a presença de Deus. Esse modo de vida representa um belo exemplo de seguir a Cristo de perto, aberto a homens e mulheres de todas as épocas e lugares.

1.3 Os místicos modernos

Na vasta lista dos místicos modernos, Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz se destacam como pilares das discussões sobre mística, cujas obras e vivências espirituais continuam a ecoar através dos tempos, influenciando não apenas os fiéis de sua época, mas também inspirando inúmeras pessoas que buscam uma conexão mais profunda com o divino. A relevância desses dois santos místicos é reconhecida não apenas dentro dos círculos religiosos, mas também no âmbito acadêmico e cultural.

É interessante notar que mesmo em tempos mais recentes, figuras ilustres como Charles de Foucauld encontraram em Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz modelos a serem seguidos: verdadeiras fontes de luz e orientação em suas próprias jornadas espirituais. O fato de Charles de Foucauld dedicar parte de seu tempo diário para a leitura e reflexão das obras desses dois grandes místicos revela não apenas a profundidade de sua devoção, mas também a importância que atribuía às experiências místicas e ensinamentos transmitidos por eles: “Orações, leituras e intervalos: ler 2 páginas de Santa Teresa e 2 páginas de São João da Cruz” (FOUCAULD, *A sós com Deus*, pg. 194-195).

Nesse contexto, a pesquisa que enfatiza a experiência mística de Charles de Foucauld ganha ainda mais relevância e significado, pois busca não apenas

compreender a trajetória espiritual desse renomado místico moderno, mas também contextualizá-la dentro de uma tradição mais ampla de busca pela união com o sagrado, revelando assim a continuidade e as influências da experiência mística ao longo da história da espiritualidade cristã.

1.3.1 Teresa D'Ávila

Este tópico é o resultado da análise do texto *Teresa de Ávila*, escrito por Lúcia Pedrosa-Pádua, presente na obra *A mística e os místicos*. Através dessa reflexão sobre a vida e obra de Santa Teresa de Ávila, busca-se aprofundar o conhecimento sobre a espiritualidade mística e os ensinamentos transmitidos por essa renomada figura da tradição cristã. Bem como apresentar as conexões entre a experiência mística de Santa Teresa e os temas abordados em sua obra, enriquecendo assim a compreensão sobre a mística cristã e sua relevância.

Santa Teresa de Ávila, uma das grandes místicas da tradição cristã, deixou um legado significativo por meio de suas obras e experiências espirituais. Suas principais obras incluem o "Livro da Vida", "Caminho de Perfeição" e "Castelo Interior ou Moradas". No "Livro da Vida", escrito em 1565, Teresa narra sua jornada espiritual, destacando seu encontro com Deus pela oração e os impactos desse encontro em sua vida. Ela aborda temas como os graus da oração e a centralidade da humanidade de Cristo na vida mística. Já em "Caminho de Perfeição", Teresa discute a importância da oração como trato de amizade, enfatizando a relação de amor com Deus e a necessidade de humildade, desapego e amor nesse caminho espiritual. Por fim, em "Castelo Interior ou Moradas", Teresa explora a dinâmica do encontro entre Deus e a alma, representada pelo símbolo do castelo interior, e destaca a união espiritual com Deus através de Jesus Cristo.

A experiência de encontro com Deus narrada por Santa Teresa em seu "Livro da Vida" revela uma jornada espiritual marcada por momentos de profunda conexão com o divino. Desde a infância, Teresa sentiu a presença de Deus em sua vida, o que a impulsionou a buscar uma relação mais íntima por meio da oração. Ao longo de sua narrativa, ela descreve os dinamismos desse encontro, que a transformaram como mulher, escritora e fundadora. A centralidade da sagrada humanidade de Cristo em sua experiência mística é evidente, culminando em uma união espiritual profunda e significativa.

Além do cristianismo ocidental, Santa Teresa de Ávila influenciou diversas tradições espirituais e filosóficas ao longo dos séculos. Sua abordagem da oração como trato de amizade e a valorização da humanidade de Cristo como caminho para a união com Deus ressoam em diferentes correntes espirituais. Nos dias de hoje, suas obras continuam relevantes, inspirando pessoas a buscar uma vida de oração, humildade e amor. A mensagem de Teresa sobre a importância do encontro pessoal com o divino e a transformação interior ainda ecoa em busca de significado e espiritualidade.

Santa Teresa de Ávila, com sua sabedoria e experiência espiritual, deixou um legado atemporal que transcende fronteiras e crenças, convidando cada indivíduo a buscar uma relação íntima com o divino e a viver uma vida fundamentada no amor, na humildade e na busca pela perfeição espiritual. Suas obras continuam a inspirar e guiar aqueles que buscam uma jornada de crescimento interior e conexão com o sagrado.

1.3.2 João da cruz

São João da Cruz, um dos grandes místicos espanhóis do século XVI, deixou um legado significativo de escritos que exploram a jornada espiritual em direção à união com Deus. Entre suas diversas obras, destaca-se o "Cântico Espiritual", que é considerado uma síntese do seu pensamento e experiência mística. Esta reflexão sobre a importância e complexidade do "Cântico Espiritual" de João da Cruz é inspirada no texto "O Cântico Espiritual de João da Cruz", presente na obra "Malhas da Mística Cristã" de Faustino Teixeira. Neste texto, são abordados aspectos fundamentais da obra de João da Cruz, como as três vias tradicionais do caminho místico e a relação com a mística nupcial, além de estabelecer a relação entre busca e encontro, caminho que percorre a alma que deseja se encontrar com Deus.

O "Cântico Espiritual" de João da Cruz é uma obra poética que expressa de forma profunda e simbólica a busca do ser humano pela união com o divino. Através de metáforas e imagens vívidas, o poema descreve a jornada espiritual do "amado" em direção ao encontro com o "Amado", simbolizando a busca da alma pela união com Deus. A estrutura do poema reflete as três vias tradicionais do caminho místico: a via purgativa, a via iluminativa e a via unitiva. Cada estrofe do poema representa um estágio nessa jornada espiritual, marcada pela purificação da alma, pela iluminação interior e pela união mística com Deus.

A via purgativa, representada nas primeiras estrofes do poema, simboliza o início da busca espiritual, marcado pela purificação da alma e pela luta contra os desvios. Neste estágio, a alma busca se libertar das impurezas e dos apegos terrenos que a impedem de se aproximar de Deus. A via iluminativa, por sua vez, representa um estágio de maior crescimento espiritual, no qual a alma se aprofunda na prática das virtudes e na busca pela verdade interior. É um momento de maior clareza e compreensão espiritual, no qual a alma se aproxima da luz divina que a guiará em direção à união com Deus.

Finalmente, a via unitiva, que marca o ápice da jornada espiritual, representa a união mística da alma com Deus. Neste estágio, a alma experimenta uma profunda comunhão com o divino, transcendendo as barreiras da individualidade e fundindo-se com a essência divina. É o momento de plenitude e êxtase espiritual, no qual a alma se torna um com o Amado e vive em constante união com Ele.

A obra de João da Cruz, em especial o "Cântico Espiritual", é um testemunho da profunda experiência mística do autor e de sua busca incansável pela união com Deus. A linguagem simbólica e metafórica do poema revela a riqueza e a complexidade do pensamento de João da Cruz, que soube expressar de forma poética e profunda os mistérios da vida espiritual. A relação entre as três vias tradicionais do caminho místico e a estrutura do poema demonstram a profundidade e a coerência do pensamento do autor, que soube guiar o leitor em uma jornada espiritual rumo à união com o divino.

Em suma, o "Cântico Espiritual" de João da Cruz é uma obra-prima da literatura mística que sintetiza não apenas o pensamento do autor, mas também a experiência mística de toda uma tradição espiritual. Através de suas metáforas e imagens poéticas, o poema nos convida a mergulhar nas profundezas da alma e a buscar a união com o divino, inspirando-nos a trilhar o caminho da busca espiritual com coragem e devoção.

1.4 Charles de Foucauld: o Sagrado Coração de Jesus, o social e o Catolicismo

A experiência mística de Charles de Foucauld é o objeto desta pesquisa acadêmica e será tratado com mais propriedade no próximo capítulo, todavia, em caráter introdutório, faz-se necessário situar o eremita no cenário da mística, ressaltando as particularidades da sua vida despojada no deserto do Saara, bem como sua devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

Neste tópico, exploraremos a interseção entre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, o compromisso social em relação aos pobres, escravos e militares, e a visão do Catolicismo, especialmente por meio das falas dos Papas. Nosso objetivo é analisar como a devoção a essa representação simbólica do amor divino influenciou Charles de Foucauld em sua abordagem única que integra contemplação e ação, destacando a importância de viver a fé de maneira engajada e solidária. Ao examinar as perspectivas dos Papas sobre a vida do eremita, para compreender como a devoção ao Sagrado Coração de Jesus pode inspirar e orientar a prática do compromisso social e a busca pela santificação em consonância com os princípios evangélicos.

1.4.1 A devoção ao Sagrado Coração de Jesus

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus desempenhou um papel fundamental na vida espiritual de Charles de Foucauld, guiando-o em sua jornada de fé e caridade. Para compreender plenamente essa devoção, é essencial mergulhar nas raízes bíblicas e na Tradição da Igreja, onde encontramos a essência do amor misericordioso e compassivo de Cristo. Na Sagrada Escritura, o Coração de Jesus é símbolo do amor divino incondicional, da redenção e da misericórdia infinita, revelando-nos a profundidade do amor de Deus pela humanidade. Na Tradição da Igreja, a devoção ao Sagrado Coração é um convite à contemplação do amor sacrificial de Cristo, à imitação de sua mansidão e humildade, e à entrega total de si mesmo em serviço aos outros. A mansidão e a humildade exemplificadas no Coração de Jesus nos inspiram a viver com compaixão, perdão e generosidade, refletindo a ternura e a misericórdia do Salvador em nossas ações diárias. Assim, ao integrar a devoção ao Sagrado Coração de Jesus ao seu cotidiano, Foucauld se sentia chamado a viver com um coração aberto, compassivo e cheio de amor, seguindo o exemplo de humildade e serviço de Cristo em todas as áreas da vida (DE LIMA, 2022, p. 85).

Na Sagrada Escritura, mesmo sabendo que a tradição veterotestamentária não faz menção ao Sagrado Coração de Jesus, pode-se encontrar nela, em sinais prefigurativos, elementos que podem ajudar na compreensão de um Coração Amoroso de Deus que se inclina ao povo. Sobre isso, afirma Dom Veremundo A. Tóth, na sua obra *Por sinais ao invisível: o simbolismo de Santa Mectildes e Santa Gertrudes*: as passagens bíblicas do Antigo Testamento: “conduziram os fiéis bem próximo ao tesouro do Sagrado Coração”. Alguns trechos podem fundamentar esta

assertiva, como os que seguem: “Roubaste meu coração minha irmã, noiva minha, roubaste meu coração com um só dos teus olhares” (Ct 4,9) e “Coloca-me, como sinete sobre teu coração” (Ct 8,6); (DE LIMA, 2022, pp. 85-86).

No Novo Testamento, quatro passagens significativas ressaltam a importância do Coração de Jesus: Em Mateus 11,29, Jesus faz o convite para tomar o seu jugo e aprender com Ele, pois Ele é manso e humilde de coração, prometendo descanso àqueles que o procuram. Em Lucas 6,45, é mencionado que uma pessoa boa tira coisas boas do tesouro do seu coração. No Evangelho de João, o discípulo amado se inclina no peito de Jesus durante a última ceia (João 13,23), e, de forma marcante, em João 19,34, na crucificação, quando um soldado perfura o peito de Jesus com uma lança, fazendo jorrar sangue e água. Essas passagens destacam a profundidade do amor e da misericórdia presentes no Coração de Jesus: convite a refletir sobre a mansidão, a humildade e a entrega total exemplificadas por Ele (DE LIMA, 2022, pp. 85-86).

Na tradição: A doutrina da devoção ao Sagrado Coração é confirmada pelos Padres da Igreja e pela veneração ininterrupta que os fiéis Lhe tributam e os Papas confirmam, mas só com o correr do tempo passou a ser objeto de culto especial entre o Povo de Deus, sobretudo na Idade Média e, de um modo muito mais difundido, a partir do século XVIII, com Santa Margarida Maria Alacoque e São Cláudio de la Colombière, seu confessor. Daí não decorre, porém, que essa devoção seja apenas fruto de revelação particular: ela está, como se vê, no cerne da fé cristã propagadora do amor - inclusive aos inimigos (cf. Mt 5,44) - representado no Coração de Jesus. A esse Sagrado Coração a Igreja presta o culto de latría (adoração), pois é o coração humano assumido pela Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, Jesus Cristo. Assim, quem cultua esse Coração, cultua a Pessoa do Senhor Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Nesse Coração, está a sede da caridade para com os homens e mulheres de todos os tempos. (DE LIMA, 2022, p. 86)

É evidente que a mansidão e a humildade são virtudes essenciais buscadas pelo eremita do Saara, juntamente com o anseio de compartilhar com os tuaregues o tesouro precioso de seu coração, unindo-se ao Coração de Jesus e tornando-se um só com Ele. Diz Foucauld: “Meu apostolado deve ser o apostolado da bondade; ao me verem as pessoas devem dizer: ‘Sendo esse homem tão bom, sua religião deve ser boa’” (DE JESUS, 2004, p. 79). Ele ainda afirma: “quando se quer converter uma alma - costumava dizer - nunca se deve esmagá-la com sermões; o método mais eficaz. consiste não em enchê-la de pregações, mas em testemunhar-lhe o amor” (SIX, 2008, p. 41). Por fim, Foucauld reconhecia a relevância do mandamento amor: “o primeiro

mandamento da religião é amar a Deus de todo coração. O segundo é amar a todos os seres humanos, sem exceção, como a si mesmo” (DE JESUS, 2004, p. 70).

Ele acreditava na soberania do Coração de Jesus, que se inicia em cada coração através da conversão, capaz de transformar o mundo. Para ele, ninguém pode impactar o mundo sem antes se transformar para melhor, contando com a graça de Deus. Por isso, o santo rogava: “Que, em seu amor, Ele se digne converter-me, deixar como Ele me quer, fazer-me amá-lo com todo o meu coração; amá-lo, obedecer-lhe, imitá-lo o quanto for possível, todos os instantes de minha vida [...]. Coração Sagrado de Jesus, que o vosso reino chegue” (DE JESUS, 2004, p. 75).

A busca pela mansidão e humildade, como evidenciado na vida de Charles de Foucauld, revela a essência de sua espiritualidade e apostolado. Ao enfatizar que o verdadeiro testemunho da fé se dá através da bondade e do amor, Foucauld nos convida a refletir sobre a importância de viver a religião de maneira autêntica e acessível, sem imposições, mas através do exemplo. Seu compromisso com o mandamento do amor, tanto a Deus quanto ao próximo, destaca a necessidade de uma transformação interior que, por sua vez, pode impactar positivamente o mundo ao nosso redor. A súplica de Foucauld pela conversão e pela graça divina ilustra sua convicção de que a verdadeira mudança começa no coração humano, promovendo um chamado à ação que ressoa até os dias de hoje: amar e servir ao próximo como reflexo do amor de Cristo (SIX, 2008, p. 41).

1.4.2 Questões sociais: os escravos, os pobres e os militares

Charles de Foucauld, eremita-sacerdote no Saara, sempre demonstrou interesse pelas questões sociais, especialmente pelos pobres e militares. Sua abordagem contemplativa e ativa o distinguia dos demais eremitas, como destacado pelo Papa Francisco na *Gaudete et exsultate*. Foucauld buscava viver a contemplação no meio da ação, integrando todas as dimensões da vida em seu caminho de santificação. Afirma o Papa: “Não é saudável amar o silêncio e esquivar-se do encontro com o outro, desejar o repouso e rejeitar a atividade, buscar a oração e menosprezar o serviço. Tudo pode ser recebido e integrado como parte da própria vida neste mundo, entrando a fazer parte do caminho de santificação. Somos chamados a viver a contemplação mesmo no meio da ação, e santificamo-nos no exercício responsável e generoso da nossa missão” (GE, 26).

Foucauld agiu diante das questões sociais de seu tempo, mantendo-se como um contemplativo, destacando-se em três realidades significativas: a atenção dedicada aos pobres como preferidos de Deus, a firme denúncia da escravidão em defesa da dignidade humana e a relação próxima e influente com o exército, utilizando-os como exemplo para despertar zelo pela causa de Deus.

A atenção aos pobres sempre foi uma prioridade para ele, que acreditava que eles eram os preferidos de Deus e mereciam especial cuidado da Igreja. Em suas palavras: “Partilhemos, partilhemos, partilhemos tudo com eles (os pobres), vamos dar-lhes a melhor parte e, se não houver o suficiente para dois, vamos dar-lhes tudo. É a Jesus que damos” (CHATELARD, 2009, p. 252). Ele buscava viver na pobreza, em sintonia com o Cristo pobre.

Em relação à escravidão, Foucauld não hesitou em denunciá-la, mesmo arriscando sua própria vida, em defesa da dignidade humana. Ele afirmava: “Quando um governo deste mundo comete uma injustiça grave contra seres humanos pelos quais, em certa medida somos responsáveis [...], é preciso dizê-lo a ele, pois representamos na terra a justiça e a verdade, e não temos o direito de bancar as 'sentinelas adormecidas', de ser 'cães mudos' ou 'pastores indiferentes’” (SIX, 2008, p. 69).

Por fim, sua relação com os militares também foi significativa. Como ex-militar francês, Foucauld serviu na África e, ao retornar como eremita em 1901, reencontrou antigos amigos militares que o acolheram calorosamente e influenciaram sua vida no deserto. Ele os utilizava como exemplo para despertar zelo pela causa de Deus, dizendo: “Vedes que os soldados da terra, esses homens, não temem a estação. Que sirvam eles de exemplo a nós, soldados de Deus, e não permitamos que o nosso Mestre novamente ouça 'Os filhos deste mundo são mais sagazes que os filhos da luz’” (CHATELARD, 2009, p. 181).

Em suma, a vida e ação de Charles de Foucauld como eremita-sacerdote no Saara destacam-se pela sua abordagem única que integra contemplação e ação, demonstrando um profundo interesse pelas questões sociais, especialmente em relação aos pobres, aos escravos e aos militares. Sua postura contemplativa e ativa, como ressaltada pelo Papa Francisco, evidencia a importância de viver a contemplação no meio da ação, buscando a santificação em todas as dimensões da vida. Foucauld dedicou-se aos pobres como preferidos de Deus, denunciou

corajosamente a escravidão em defesa da dignidade humana e utilizou sua relação com os militares como exemplo para despertar zelo pela causa de Deus.

1.4.3 O que diz a Igreja Católica sobre Charles de Foucauld

As palavras dos Papas João Paulo II, Bento XVI e Francisco refletem o pensamento da Igreja em relação ao eremita Charles de Foucauld. Por ocasião do centenário da ordenação sacerdotal de Foucauld, o Papa João Paulo II destacou seu testemunho e encorajou a continuidade de seu apostolado, ressaltando a importância da unidade entre os diferentes Institutos e do serviço aos pobres. A beatificação de Charles de Foucauld em 2005, mencionada pelo Papa Bento XVI, evidenciou a contemplação do mistério da Encarnação e a vivência da fraternidade universal como pilares de sua vida. Já o Papa Francisco, em sua encíclica *Fratelli Tutti*, reiterou a devoção ao eremita do Saara, exaltando sua entrega total a Deus e sua identificação com os mais necessitados como um modelo a ser seguido por todos, inspirando-nos a buscar a irmandade universal e a prática do amor ao próximo.

Por ocasião do centenário da ordenação sacerdotal de Charles de Foucauld, o Papa João Paulo II escreveu ao bispo de Viviers:

Enquanto dou graças pelo testemunho do Padre Charles de Foucauld, encorajo todas as pessoas que hoje se inspiram no seu carisma, a continuar o seu apostolado numa unidade cada vez maior entre os diferentes Institutos, e a seguir, com generosidade e audácia, a sua mensagem e o seu exemplo. [...] Fiéis à Eucaristia, eles estarão próximos de todos os homens e serão capazes de amar à maneira de Jesus. Fiéis ao seu compromisso junto dos pobres, hão de testemunhar o amor de Deus, lançando 'na história aqueles germens do Reino de Deus, que foram visíveis na vida terrena de Jesus, ao acolher a quantos recorriam a Ele para todas as necessidades espirituais e materiais" (DE LIMA, 2022, p. 93).

Em 13 de novembro de 2005, na basílica de São Pedro, em Roma, ocorreu a beatificação do Irmão Charles de Foucauld. Na conclusão da solene celebração, o Papa Bento XVI proferiu as seguintes palavras:

Ao longo de sua vida contemplativa e escondida em Nazaré, Carlos de Foucauld encontrou a verdade da humanidade de Jesus, e nos convidou a contemplar o mistério da Encarnação. Nesse lugar, aprendeu muito do Senhor, a quem ele queria seguir na humildade e na pobreza. Descobriu que Jesus, vindo para partilhar a nossa humanidade, nos convida para a fraternidade universal, que Carlos viveria mais tarde no Saara, e ao amor de que Cristo nos deu o exemplo. Como sacerdote, ele colocou a Eucaristia e o Evangelho no

centro de sua existência, as duas mesas da Palavra e do Pão, fonte da vida cristã e da missão

Por fim, o Papa Francisco tem demonstrado grande apreço e devoção por Charles de Foucauld, fazendo menção a ele sempre que possível. Em sua encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa mais uma vez recordou o eremita do Saara ao escrever:

Quero terminar lembrando uma outra pessoa de profunda fé, que, a partir da sua intensa experiência de Deus, realizou um caminho de transformação até se sentir irmão de todos. Refiro-me ao Beato Carlos de Foucauld. O seu ideal de uma entrega total a Deus encaminhou-o para uma identificação com os últimos, os mais abandonados no interior do deserto africano. Naquele contexto, afluíam os seus desejos de sentir todo ser humano como um irmão, e pedia a um amigo: 'Peça a Deus que eu seja realmente o irmão de todos'. Enfim queria ser 'o irmão universal'. Mas somente identificando-se com os últimos é que chegou a ser irmão de todos. Que Deus inspire este ideal a cada um de nós. Amém (FT, 286-287).

Diante disso, dadas as manifestações dos Papas João Paulo II, Bento XVI e Francisco, que evidenciam a relevância e atualidade do legado espiritual de Charles de Foucauld na história da Igreja, podemos afirmar que a mensagem e o exemplo do eremita do Saara continuam a ressoar e a inspirar gerações. Sua vida de entrega a Deus, de amor aos mais necessitados e de busca pela fraternidade universal permanecem como um chamado vigoroso para a humanidade.

1.5 A importância da mística do diálogo em tempos de secularização

O processo de secularização tem sido um tema recorrente nas discussões sobre religião e sociedade. A partir da perspectiva de José Casanova (2006), a secularização pode ser entendida como o declínio das crenças e práticas religiosas, a privatização da religião e a diferenciação das esferas seculares. No entanto, a secularização não significa necessariamente o fim da religião ou a exclusão da religião da esfera pública. Pelo contrário, a religião pode continuar a desempenhar um papel importante na esfera pública, desde que respeite as regras e princípios normativos das instituições seculares.

Nesse contexto, a figura de Charles de Foucauld pode ser vista como um exemplo inspirador de como a espiritualidade pode ser vivida de forma autêntica e significativa em um mundo secularizado. Foucauld se dedicou à vida contemplativa e à caridade, vivendo entre os povos do deserto do Saara, aprendendo suas línguas e

costumes, e se tornando um amigo e defensor dos mais pobres e marginalizados. Sua vida e obra têm sido uma inspiração para muitos, e sua trajetória pode ser vista como uma forma de unir a espiritualidade à prática da caridade em um mundo secularizado.

Diante das reflexões apresentadas sobre o processo de secularização e o legado de Charles de Foucauld, a nossa reflexão pretende evidenciar que espiritualidade e a prática da caridade podem ser vividas de forma autêntica e significativa em um mundo secularizado. A figura de Charles de Foucauld é um exemplo inspirador de como a espiritualidade pode ser vivida em meio às adversidades, e sua trajetória pode ser vista como uma forma de unir a espiritualidade à prática da caridade e do diálogo inter-religioso. Portanto, é importante refletir sobre o impacto da secularização na religiosidade e buscar inspiração em figuras como Charles de Foucauld para continuar a promover a caridade e a tolerância religiosa em um mundo cada vez mais plural e diverso.

O texto *Repensando a Secularização: Uma Perspectiva Comparativa Global*¹, de José Casanova, traz uma reflexão sobre o processo de secularização nas sociedades modernas e seu impacto na religiosidade. O autor sugere que a secularização pode ser entendida de três maneiras diferentes: como o declínio das crenças e práticas religiosas nas sociedades modernas, como a privatização da religião e como a diferenciação das esferas seculares (CASANOVA, 2006).

A primeira conotação de secularização se refere ao declínio da religião como um fenômeno social. Segundo o autor, essa conotação é a mais difundida nos debates acadêmicos contemporâneos sobre secularização. No entanto, ele ressalta que essa visão é limitada, pois não leva em conta a diversidade de experiências religiosas nas sociedades modernas. Além disso, o autor argumenta que a secularização não é um processo universal e linear, mas sim um fenômeno complexo e multifacetado que varia de acordo com o contexto histórico e cultural (CASANOVA, 2006).

A segunda conotação de secularização se refere à privatização da religião. Nesse sentido, a secularização é entendida como uma condição prévia para a política democrática liberal moderna. Isso significa que, para que haja uma democracia liberal, é necessário que a religião seja separada da esfera pública e se torne uma questão privada, ou seja, que as crenças religiosas não influenciem diretamente as decisões

¹ O título original do artigo é: *Rethinking Secularization: A Global Comparative Perspective*. Todas as citações indiretas são resultado de nossa tradução. O texto original está disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/265540966>

políticas. Essa separação entre religião e esfera pública é importante para garantir a igualdade de acesso e participação política de todos os cidadãos, independentemente de suas crenças religiosas. Além disso, a privatização da religião também é vista como uma forma de proteger os direitos das minorias religiosas e garantir a liberdade de consciência e de expressão (CASANOVA, 2006).

A terceira conotação de secularização se refere à diferenciação das esferas seculares. Nesse sentido, a secularização é entendida como um processo de autonomia das instituições seculares em relação à religião. À medida que as esferas seculares se diferenciam da esfera religiosa, as instituições seculares ganham autonomia em relação à religião e passam a ter suas próprias regras e princípios normativos. Essa autonomia das esferas seculares é importante para garantir a igualdade de acesso e participação política de todos os cidadãos, independentemente de suas crenças religiosas. Além disso, a diferenciação das esferas seculares também é vista como uma forma de proteger os direitos das minorias religiosas e garantir a liberdade de consciência e de expressão (CASANOVA, 2006).

O autor argumenta que a secularização não significa necessariamente a exclusão da religião da esfera pública. Pelo contrário, a religião pode continuar a desempenhar um papel importante na esfera pública, desde que respeite as regras e princípios normativos das instituições seculares. No entanto, ele ressalta que, na prática, pode ser necessário desestabelecer instituições eclesásticas que reivindicam direitos monopolistas sobre um território ou privilégios particulares, ou usar meios constitucionais e, às vezes, extraordinários para desempoderar majorias tirânicas estabelecidas (CASANOVA, 2006).

O texto também discute o impacto da secularização na religiosidade. Ele argumenta que a secularização não significa necessariamente o fim da religião, mas sim uma transformação da religiosidade. Segundo o autor, a secularização pode levar a uma diversificação das crenças e práticas religiosas, bem como a uma maior autonomia dos indivíduos em relação às instituições religiosas. Além disso, a secularização pode levar a uma maior tolerância religiosa e a uma maior abertura para o diálogo inter-religioso (CASANOVA, 2006).

No entanto, o argumento ressalta que a secularização também pode levar a uma perda de sentido e propósito na vida, especialmente para aqueles que encontram na religião uma fonte de significado e orientação. Além disso, a secularização pode levar a uma perda de valores e normas morais compartilhados, o que pode levar a

uma maior fragmentação social e a uma maior polarização política (CASANOVA, 2006). Diante disso emerge uma grande questão: é possível traçar um caminho de reconciliação entre Secularização e Mística, a partir do diálogo?

Como vimos, a secularização é um processo complexo e multifacetado que tem sido objeto de debates e reflexões em diferentes áreas do conhecimento. Em linhas gerais, a secularização pode ser entendida como um processo de transformação das sociedades modernas, que se caracteriza pela crescente autonomia das esferas seculares em relação às esferas religiosas. Esse processo tem sido acompanhado por mudanças significativas na religiosidade, que vão desde a diversificação das crenças e práticas religiosas até a perda de sentido e propósito na vida para aqueles que encontram na religião uma fonte de significado e orientação (CASANOVA, 2006).

No entanto, a secularização não significa necessariamente o fim da religião ou a exclusão da religião. Pelo contrário, a religião pode continuar a desempenhar um papel importante na esfera pública, desde que respeite as regras e princípios normativos das instituições seculares (CASANOVA, 2006). Além disso, a secularização pode levar a uma maior tolerância religiosa e a uma maior abertura para o diálogo inter-religioso.

Nesse contexto, a figura de Charles de Foucauld pode ser vista como um exemplo inspirador de como a espiritualidade pode ser vivida de forma autêntica e significativa em um mundo secularizado. Foucauld se dedicou à vida contemplativa e à caridade, vivendo entre os povos do deserto do Saara, aprendendo suas línguas e costumes, e se tornando um amigo e defensor dos mais pobres e marginalizados.

Foucauld acreditava que a caridade era o vínculo que permitia o diálogo inter-religioso e a reconciliação entre as diferentes tradições religiosas. Ele via em cada ser humano a imagem de Jesus Cristo e agia em conformidade com a bondade, o respeito, o amor, a humildade e a mansidão que caracterizavam a vida de Jesus. É, por isso, que a vida e o legado de Foucauld são um convite para que as pessoas de diferentes tradições religiosas se encontrem na caridade e no respeito mútuo. A caridade é um valor que transcende as diferenças religiosas e culturais e que permite que as pessoas se reconheçam como irmãos e irmãs. A caridade é um vínculo que permite que as pessoas se aproximem umas das outras, superando as barreiras que as separam (JOLIVET, 1975).

A caridade também é um valor que pode ajudar a superar os desafios da secularização. A secularização pode levar a uma perda de valores e normas morais

compartilhados, o que pode levar a uma maior fragmentação social e a uma maior polarização política. No entanto, a caridade pode ser vista como um valor que transcende as diferenças ideológicas e políticas e que permite que as pessoas se unam em torno de um objetivo comum: o bem-estar e a felicidade de todos. Quando Charles de Foucauld acolhia os pobres em seu eremitério no Saara, ele não olhava a religião do necessitado, mas respondia ao apelo da caridade proposta por Jesus: “amar a todos” (DE LIMA, 2022, p.19).

A caridade também pode ajudar a superar as diferenças religiosas e culturais. A diversificação das crenças e práticas religiosas pode levar a conflitos e incompreensões entre as diferentes tradições religiosas. No entanto, a caridade pode ser vista como um valor que permite que as pessoas se encontrem além das diferenças religiosas e culturais, reconhecendo a humanidade comum que as une.

Em resumo, o diálogo entre secularização e espiritualidade pode ser alcançado tendo a caridade como mediação. A caridade é um valor que transcende as diferenças religiosas, culturais, ideológicas e políticas e que permite que as pessoas se encontrem em torno de um objetivo comum: a fraternidade. A caridade é o vínculo que permite o diálogo inter-religioso e a reconciliação entre as diferentes tradições religiosas.

A figura de Charles de Foucauld é um exemplo inspirador de como a espiritualidade pode ser vivida em meio às adversidades. Ele dedicou sua vida ao serviço e à caridade, ajudando os mais necessitados e promovendo a paz e a reconciliação entre diferentes culturas e religiões. Sua vida e obra são um testemunho da importância da espiritualidade e da caridade em um mundo cada vez mais secularizado.

O processo de secularização tem afetado profundamente a religiosidade em todo o mundo. No entanto, a secularização não significa necessariamente o fim da religião ou a exclusão da mesma, pois ela pode continuar a desempenhar um papel importante na esfera pública, apresentando valores que lhes são próprios.

Para que a religião possa continuar a desempenhar um papel importante na esfera pública, é necessário que ela se adapte às mudanças sociais e culturais. As religiões precisam se tornar mais inclusivas e abertas ao diálogo inter-religioso e intercultural, reconhecendo a diversidade e a pluralidade das sociedades modernas. Charles de Foucauld foi capaz de olhar para as pessoas do deserto do Saara e as reconhecer como irmãos, mesmo sendo de outra cultura e religião. Ele reconhecia a

necessidade de evangelizar, mas igualmente reconhecia que caridade também é linguagem evangelizadora.

1.6 Considerações finais e apontamentos

A busca incessante do ser humano por significado e compreensão, refletida ao longo deste capítulo sobre a mística, linguagem, experiência, abertura e desafios, conduz a uma profunda reflexão sobre a essência da existência humana. A inquietação enraizada no âmago de cada indivíduo impulsiona uma jornada em busca de respostas para os questionamentos que emergem em relação à identidade e ao propósito da vida. Nesse contexto, a mística se revela como uma linguagem que transcende as barreiras do racional e do tangível, permitindo uma conexão profunda com o sagrado e uma compreensão mais ampla da realidade.

Ao explorar as experiências místicas e os ensinamentos transmitidos por figuras como Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz, nota-se a riqueza e a profundidade da espiritualidade cristã ao longo da história. A devoção, a contemplação e a busca pela união com o divino são aspectos fundamentais que permeiam a jornada espiritual desses místicos, inspirando gerações e revelando caminhos de transcendência e iluminação.

Neste contexto, Charles de Foucauld emerge como um exemplo inspirador de como a espiritualidade pode ser vivida de forma autêntica e significativa em um mundo secularizado. Sua dedicação à vida contemplativa e à caridade, sua proximidade com os mais pobres e marginalizados, e sua busca pela união com o sagrado no deserto do Saara o tornam um modelo de integração entre a contemplação e a ação, entre a espiritualidade e a dimensão social.

Ao adentrar no próximo capítulo, que terá como objetivo apresentar a experiência mística de Charles de Foucauld a partir da obra *A sós com Deus*, bem como explorar a dimensão social de sua espiritualidade, depara-se com um convite à imersão na vida e nos ensinamentos desse renomado místico moderno. A obra de Foucauld conduz a um mergulho profundo na sua busca pela presença divina, na sua entrega total ao Sagrado Coração de Jesus e na sua vivência da contemplação no meio da ação.

A interseção entre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, o compromisso social em relação aos pobres, escravos e militares, e a visão do Catolicismo, especialmente através das falas dos Papas, revela a importância de viver a fé de

maneira engajada e solidária. A experiência mística de Foucauld, permeada pela sua devoção e pela sua atuação em prol dos mais necessitados, é um convite a refletir sobre a integração entre a espiritualidade e a prática da caridade, entre a contemplação e a ação.

Dessa forma, a trajetória de Charles de Foucauld se apresenta como um farol de luz em meio às adversidades do mundo contemporâneo, apontando para a possibilidade de viver a espiritualidade de forma autêntica e significativa, de integrar a vivência religiosa e a prática social, e de promover a justiça, a solidariedade e o amor em um contexto marcado pela secularização e pela diversidade.

2. A INQUIETAÇÃO HUMANA A PARTIR DA *GAUDIUM ET SPES*

No primeiro capítulo, mergulhamos na mística como uma experiência profunda de encontro com o divino, onde a alma se abre para a transcendência e busca um sentido mais profundo na relação com Deus. Essa busca mística, repleta de nuances e revelações, ocorre na história, no cotidiano; ela é frequentemente acompanhada por uma inquietação que impulsiona o ser humano a questionar, a refletir e a engajar com o mundo ao seu redor. Essa inquietação, que pode ser vista como um desassossego interior, é uma força motriz que nos leva a explorar as complexidades da vida, a confrontar nossas dúvidas e a buscar respostas que ressoem com a verdade de nossa existência.

É nesse contexto que a *Gaudium et Spes*, documento emblemático do Concílio Vaticano II, se torna uma referência crucial para compreendermos a dinâmica entre a experiência espiritual e as realidades contemporâneas. Este texto não apenas reconhece a inquietação humana como uma condição inerente à busca por significado, mas também a valoriza como um elemento de transformação. O Documento propõe um diálogo entre a Igreja e o mundo, enfatizando a necessidade de uma resposta ativa e consciente às questões que permeiam a vida humana, desde as alegrias e esperanças até as tristezas e angústias que afligem a humanidade.

A inquietação, longe de ser um mero desconforto, é apresentada como uma oportunidade de crescimento e renovação, tanto no âmbito pessoal quanto comunitário. O documento nos convida a olhar para as realidades do mundo com um olhar crítico e esperançoso, reconhecendo que a fé não deve ser uma fuga da realidade, mas um impulso para a ação. Assim, o documento conciliar nos desafia a integrar a experiência mística e o compromisso ativo em prol da justiça, da dignidade humana e do bem comum.

Neste capítulo, examinaremos como a *Gaudium et Spes* articula o conceito de inquietação, destacando sua relevância para a teologia contemporânea e sua capacidade de motivar os cristãos a um compromisso mais profundo com a realidade que os cerca. Através dessa análise, buscaremos entender como a inquietação pode ser um caminho para a ação e a transformação, refletindo a essência do chamado cristão em um mundo em constante mudança. Investigaremos também como essa inquietação se manifesta nas diversas dimensões da vida humana, desde as questões

sociais e políticas até as preocupações éticas e espirituais, e como a Igreja, ao reconhecer e acolher essa inquietação, pode se tornar um agente de esperança e renovação em meio aos desafios do nosso tempo.

A proposta deste capítulo é adentrar no universo da inquietação humana a partir da obra *Gaudium et Spes*, explorando as nuances e complexidades que permeiam a condição intrínseca do ser humano em busca de significado e plenitude. Nesse contexto, será estabelecida uma conexão entre a inquietação humana, como expressa na *Gaudium et Spes*, e a mística de Charles de Foucauld, revelando como a busca espiritual do místico ecoa e dialoga com as questões fundamentais que permeiam a experiência humana.

2.1 Concílio Vaticano II: A Igreja aberta às questões temporais

Um concílio sempre se revela como um momento crucial na vida da Igreja, com a finalidade de abordar questões significativas e oferecer respostas adequadas em um determinado momento histórico (ALMEIDA, 2012, p. 781). Por meio de um concílio universal ou ecumênico, o Magistério da Igreja Católica formula um juízo sobre situações específicas e relevantes para ela própria e para o mundo. Esse evento serve como um instrumento pelo qual o colégio dos bispos pode intervir legitimamente em toda a Igreja, representando-a em sua totalidade. Contudo, é fundamental ressaltar que um concílio não se coloca acima da autoridade do Papa; na verdade, ele nem poderia acontecer sem sua autorização, ou, pelo menos, deve ser aceito por ele. Todos os fiéis, no que diz respeito às questões de fé e costumes, têm a responsabilidade de assimilar as decisões que um concílio estabelece (DENZINGER, 2007, p. 1356).

O concílio é por sua natureza uma assembleia consultiva e deliberativa. Desempenha papel diretivo e de ordem. É um instrumento da Igreja terrena, a qual, por seu turno, não é uma reunião de conselho, mas é, por essência, a reunião em torno da palavra e do Senhor feito alimento. A Igreja é a participação antecipada do banquete nupcial de Deus. Ela constitui o banquete de Deus e faz com que a palavra de Deus seja sempre atual. Por isso, ela nunca corre o perigo de chegar à decadência, mas, ao contrário, busca os horizontes que não pertencem a este mundo (RATZINGER, 1974, p.153).

O Concílio Vaticano II se destaca como um marco fundamental na trajetória da Igreja Católica, refletindo seu esforço contínuo para se integrar à dinâmica do mundo contemporâneo. O contexto histórico em que esse concílio ocorreu foi repleto de transformações e inovações. Naquela época, ainda havia incertezas em relação ao

Concílio Vaticano I, que fora interrompido pela guerra franco-prussiana entre 1869 e 1870. O cenário do Vaticano II foi marcado por um intenso desenvolvimento econômico, impulsionado pela Revolução Industrial, que trouxe mudanças rápidas e significativas, como a ampliação do uso da eletricidade, a descoberta do petróleo, avanços na química e a manipulação do aço. Embora o pensamento capitalista estivesse se consolidando, ele falhava em assegurar os direitos dos trabalhadores e em integrá-los à nova realidade industrial (SOUZA, 2004, p. 17).

Os eventos que antecederam o Concílio Vaticano II moldaram sua importância para a Igreja. Em 1913, o Papa Pio X tomou medidas rigorosas através da Congregação do Santo Ofício, buscando condenar erros doutrinários. No âmbito político e social, Bento XV, durante seu papado (1914-1922), tentou, sem sucesso, intervir na Primeira Guerra Mundial, um conflito que abalou as bases do progresso e da razão. Ideologias como o Fascismo, o Nazismo e o Comunismo emergiram, tentando impor suas visões de classe e raça, o que impediu a formação de uma nova ordem mundial. A Primeira Guerra Mundial, por sua vez, foi um catalisador para uma revolução global que se intensificou após a Segunda Guerra Mundial, dando origem a um novo paradigma globalizado e ecumênico (SOUZA, 2004, pp. 17-19).

Durante o papado de Pio XI (1922-1939), a Igreja, cada vez mais desafiada pela ascensão de movimentos católicos que buscavam a restauração da fé, começou a perder sua influência em um mundo cada vez mais secular. Pio XI buscou revitalizar a presença da Igreja por meio da Ação Católica, um movimento que se propôs a disseminar o Reino de Deus e que se tornou uma extensão da hierarquia eclesiástica. Assim, a participação dos leigos nesse movimento foi crucial para a preparação do Concílio Vaticano II, pois eles trouxeram para dentro da Igreja as complexidades e reflexões da modernidade, contribuindo para um diálogo mais profundo com a realidade contemporânea (SOUZA, 2004, pp. 20-21).

Já no papado de Pio XII, a Igreja Católica adotou uma postura de superioridade e centralidade cultural, evitando abordar questões sociais em seus documentos. A atitude da Igreja era defensiva e apologética, rejeitando diversas doutrinas contemporâneas, como o existencialismo, o evolucionismo e o historicismo, além de censurar muitos pensadores. SOUZA (2004) sugere que essas ações foram uma tentativa do Papa de estabilizar a Igreja em meio a um contexto de agitações e tensões, mesmo reconhecendo a necessidade de mudanças significativas na vida eclesiástica. Pio XII proclamou o dogma da Assunção de Maria em 1950 e publicou

várias encíclicas, incluindo a *Mystici corporis* (1943), que se opôs à nova teologia, e a *Humani generis* (1950), que refutou a teoria da evolução de Teilhard de Chardin. Embora seus escritos tivessem uma nuance apologética e ele tenha proibido alguns teólogos de lecionar e publicar, nunca citou nomes ou condenou diretamente ninguém (SOUZA, 2004, p. 22).

Esse contexto levou ao surgimento de uma crise interna de caráter espiritual dentro da Igreja, com a atuação da Cúria Romana sendo vista como antiquada em relação ao mundo que buscava respostas para seus problemas. Essa situação agravou a condição da fé cristã católica, diminuindo a influência do pensamento tridentino e evidenciando a necessidade de um diálogo com a modernidade. Pio XII, que estava bastante enfermo, faleceu em 1958 (SOUZA, 2004, p. 23).

Após sua morte, o Cardeal Angelo Giuseppe Roncalli, patriarca de Veneza, foi eleito papa em 28 de outubro de 1958, adotando o nome de João XXIII. Inicialmente visto como um papa de transição, ele governou a Igreja por cinco anos até sua morte. Conhecido como o "Papa Bom", João XXIII era um homem simples e piedoso, preocupado com as minorias e os desfavorecidos pela modernidade. Sua alegria jovial e paternal surpreendeu o mundo, e, apesar de seu breve tempo à frente da Igreja Católica, ele se destacou por sua benignidade e cordialidade. Sua coragem em convocar o Concílio Ecumênico Vaticano II, mesmo em meio ao descrédito de seu pontificado, foi um ato significativo que refletiu sua visão pastoral e seu desejo de renovação na Igreja (SOUZA, 2004, p. 24).

2.1.1 A convocação: convite à Esperança

A primeira parte da Constituição Apostólica *Humanae Salutis* do Papa João XXIII para a convocação para o Concílio Vaticano II destaca que a missão fundamental que Jesus Cristo confiou aos Apóstolos se atualiza na missão da Igreja Católica: ao lhes ordenar que pregassem o evangelho a todas as nações, assegurando-lhes, ao mesmo tempo, a sua constante presença: "Eis que estarei convosco todos os dias até o fim dos séculos" (Mt 28,20). Essa promessa divina se torna especialmente palpável nos momentos mais críticos da história, quando a Igreja, como a esposa de Cristo, brilha em sua plenitude como mestra da verdade e ministra da salvação. É nesses períodos desafiadores que a Igreja demonstra todo o poder da caridade, da oração, do sacrifício e do sofrimento, utilizando os meios espirituais que seu Fundador, em um

momento decisivo, proclamou: "Tende confiança: Eu venci o mundo" (Jo 16,33). (JOÃO XXIII, 1997, p. 9)

O Papa ainda destaca que a Igreja Católica enfrenta a grave crise da sociedade. Enquanto se encontra à beira de uma nova era, carrega sobre si obrigações imensas, semelhantes às épocas mais trágicas de sua história. A missão é conectar as energias vivificadoras do evangelho com um mundo moderno que, embora se exalte por suas conquistas técnicas e científicas, também sofre as consequências de uma ordem temporal que muitos tentaram reorganizar sem a presença de Deus. Assim, a sociedade contemporânea, marcada por um grande progresso material, carece de um correspondente avanço moral, resultando em um enfraquecimento do anseio pelos valores espirituais e um aumento na busca quase exclusiva por prazeres terrenos, facilitados pelo avanço tecnológico. (JOÃO XXIII, 1997, pp. 9-10)

Além disso, segundo o Papa, a emergência do ateísmo militante, atuando em escala global, apresenta um desafio sem precedentes. Contudo, essas constatações dolorosas convocam os cristãos à vigilância e despertam um senso de responsabilidade. Enquanto muitos veem apenas trevas, os cristãos devem escolher reanimar a confiança em Jesus, que permanece presente no mundo que redimiu. Ao se apropriar da recomendação de Jesus para discernir "os sinais do tempo" (Mt 16,3), os cristãos são convidados, mesmo em meio à escuridão, a ser sinais de esperança para a Igreja e para a humanidade. (JOÃO XXIII, 1997, p. 10)

As guerras e as ruínas espirituais que marcaram esses tempos, afirma o Pontífice, embora dolorosas, trouxeram ensinamentos valiosos. O progresso científico, que possibilitou a criação de instrumentos de destruição, também gerou questionamentos profundos, levando as pessoas a se tornarem mais ponderadas e conscientes de seus limites, além de fomentar um desejo crescente por paz e pela valorização dos aspectos espirituais. Esse contexto, apesar das incertezas, parece estar promovendo uma colaboração mais estreita entre indivíduos, classes e nações, o que, sem dúvida, facilita o apostolado da Igreja, pois muitos que antes ignoravam a importância de sua missão agora, ensinados pela experiência, estão mais abertos a acolher suas advertências. (JOÃO XXIII, 1997, p. 11) Diante desta realidade constatada, que posição a Igreja tomou?

Se voltarmos a atenção para a Igreja, vemos que ela não permaneceu inerte espectadora em face destes acontecimentos, mas seguiu,

passo a passo, a evolução dos povos, o progresso científico, as revoluções sociais; opôs-se, decididamente, às ideologias materialistas e negadoras da fé; viu, enfim, brotarem de seu seio e desprenderem-se imensas energias de apostolado, de oração, de ação em todos os campos, por parte, primeiramente, do clero sempre mais à altura de sua missão pela doutrina e virtude e, depois, por parte do laicato, que se tornou sempre mais consciente de suas responsabilidades no seio da Igreja e, de modo particular, de seu dever de colaborar com a hierarquia eclesiástica. A isto se acrescentam os imensos sofrimentos de cristandades inteiras, onde uma multidão de pastores, de sacerdotes e de leigos, pela invicta firmeza da própria fé, sofrem perseguições de todo gênero e revelam heroísmo certamente não inferior aos dos períodos mais gloriosos da Igreja. Assim, se o mundo aparece profundamente mudado, também a comunidade cristã está em grande parte transformada e renovada: isto é, socialmente fortalecida na unidade, intelectualmente revigorada, interiormente purificada, pronta, desta forma, a enfrentar todos os combates da fé (JOÃO XXIII, 1997, p. 11)

Ao encerrar a convocação do Concílio, o Papa reconhece que este evento pode contribuir para a reflexão sobre o mundo ao reconhecer o grave estado de indigência espiritual que permeia a sociedade contemporânea, enquanto a Igreja de Cristo se apresenta vibrante de vitalidade. Desde que assumiu o supremo pontificado, João XXIII reconhece sua indignidade e, ao mesmo tempo, tem consciência de que é Papa por um desígnio da Providência; por isso, sente a necessidade urgente de convocar os líderes religiosos para pensar em soluções para os problemas da era moderna.

Por essa razão, segundo ele, acolhendo como uma inspiração divina, acredita que chegou o momento propício para oferecer à Igreja católica e ao mundo o dom de um novo concílio ecumênico. Este concílio se insere como uma continuidade na série dos vinte grandes concílios realizados ao longo dos séculos, representando uma verdadeira providência celestial para o incremento da graça nas almas dos fiéis e para o progresso cristão.

A jubilosa repercussão do anúncio do concílio, acompanhada pela participação orante de toda a Igreja e pelo fervor nos trabalhos de preparação, foi verdadeiramente encorajadora. Além disso, o vivo interesse, ou pelo menos a atenção respeitosa, demonstrada por não-católicos e até por não-cristãos, evidenciou de maneira eloquente que a importância histórica desse acontecimento não passou despercebida. Assim, o concílio se apresenta como uma oportunidade única para a Igreja dialogar com o mundo, refletindo sobre os desafios contemporâneos e buscando caminhos para uma renovação espiritual que atenda às necessidades da humanidade.

Em suma, a convocação deste novo concílio ecumênico representa um marco significativo na história da Igreja, refletindo a urgência de um diálogo renovado com o mundo contemporâneo e a necessidade de abordar as questões espirituais e sociais que afligem a humanidade. Através da reflexão e da ação conjunta, a Igreja busca não apenas reafirmar sua vitalidade, mas também se tornar um agente de transformação e esperança em um mundo que clama por respostas. À medida que nos preparamos para adentrar no discurso de abertura do Concílio, proferido pelo Papa João XXIII, somos convidados a contemplar a transição da aurora à luz, simbolizando a nova era de entendimento e colaboração que se inicia, onde a mensagem do Evangelho se encontra com as realidades do tempo presente.

2.1.2 O discurso de abertura: da aurora à luz

No dia 11 de outubro de 1962, por ocasião da abertura do Concílio Vaticano II, João XXIII realiza um discurso destacando a importância dos Concílios Ecumênicos na história da Igreja, que, ao longo dos séculos, testemunham a vitalidade da Igreja Católica e marcam momentos luminosos de sua trajetória. O Papa, como o mais recente e humilde sucessor de São Pedro, convoca esta reunião solene para reafirmar a continuidade do magistério eclesiástico, apresentando-o de forma excepcional a todos os homens de seu tempo, considerando os desafios e as possibilidades atuais. Ao iniciar o Concílio, ele expressa a alegria de contemplar o passado e recordar as vozes dos Pontífices que, desde o século IV até aqueles dias, proclamaram o triunfo da Igreja de Cristo. Contudo, também reconhece que, ao longo de mais de 19 séculos, essa história é marcada por uma nuvem de tristeza e provações, refletindo a profecia de Simeão sobre a contradição que o menino Jesus representaria, e as palavras de Cristo sobre a divisão que sua mensagem geraria entre os homens. (JOÃO XXIII, 1997, pp. 21-22)

O grande problema, proposto ao mundo, depois de quase dois milênios, continua o mesmo. Cristo sempre a brilhar no centro da história e da vida; os homens ou estão com ele e com a sua Igreja, e então gozam da luz, da bondade, da ordem e da paz; ou estão sem ele, ou contra ele, e deliberadamente contra a sua Igreja: tornam-se motivo de confusão, causando aspereza nas relações humanas, e perigos contínuos de guerras fratricidas. (JOÃO XXIII, 1997, p. 22)

Segundo o Papa João XXIII a expectativa é que, iluminada pela luz deste Concílio, a Igreja se enriqueça em bens espirituais e, ao receber novas energias, olhe corajosamente para o futuro. Com atualizações oportunas e uma coordenação

prudente da colaboração mútua, ele afirma, a Igreja conseguirá que homens, famílias e povos voltem suas almas para as realidades celestiais. Ademais, afirma existir os “profetas de desgraça”, que anunciam sempre eventos infelizes, como se o fim do mundo estivesse próximo. Neste momento histórico, a Providência conduz os cristãos a uma nova ordem de relações humanas, que, por meio dos homens e muitas vezes além de suas expectativas, se direcionam para o cumprimento de desígnios superiores e inesperados; e tudo, até mesmo as adversidades humanas, se dispõe para o bem maior da Igreja.

Outro ponto relevante do discurso é a preocupação com as controvérsias existentes no mundo, mas até isso é importante para o êxito do Concílio: segundo João XXIII, é fácil perceber essa realidade ao observar o mundo atual, tão envolvido com política e controvérsias econômicas, que já não encontra tempo para se atentar às solicitações espirituais que a Igreja Católica aborda. Embora essa atitude não seja justa e mereça a desaprovação dos cristãos, não se pode negar que essas novas condições da vida moderna têm, pelo menos, a vantagem de eliminar muitos dos obstáculos que, no passado, impediam a ação livre da Igreja. Ao percorrer rapidamente a história eclesiástica, é evidente que os próprios Concílios Ecumênicos, que constituíram uma sucessão de verdadeiras glórias para a Igreja Católica, muitas vezes foram celebrados em meio a dificuldades graves e tristezas, devido à intromissão indevida das autoridades civis. Embora essas autoridades, em algumas ocasiões, buscassem sinceramente proteger a Igreja, frequentemente isso ocorria com danos e perigos espirituais, pois agiam segundo suas conveniências políticas.

O Concílio deseja promover a unidade na família cristã e humana, reconhecendo a importância de um diálogo aberto e inclusivo que transcenda as divisões históricas e culturais. Em um mundo marcado por conflitos e polarizações, a busca pela unidade se torna uma missão essencial, que visa não apenas a reconciliação entre diferentes denominações cristãs, mas também a construção de pontes com todas as pessoas de boa vontade. Essa iniciativa reflete o chamado à solidariedade e à compreensão mútua, enfatizando que, apesar das diferenças, todos compartilham uma busca comum por valores fundamentais como a paz, a justiça e a dignidade humana. Assim, o Concílio se propõe a ser um espaço de encontro e diálogo, onde a diversidade é celebrada e a unidade é cultivada, promovendo um testemunho autêntico da fé cristã no mundo contemporâneo.

A solicitude da Igreja em promover e defender a verdade, deriva disso que, segundo o desígnio de Deus “que quer salvar todos os homens e que todos cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4), os homens não podem sem a ajuda de toda a doutrina revelada conseguir uma completa e sólida união dos espíritos, com a qual andam juntas a verdadeira paz e a salvação eterna. Infelizmente, a família cristã, não atingiu ainda, plena e perfeitamente, esta visível unidade na verdade. A Igreja Católica julga, portanto, dever seu empenhar-se ativamente para que se realize o grande mistério daquela unidade, que Jesus Cristo pediu com oração ardente ao Pai celeste, pouco antes do seu sacrifício. Ela goza de paz suave, bem convicta de estar intimamente unida com aquela oração; e muito se alegra depois, quando vê que essa invocação estende a sua eficácia, com frutos salutareis, mesmo àqueles que estão fora do seu seio. Mais ainda, se consideramos bem esta mesma unidade, impetrada por Cristo para a sua Igreja, parece brilhar com tríplice raio de luz sobrenatural e benéfica: a unidade dos católicos entre si, que se deve manter exemplarmente firmíssima; a unidade de orações e desejos ardentes, com os quais os cristãos separados desta Sé Apostólica ambicionam unir-se conosco; por fim, a unidade na estima e no respeito para com a Igreja Católica, por parte daqueles que seguem ainda religiões não-cristãs (JOÃO XXIII, 1997, p. 30)

Em suma, o discurso de abertura do Concílio Vaticano II simboliza um momento de esperança e renovação para a Igreja, refletindo a transição de um tempo de reclusão para uma nova fase de diálogo e abertura ao mundo. Este início é marcado pela expectativa de um futuro iluminado, onde a luz da verdade e da compreensão se espalhará, dissipando as sombras do passado. A visão do Papa João XXIII ressoa fortemente, ao afirmar que "O Concílio, que agora começa, surge na Igreja como dia que promete a luz mais brilhante. Estamos apenas na aurora: mas já o primeiro anúncio do dia que nasce de quanta suavidade não enche o nosso coração". Essas palavras sintetizam a essência do Concílio, que busca não apenas iluminar a vida da Igreja, mas também tocar os corações de todos os homens e mulheres, promovendo uma renovação espiritual que se estende além das fronteiras da fé.

2.1.3 Introdução à *Gaudium et Spes*

O texto *Chaves Teológicas da Gaudium et Spes* de João Manuel Hurtado López (LÓPEZ, 2013, p. 61) serve como uma premissa fundamental para as discussões posteriores sobre a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, um dos documentos mais significativos do Concílio Vaticano II. Ao apresentar uma análise detalhada das chaves teológicas que sustentam este importante documento, o autor estabelece um contexto que permite compreender a nova abordagem da Igreja em relação ao mundo contemporâneo. Essa introdução não apenas contextualiza a importância do

documento católico, mas também prepara o terreno para uma exploração mais profunda das suas implicações teológicas e pastorais, destacando a necessidade de um diálogo aberto e inclusivo entre a fé cristã e as realidades da vida moderna, para compreender melhor o ser humano.

O autor destaca que a fundamentação teológica da *Gaudium et Spes* gira em torno do conceito de criação-redenção, que sustenta a dignidade humana. A antropologia teológica apresentada no documento enfatiza que o ser humano é criado à imagem de Deus e que, através da Encarnação, todos são convidados a participar da vida divina. Essa visão culmina na Cristologia, onde o mistério do homem é plenamente revelado no mistério do Verbo encarnado. Assim, a Constituição Pastoral afirma que a encarnação do Filho de Deus une-se a toda a humanidade, oferecendo uma resposta às aspirações mais profundas do ser humano.

Uma das chaves teológicas que LÓPEZ (2013) apresenta é o método indutivo, que permite uma análise crítica da situação do mundo, considerando suas mudanças, valores e desafios. O Concílio, portanto, não se limita a definir dogmas, mas busca uma renovação da Igreja e um diálogo com o mundo, refletindo o desejo de João XXIII de que a Igreja se abra às realidades contemporâneas. Essa abordagem é uma ruptura com o magistério anterior, que frequentemente se distanciava da modernidade.

O autor também menciona a importância do reconhecimento da autonomia das realidades criadas, que permite à Igreja dialogar com a cultura e a sociedade sem perder sua essência. A *Gaudium et Spes* é vista como uma “Carta Magna do Humanismo Cristão”, valorizando aspectos como a liberdade, a subjetividade e o desenvolvimento humano, enquanto critica os limites da modernidade.

Por fim, LÓPEZ (2013) discute a teologia dos “sinais dos tempos”, que envolve a percepção da ação de Deus na história e a realidade do presente. Essa teologia é essencial para a Igreja, pois permite que os cristãos reconheçam e respondam aos desafios contemporâneos à luz da fé. O autor conclui que a *Gaudium et Spes* cria uma teologia que busca integrar a experiência humana com a revelação divina, promovendo uma visão de esperança e renovação. Esses dois pontos são essenciais para a compreensão da temática central desta dissertação, pois Charles de Foucauld faz também o esforço de associar a revelação divina às experiências dos povos que ele convivia no deserto.

2.2 *Gaudium et Spes* e a condição do ser humano no mundo atual

Primeiramente, é importante ressaltar que a *Gaudium et Spes* é o resultado de uma análise profunda e contextualizada dos desafios enfrentados pela sociedade nos anos 60. Este documento, que emergiu durante o Concílio Vaticano II, reflete uma época de intensas transformações sociais, políticas e culturais, que ainda reverberam em nosso tempo. Naquele período, questões como a justiça social, a dignidade humana e o papel da Igreja no mundo contemporâneo tornaram-se centrais para o diálogo entre fé e realidade. O documento não apenas aborda essas temáticas, mas também propõe uma visão renovada da missão da Igreja, enfatizando a necessidade de um engajamento ativo com as realidades do mundo. Diante disso, os temas tratados permanecem extremamente pertinentes.

De acordo com a *Gaudium et Spes*, para cumprir sua missão de responder às inquietações humanas, a Igreja deve constantemente observar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho. Dessa forma, ela poderá oferecer respostas que se ajustem a cada geração, abordando as questões eternas sobre o significado da vida atual e futura, bem como a relação entre ambas. Portanto, é essencial entender o mundo em que se vive, suas esperanças e aspirações, além de seu caráter frequentemente dramático. A seguir, algumas das principais características do mundo contemporâneo podem ser destacadas (GAUDIUM ET SPES, 1965, nº 4).²

A humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra. Provocadas pela inteligência e atividade criadora do homem, elas re incidem sobre o mesmo homem, sobre os seus juízos e desejos individuais e coletivos, sobre os seus modos de pensar e agir, tanto em relação às coisas como às pessoas. De tal modo que podemos já falar duma verdadeira transformação social e cultural, que se reflete também na vida religiosa. Como acontece em qualquer crise de crescimento, esta transformação traz consigo não pequenas dificuldades. Assim, o homem, que tão imensamente alarga o próprio poder, nem sempre é capaz de o pôr ao seu serviço. Ao procurar penetrar mais fundo no interior de si mesmo, aparece frequentemente mais incerto a seu próprio respeito. E, descobrindo gradualmente com maior clareza as leis da vida social, hesita quanto à direção que a esta deve imprimir (GS, nº 4).

Nunca a humanidade teve acesso a uma quantidade tão vasta de riquezas, oportunidades e poder econômico; no entanto, uma grande parte da população mundial ainda sofre com a fome e a pobreza, e muitos permanecem analfabetos,

² Neste texto será utilizada a abreviação GS, seguida do número que corresponde ao parágrafo, para citar a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*.

afirma a GS. Nunca as pessoas experimentaram um senso de liberdade tão intenso como nos tempos contemporâneos, embora novas formas de servidão social e psicológica estejam emergindo. Enquanto o mundo vivencia uma crescente unidade e interdependência entre seus membros, ele também enfrenta divisões profundas; conflitos políticos, sociais, econômicos, raciais e ideológicos continuam a existir, e o risco de uma guerra devastadora ainda não foi eliminado. O intercâmbio de ideias está em ascensão, mas as palavras que expressam conceitos cruciais podem ter significados muito distintos dependendo das ideologias. Por fim, busca-se incansavelmente uma ordem temporal mais justa, mas isso não é acompanhado por um progresso espiritual equivalente (GS, nº 4).

Diante de circunstâncias tão complicadas, muitos têm dificuldade em identificar os valores que realmente perduram e em integrá-los com os novos que surgem. Assim, divididos entre a esperança e a ansiedade, sentem-se sobrecarregados pela inquietação ao refletirem sobre a atual evolução dos eventos. No entanto, essa situação desafia o ser humano, levando-o a buscar uma resposta (GS, nº 4).

A atual perturbação dos espíritos e a mudança das condições de vida, estão ligadas a uma transformação mais ampla, a qual tende a dar o predomínio, na formação do espírito, às ciências matemáticas e naturais, e, no plano da ação, às técnicas, fruto dessas ciências. Esta mentalidade científica modela a cultura e os modos de pensar duma maneira diferente do que no passado. A técnica progrediu tanto que transforma a face da terra e tenta já dominar o espaço.

Também sobre o tempo estende a inteligência humana o seu domínio: quanto ao passado, graças ao conhecimento histórico; relativamente ao futuro, com a prospectiva e a planificação. Os progressos das ciências biológicas, psicológicas e sociais não só ajudam o homem a conhecer-se melhor, mas ainda lhe permitem exercer, por meios técnicos, uma influência direta na vida das sociedades. Ao mesmo tempo, a humanidade preocupa-se cada vez mais com prever e ordenar o seu aumento demográfico (GS, nº 5).

O próprio ritmo da história se acelera de tal forma que os indivíduos mal conseguem acompanhá-lo. O destino da comunidade humana se unifica, deixando de ser fragmentado em narrativas isoladas. Assim, a humanidade transita de uma visão majoritariamente estática da realidade para uma perspectiva mais dinâmica e evolutiva; essa mudança gera uma nova e vasta gama de questões que requerem análises e sínteses inovadoras (GS, nº 5).

Devido a esse fenômeno, observam-se diariamente transformações significativas nas comunidades locais tradicionais, como famílias patriarcais, clãs, tribos, aldeias e outros grupos diversos, assim como nas interações sociais. A

sociedade industrial se expande gradualmente, levando algumas nações à prosperidade econômica e alterando de forma radical as concepções e condições de vida que perduraram por séculos. A busca pela vida urbana também cresce, impulsionada pelo aumento das cidades e de sua população, além da disseminação do estilo de vida urbano entre os rurais (GS, nº 6).

Novos e mais eficazes meios de comunicação possibilitam o acesso a informações e a rápida propagação de ideias e sentimentos, gerando diversas repercussões. Não se pode ignorar que muitos indivíduos, motivados por diferentes razões, emigram e, com isso, alteram seu modo de vida. Assim, as relações entre as pessoas se multiplicam incessantemente, enquanto a socialização cria conexões, embora nem sempre promova um desenvolvimento adequado das pessoas e das relações verdadeiramente pessoais (GS, nº 6)

É certo que essa evolução é mais evidente nas nações que já desfrutam dos benefícios do progresso econômico e tecnológico, mas também se observa entre os povos em desenvolvimento que buscam para seus países as vantagens da industrialização e urbanização. Esses povos, especialmente aqueles com tradições mais antigas, sentem cada vez mais a necessidade de exercer sua liberdade de forma mais pessoal (GS, nº 5). Outra realidade que merece destaque é a transformação da estrutura psicológica, moral e religiosa que leva as pessoas (sobretudo os jovens) a ficarem inquietas:

A transformação de mentalidade e de estruturas põe muitas vezes em questão os valores admitidos, sobretudo no caso dos jovens. Tornam-se frequentemente impacientes e mesmo, com a inquietação, rebeldes; conscientes da própria importância na vida social, aspiram a participar nela o mais depressa possível. Por este motivo, os pais e educadores encontram, não raro, crescentes dificuldades no desempenho da sua missão.

Por sua vez, as instituições, as leis e a maneira de pensar e de sentir herdadas do passado nem sempre parecem adaptadas à situação atual; e daqui provém uma grave perturbação no comportamento e até nas próprias normas de ação.

Por fim, as novas circunstâncias afetam a própria vida religiosa. Por um lado, um sentido crítico mais apurado purifica-a duma concepção mágica do mundo e de certas sobrevivências supersticiosas, e exige cada dia mais a adesão a uma fé pessoal e operante; desta maneira, muitos chegam a um mais vivo sentido de Deus. Mas, por outro lado, grandes massas afastam-se praticamente da religião. Ao contrário do que sucedia em tempos passados, negar Deus ou a religião, ou prescindir deles já não é um facto individual e insólito: hoje, com efeito, isso é muitas vezes apresentado como exigência do progresso científico ou dum novo tipo de humanismo. Em muitas regiões, tudo isto não é apenas afirmado no meio filosófico, mas invade em larga

escala a literatura, a arte, a interpretação das ciências do homem e da história e até as próprias leis civis; o que provoca a desorientação de muitos (GS, nº 7).

Uma evolução tão rápida, frequentemente desordenada, e a crescente consciência das desigualdades no mundo geram ou intensificam contradições e desequilíbrios. No nível individual, é comum que surja um descompasso entre o conhecimento prático moderno e o pensamento teórico, que não consegue integrar e organizar adequadamente o conjunto de saberes. Além disso, há um desequilíbrio entre a busca por eficiência prática e as exigências da consciência moral; em outras situações, as condições coletivas de vida entram em conflito com as necessidades do pensamento pessoal e até da contemplação. Por fim, observa-se um desajuste entre a especialização das atividades humanas e uma visão holística da realidade (GS, nº 8).

Dentro do núcleo familiar, surgem tensões, seja pela pressão das condições demográficas, econômicas e sociais, seja pelas dificuldades que emergem entre diferentes gerações, ou ainda pelo novo tipo de relações sociais entre homens e mulheres. Discrepâncias significativas se manifestam entre raças e diversos grupos sociais, entre nações ricas e aquelas menos prósperas ou pobres, e, finalmente, entre instituições internacionais que surgem do desejo de paz e a ambição de propagar ideologias ou interesses coletivos de nações e outros grupos. Esses fatores geram desconfianças e inimizades mútuas, conflitos e tragédias, das quais o ser humano é simultaneamente o agente e a vítima (GS, nº 8).

A convicção de que a humanidade não apenas pode, mas deve expandir seu domínio sobre o mundo ao seu redor, está em constante crescimento. Além disso, é sua responsabilidade estabelecer uma ordem política, social e econômica que realmente atenda às suas necessidades e que permita a indivíduos e grupos afirmarem e desenvolverem sua dignidade (GS, nº 9).

Essa necessidade se reflete nas reivindicações de muitos que se sentem injustamente privados de bens essenciais, devido a uma distribuição desigual. Nações em desenvolvimento e aquelas que recentemente conquistaram sua independência buscam participar dos benefícios da civilização, tanto no âmbito político quanto econômico, almejando desempenhar um papel ativo no cenário global. No entanto, a distância entre elas e as nações mais ricas e em rápido progresso continua a

aumentar, muitas vezes acompanhada de uma dependência econômica crescente (GS, nº 9).

Os povos que sofrem com a fome clamam por justiça das nações mais abastadas. As mulheres, onde ainda não conseguiram, lutam pela igualdade de direitos e oportunidades em relação aos homens. Trabalhadores e camponeses não se contentam apenas em garantir o necessário para viver; eles desejam também desenvolver suas habilidades e participar ativamente na organização da vida econômica, social, política e cultural. Pela primeira vez na história, todos os povos reconhecem que os bens da cultura devem e podem ser acessíveis a todos (GS, nº 9).

Por trás de todas essas demandas, existe uma aspiração mais profunda e universal: a busca por uma vida plena e livre, digna da condição humana, utilizando tudo o que o mundo moderno tem a oferecer em abundância. As nações estão se esforçando cada vez mais para alcançar uma verdadeira comunidade global (GS, nº 9).

O mundo atual se apresenta, portanto, como um lugar simultaneamente forte e frágil, capaz de realizar tanto o melhor quanto o pior. Diante de si, a humanidade se depara com a escolha entre liberdade ou servidão, progresso ou retrocesso, fraternidade ou ódio. E, nesse contexto, o ser humano se torna consciente de que cabe a ele direcionar as forças que ele mesmo gerou, que podem tanto esmagá-lo quanto servi-lo. Por isso, ele se questiona (GS, nº 9). Diante disso, existe uma resposta para a inquietação humana? Para a *Gaudium et Spes*, Jesus Cristo é a resposta e a solução da problemática humana:

Na verdade, os desequilíbrios de que sofre o mundo atual estão ligados com aquele desequilíbrio fundamental que se radica no coração do homem. Porque no íntimo do próprio homem muitos elementos se com batem. Enquanto, por uma parte, ele se experimenta, como criatura que é, multiplamente limitado, por outra sente-se ilimitado nos seus desejos, e chamado a uma vida superior. Atraído por muitas solicitações, vê-se obrigado a escolher entre elas e a renunciar a algumas. Mais ainda, fraco e pecador, faz muitas vezes aquilo que não quer e não realiza o que desejaria fazer (4). Sofre assim em si mesmo a divisão, da qual tantas e tão grandes discórdias se originam para a sociedade. Muitos, sem dúvida, que levam uma vida impregnada de materialismo prático, não podem ter uma clara percepção desta situação dramática; ou, oprimidos pela miséria, não lhe podem prestar atenção. Outros pensam encontrar a paz nas diversas interpretações da realidade que lhes são propostas. Alguns só do esforço humano esperam a verdadeira e plena libertação do género humano, e estão convencidos que o futuro império do homem

sobre a terra satisfará todas as aspirações do seu coração. E não faltam os que, desesperando de poder encontrar um sentido para a vida, louvam a coragem daqueles que, julgando a existência humana vazia de qualquer significado, se esforçam por lhe conferir, por si mesmos, todo o seu valor. Todavia, perante a evolução actual do mundo, cada dia são mais numerosos os que põem ou sentem com nova acuidade as questões fundamentais: Que é o homem? Qual o sentido da dor, do mal, e da morte, que, apesar do enorme progresso alcançado, continuam a existir? Para que servem essas vitórias, ganhas a tão grande preço? Que pode o homem dar à sociedade, e que coisas pode dela receber? Que há para além desta vida terrena? (GS, nº 10)

De acordo com a Constituição Dogmática, a Igreja, por sua vez, tem a convicção de que Jesus Cristo, que morreu e ressuscitou por todos, oferece aos seres humanos, através de seu Espírito, a luz e a força necessárias para que possam atender à sua elevada vocação. Não há outro nome sob o céu pelo qual os homens possam ser salvos. A Igreja acredita que a chave, o centro e o propósito de toda a história humana estão em seu Senhor e mestre. Além disso, afirma que, por trás de todas as transformações, existem verdades que permanecem imutáveis, tendo Cristo como seu fundamento, o mesmo de ontem, hoje e sempre. Assim, o Concílio busca, à luz de Cristo, que é a imagem de Deus invisível e o primogênito de toda a criação, dirigir-se a todos, iluminando o mistério do ser humano e colaborando na resolução das questões mais prementes do nosso tempo (GS, nº 10).

2.3 *Gaudium et Spes* e a dignidade da pessoa humana

Segundo a *Gaudium et Spes*, a dignidade da pessoa humana é um tema central na reflexão da Igreja, que, guiada pela fé e pela ação do Espírito do Senhor, busca discernir os sinais da presença divina nas realidades contemporâneas. Em um mundo repleto de desafios e aspirações, a Igreja se propõe a iluminar a compreensão do ser humano à luz do desígnio divino, reconhecendo a vocação integral de cada indivíduo. Essa busca por valores que refletem a excelência do engenho humano, concedido por Deus, é essencial, mas também exige uma purificação constante, uma vez que a corrupção do coração humano pode desviar esses valores de sua verdadeira ordenação. Assim, ao questionar o que a Igreja pensa sobre o homem e quais recomendações são necessárias para a construção de uma sociedade justa, emerge a compreensão de que o Povo de Deus e a humanidade se inter-relacionam em um serviço mútuo, revelando o carácter profundamente humano e religioso da missão da Igreja.

Para se compreender a dignidade humana, afirma o documento, é fundamental considerar a visão da Igreja sobre o homem como criado à imagem de Deus, o que estabelece a base para sua dignidade intrínseca. Essa dignidade é refletida na constituição do homem, que é um ser único, composto de corpo e alma, e que possui a capacidade de entender e amar. A dignidade do entendimento permite ao ser humano buscar a verdade e o conhecimento, enquanto a dignidade da consciência moral o chama a discernir entre o bem e o mal, guiando suas ações em conformidade com a lei divina. Além disso, a grandeza da liberdade humana é um aspecto essencial, pois permite que cada indivíduo escolha seu caminho e exerça sua vocação. A imortalidade da alma e o enigma da morte também são temas cruciais, pois nos confrontam com a realidade da vida eterna e o significado da existência. Por fim, a figura de Cristo como o homem novo que oferece um modelo perfeito de dignidade e plenitude humana, revelando o potencial de cada pessoa para viver em comunhão com Deus e com os outros. Esses conceitos interligados ajudarão a aprofundar a compreensão da dignidade humana e seu papel central na vida e na missão da Igreja, conforme a GS.

Tudo o que existe na Terra deve ser organizado em função do ser humano, que é considerado seu centro e objetivo final. Esse entendimento é amplamente aceito tanto por crentes quanto por não-crentes. No entanto, a pergunta sobre o que é o homem é complexa e tem gerado inúmeras opiniões, muitas vezes contraditórias. Em alguns casos, o homem é exaltado a um status absoluto, enquanto em outros, é levado ao desespero. Essa dualidade gera dúvidas e angústias (GS, nº 12).

A Igreja reconhece essas dificuldades e, guiada pela revelação divina, oferece respostas que ajudam a definir a verdadeira condição do ser humano, esclarecendo suas fraquezas e permitindo uma compreensão mais precisa de sua dignidade e vocação. A Sagrada Escritura nos ensina que o homem foi criado "à imagem de Deus", dotado da capacidade de conhecer e amar seu Criador, e que, por isso, é o senhor de todas as criaturas da Terra, destinado a dominá-las e a servi-las, glorificando a Deus (GS, nº 12).

O Salmo 8 recorda: "Que é o homem, para que dele te lembres? ou o filho do homem, para que te preocupes com ele? Fizeste dele pouco menos que um anjo, coroando-o de glória e esplendor. Estabeleceste-o sobre a obra de tuas mãos, tudo puseste sob os seus pés". Além disso, Deus não criou o homem isoladamente; desde o início, Ele fez "homem e mulher", e essa união representa a primeira forma de

comunhão entre pessoas. O ser humano, por sua natureza, é um ser social que não pode viver nem desenvolver suas qualidades sem se relacionar com os outros. Como está escrito na Sagrada Escritura, Deus viu “todas as coisas que fizera, e eram boas” (Gn 1,31) (GS, nº 12).

Desde a criação, Deus estabeleceu um relacionamento íntimo e de amizade com o ser humano, projetando-o para viver em comunhão com Ele e com os outros. Essa relação era marcada por amor, confiança e harmonia, refletindo a essência divina. No entanto, o pecado, fruto da desobediência e da escolha do homem em se afastar de Deus, introduziu um abismo entre o Criador e a criatura. Essa ruptura não apenas comprometeu a amizade original, mas também gerou um distanciamento que afetou a natureza humana, trazendo consigo dor, confusão e a luta constante entre o bem e o mal. Assim, o pecado se tornou um obstáculo à plena realização da vocação do homem, que é viver em união com Deus e com seus semelhantes. Sobre isso, afirma a Constituição Pastoral:

Estabelecido por Deus num estado de santidade, o homem, seduzido pelo maligno, logo no começo da sua história abusou da própria liberdade, levantando-se contra Deus e desejando alcançar o seu fim fora d'Ele. Tendo conhecido a Deus, não lhe prestou a glória a Ele devida, mas o seu coração insensato obscureceu-se e ele serviu à criatura, preferindo-a ao Criador. E isto que a revelação divina nos dá a conhecer, concorda com os dados da experiência. Quando o homem olha para dentro do próprio coração, descobre-se inclinado também para o mal, e imerso em muitos males, que não podem provir de seu Criador, que é bom. Muitas vezes, recusando reconhecer Deus como seu princípio, perturbou também a devida orientação para o fim último e, ao mesmo tempo, toda a sua ordenação quer para si mesmo, quer para os demais homens e para toda a criação (GS, nº 13).

O ser humano, segundo a GS, vive em um estado de divisão interna. Assim, a vida de cada pessoa, bem como a vida em sociedade, se revela como uma intensa batalha entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas. Além disso, o homem percebe que não consegue enfrentar sozinho os ataques do inimigo, sentindo-se como se estivesse preso por correntes. No entanto, o Senhor veio pessoalmente para libertar e fortalecer a humanidade, renovando-a por dentro e expulsando o príncipe deste mundo (cf. Jo 12,31), que a mantinha aprisionada pelo pecado. O pecado, de fato, diminui o ser humano, impedindo-o de alcançar sua plena realização. A nobre vocação e a profunda miséria que os homens vivenciam encontram sua verdadeira explicação à luz dessa revelação (GS, nº 13).

No que concerne à natureza do homem, o documento compreende que ele é um ser único, formado por corpo e alma, que sintetiza em sua essência os elementos do mundo material, os quais, através dele, alcançam sua máxima elevação e louvam livremente o Criador. Assim, o ser humano não deve desconsiderar a vida corporal; ao contrário, deve enxergar seu corpo como algo bom e digno de respeito, uma vez que foi criado por Deus e ressuscitará no último dia. No entanto, ferido pelo pecado, o homem enfrenta as turbulências de sua própria carne. É, portanto, a dignidade humana que exige que ele glorifique a Deus através de seu corpo, evitando que este se torne escravo das más inclinações do coração. O homem não se engana ao reconhecer sua superioridade em relação às coisas materiais, percebendo-se como algo mais do que uma simples parte da natureza ou um elemento anônimo da sociedade. Por meio de sua interioridade, ele transcende o mundo das coisas; esse é o profundo conhecimento que alcança ao voltar-se para dentro de si, onde Deus, que conhece os corações, o aguarda, e onde, sob o olhar do Senhor, ele decide seu próprio destino. Ao reconhecer em si uma alma espiritual e imortal, o homem não se deixa enganar por uma criação ilusória, resultado apenas de condições físicas e sociais; ao contrário, ele atinge a verdade essencial das coisas (GS, nº 14).

Sobre a dignidade do entendimento, a *Gaudium et Spes* afirma que, ao participar da luz da inteligência divina, o homem é capaz de superar o universo por meio de sua razão. Ao longo dos séculos, ele tem exercitado incansavelmente seu engenho, alcançando grandes avanços nas ciências empíricas, nas técnicas e nas artes liberais. Atualmente, esses progressos se destacam especialmente na investigação e na conquista do mundo material. Contudo, o homem sempre buscou e encontrou uma verdade mais profunda. A inteligência, embora obscurecida e debilitada pelo pecado, não se limita apenas ao domínio dos fenômenos; ela possui a capacidade de alcançar a realidade inteligível com certeza (GS, nº 15).

Ademais, a natureza espiritual da pessoa humana deve encontrar sua perfeição na sabedoria, que atrai suavemente o espírito do homem em direção à busca e ao amor pela verdade e pelo bem, guiando-o das coisas visíveis para as invisíveis. Mais do que em épocas passadas, o tempo em que o documento foi escrito necessita dessa sabedoria, pois o destino do mundo está ameaçado na ausência de homens sábios. É importante ressaltar que muitas nações, embora carentes de bens econômicos, são ricas em sabedoria e podem oferecer uma contribuição inestimável às demais. Pelo dom do Espírito Santo, o homem é capaz de contemplar e saborear, na fé, o mistério

do plano divino (GS, nº 15). Outro tópico importante é a dignidade da consciência moral:

No fundo da própria consciência, o homem descobre uma lei que não se impõe a si mesmo, mas à qual deve obedecer; essa voz, que sempre o está a chamar ao amor do bem e fuga do mal, soa no momento oportuno, na intimidade do seu coração: faz isto, evita aquilo. O homem tem no coração uma lei escrita pelo próprio Deus; a sua dignidade está em obedecer-lhe, e por ela é que será julgado. A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser. Graças à consciência, revela-se de modo admirável aquela lei que se realiza no amor de Deus e do próximo. Pela fidelidade à voz da consciência, os cristãos estão unidos aos demais homens, no dever de buscar a verdade e de nela resolver tantos problemas morais que surgem na vida individual e social. Quanto mais, portanto, prevalecer a reta consciência, tanto mais as pessoas e os grupos estarão longe da arbitrariedade cega e procurarão conformar-se com as normas objetivas da moralidade. Não raro, porém, acontece que a consciência erra, por ignorância invencível, sem por isso perder a própria dignidade. Outro tanto não se pode dizer quando o homem se descuida de procurar a verdade e o bem e quando a consciência se vai progressivamente cegando, com o hábito do pecado (GS, nº 16).

No que diz respeito à grandeza da liberdade, o documento destaca que ela é um dos aspectos mais nobres da condição humana, permitindo que o homem busque o bem e se converta a ele. As pessoas valorizam e buscam ardentemente essa liberdade, o que é plenamente justificável. No entanto, muitas vezes essa busca se manifesta de maneira condenável, como se a liberdade fosse apenas a licença para agir de qualquer forma, mesmo que isso signifique fazer o mal, desde que traga satisfação. A verdadeira liberdade, por sua vez, é um sinal privilegiado da imagem divina no ser humano, pois Deus desejou que o homem fosse "deixado à sua própria decisão", permitindo que ele busque seu Criador e alcance, de forma livre, a perfeição beatífica ao aderir a Ele (GS, nº 17).

Para que o homem atinja essa dignidade, é necessário que ele aja de acordo com sua própria consciência e por livre adesão, movido internamente e não por impulsos cegos ou coerções externas. A dignidade é alcançada quando o homem se liberta das paixões e busca, de forma consciente e diligente, o bem. Contudo, a liberdade do homem, afetada pelo pecado, só pode ser plenamente realizada com a ajuda da graça divina, que orienta sua busca por Deus. Assim, cada indivíduo deve prestar contas de sua vida diante de Deus, conforme as ações boas ou más que tiver praticado (GS, nº 17).

Caminhando para o final da discussão sobre a dignidade humana, o documento versa sobre a imortalidade e o enigma da morte. É em face da morte que o enigma da condição humana mais se adensa. Não é só a dor e a progressiva dissolução do corpo que atormentam o homem, mas também, e ainda mais, o temor de que tudo acabe para sempre. A intuição do próprio coração fá-lo acertar, quando o leva a aborrecer e a recusar a ruína total e o desaparecimento definitivo da sua pessoa. O germe de eternidade que nele existe, irredutível à pura matéria, insurge-se contra a morte. Todas as tentativas da técnica, por muito úteis que sejam, não conseguem acalmar a ansiedade do homem: o prolongamento da longevidade biológica não pode satisfazer aquele desejo duma vida ulterior, invencivelmente radicado no seu coração (GS, nº 18).

Enquanto, diante da morte, qualquer imaginação se revela impotente, a Igreja, ensinada pela revelação divina, afirma que o homem foi criado por Deus para um fim feliz, para além dos limites da miséria terrena. A fé cristã ensina que a própria morte corporal, de que o homem seria isento se não tivesse pecado, acabará por ser vencida, quando o homem for pelo onipotente e misericordioso Salvador restituído à salvação que por sua culpa perdera. Com efeito, Deus chamou e chama o homem a unir-se a Ele com todo o seu ser na perpétua comunhão da incorruptível vida divina. Esta vitória, alcançou-a Cristo ressuscitado, libertando o homem da morte com a própria morte. Portanto, a fé, que se apresenta à reflexão do homem apoiada em sólidos argumentos, dá uma resposta à sua ansiedade acerca do seu destino futuro; e ao mesmo tempo oferece a possibilidade de comunicar em Cristo com os irmãos queridos que a morte já levou, fazendo esperar que eles alcançaram a verdadeira vida junto de Deus (GS, nº 18).

Por fim, para compreender a dignidade do ser humano, é preciso reconhecer que o mistério do homem só se esclarece verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura do futuro, isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e desvela a sua vocação sublime. Não é por isso de admirar que as verdades acima ditas tenham n'Ele a sua fonte e n'Ele atinjam a plenitude (GS, nº 22).

“Imagem de Deus invisível” (Cl 1,15), Ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que, n'Ele, a natureza humana foi assumida, e não destruída, por isso mesmo também em

nós foi ela elevada a sublime dignidade. Porque, pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado (GS, nº 22).

Cordeiro inocente, mereceu-nos a vida com a livre efusão do seu sangue; n'Ele nos reconciliou Deus consigo e uns com os outros e nos arrancou da escravidão do demônio e do pecado. De maneira que cada um de nós pode dizer com o Apóstolo: o Filho de Deus “amou-me e entregou-se por mim” (Gl 2,20). Sofrendo por nós, não só nos deu exemplo, para que sigamos os seus passos, mas também abriu um novo caminho, em que a vida e a morte são santificados e recebem um novo sentido (GS, nº 22).

O cristão, tornado conforme à imagem do Filho que é o primogénito entre a multidão dos irmãos, recebe “as primícias do Espírito” (Rm 8,23), que o tornam capaz de cumprir a lei nova do amor. Por meio deste Espírito, “penhor da herança” (Ef 1,14), o homem todo é renovado interiormente, até à “redenção do corpo” (Rm 8,23): “Se o Espírito d'Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos habita em vós, Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos dará também a vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita» (Rm. 8,11). É verdade que para o cristão é uma necessidade e um dever lutar contra o mal através de muitas tribulações, e sofrer a morte; mas, associado ao mistério pascal, e configurado à morte de Cristo, vai ao encontro da ressurreição, fortalecido pela esperança (GS, nº 22).

2.4 *Gaudium et Spes* e a comunidade humana

Para a *Gaudium et Spes*, um dos aspectos mais relevantes da sociedade que passa por transformações é o aumento das interações entre as pessoas, impulsionado significativamente pelos avanços tecnológicos atuais. No entanto, o diálogo fraterno entre os indivíduos não ocorre apenas no âmbito desses progressos, mas em um nível mais profundo, que envolve a comunidade de pessoas e requer o respeito mútuo pela sua plena dignidade espiritual. A revelação cristã desempenha um papel fundamental na promoção dessa comunhão, ao mesmo tempo que nos conduz a uma compreensão mais profunda das leis da vida social que o Criador estabeleceu na natureza espiritual e moral do ser humano (GS, nº 23).

A GS reconhece que diversos documentos da Igreja Católica já abordaram a doutrina cristã e sua relação com a sociedade humana. No entanto, o Concílio Vaticano II se propõe a relembrar algumas verdades essenciais, apresentando-as à luz da revelação divina. Nesse contexto, é fundamental destacar algumas consequências significativas que emergem da reflexão proposta neste documento, especialmente em relação aos desafios do tempo em que foi elaborado (GS, nº 23).

O primeiro ponto a ser destacado sobre a comunidade humana é a verdade sobre a índole comunitária da vocação humana. Deus, que cuida de todos com solicitude paternal, desejou que os homens formassem uma só família e se tratassem uns aos outros como irmãos. Criados à imagem e semelhança daquele Deus que “fez habitar sobre toda a face da terra o inteiro gênero humano, saído de um princípio único” (At 17, 26), todos são chamados a um único e mesmo fim, que é o próprio Deus. Por isso, o amor de Deus e do próximo é o primeiro e maior de todos os mandamentos (GS, nº 24).

A Sagrada Escritura ensina que o amor de Deus não pode ser separado do amor ao próximo: “...todos os outros mandamentos se resumem neste: amarás o próximo como a ti mesmo... A caridade é, pois, a lei na sua plenitude” (Rm 13, 9-10; 1 Jo 4, 20). Isso se revela de extrema importância, especialmente em um tempo em que os homens se tornam cada vez mais dependentes uns dos outros e o mundo se unifica cada vez mais. Além disso, quando o Senhor Jesus pede ao Pai “que todos sejam um..., como nós somos um” (Jo 17, 21-22), sugere — abrindo perspectivas inacessíveis à razão humana — uma certa analogia entre a união das pessoas divinas e a união dos filhos de Deus na verdade e na caridade. Essa semelhança torna evidente que o homem, a única criatura sobre a terra que é amada por Deus por si mesma, não pode se encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo doado ao próximo (GS, nº 24). Outro ponto relevante é a interdependência da pessoa humana e da sociedade humana:

A natureza social do homem torna claro que o progresso da pessoa humana e o desenvolvimento da própria sociedade estão em mútua dependência. Com efeito, a pessoa humana, uma vez que, por sua natureza, necessita absolutamente da vida social, é e deve ser o princípio, o sujeito e o fim de todas as instituições sociais. Não sendo, portanto, a vida social algo de adventício ao homem, este cresce segundo todas as suas qualidades e torna-se capaz de responder à própria vocação, graças ao contacto com os demais, ao mútuo serviço e ao diálogo com seus irmãos. Entre os laços sociais, necessários para o desenvolvimento do homem, alguns, como a família e a sociedade política, correspondem mais imediatamente à sua natureza íntima;

outros são antes fruto da sua livre vontade. No nosso tempo, devido a várias causas, as relações e interdependências mútuas multiplicam-se cada vez mais; o que dá origem a diversas associações e instituições, quer públicas quer privadas. Este facto, denominado socialização, embora não esteja isento de perigos, traz, todavia, consigo muitas vantagens, em ordem a confirmar e desenvolver as qualidades da pessoa humana e a proteger os seus direitos (GS, nº 25).

Entretanto, embora seja verdade que as pessoas se beneficiam significativamente da vida social para realizar sua vocação, inclusive a religiosa, não se pode ignorar que muitas vezes os homens são afastados do bem ou levados ao mal pelas condições em que vivem desde a infância. As frequentes perturbações na ordem social decorrem, em grande parte, das tensões presentes nas estruturas económicas, políticas e sociais. No entanto, essas questões têm raízes mais profundas no egoísmo e no orgulho humano, que distorcem o ambiente social. Quando a ordem das coisas é corrompida pelas consequências do pecado, o homem, que já nasce com uma inclinação para o mal, encontra novos estímulos para o pecado, os quais não consegue superar sem grandes esforços e com a ajuda da graça (GS, nº 25).

A crescente interdependência entre os povos torna o bem comum — que se refere às condições sociais que permitem a grupos e indivíduos alcançarem sua plena realização — cada vez mais universal. Isso implica que existem direitos e deveres que são relevantes para toda a humanidade. Cada grupo deve considerar as necessidades e aspirações legítimas dos outros, assim como o bem-estar de toda a família humana. Ao mesmo tempo, a consciência da dignidade inata da pessoa humana se intensifica, reconhecendo que essa dignidade é superior a todas as coisas e que seus direitos e deveres são universais e invioláveis. Portanto, é fundamental garantir que todos tenham acesso ao que precisam para viver de maneira verdadeiramente humana: alimentação, vestuário, moradia, liberdade para escolher seu estado de vida e formar uma família, direito à educação, ao trabalho, à boa reputação, ao respeito, à informação adequada, à liberdade de agir conforme a própria consciência, e à proteção da vida e da liberdade, inclusive em questões religiosas (GS, nº 26).

Assim, a ordem social e seu progresso devem sempre beneficiar as pessoas, pois a ordem das coisas deve estar subordinada à ordem das pessoas, e não o contrário. O próprio Senhor indicou isso ao afirmar que o sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado. Essa ordem, que se baseia na verdade, é

construída sobre a justiça e é vivificada pelo amor, deve ser continuamente aprimorada e, na liberdade, deve buscar um equilíbrio cada vez mais humano. Para alcançar isso, é necessária uma renovação de mentalidade e a implementação de reformas sociais abrangentes. O Espírito de Deus, que guia o curso da história e renova a face da terra com sua providência admirável, está presente nesse processo de evolução. Além disso, o fermento do Evangelho tem despertado e continua a despertar no coração humano uma demanda incontrolável por dignidade (GS, nº 26).

No que diz respeito às conclusões práticas, o Concílio enfatiza a importância de tratar cada ser humano com respeito, considerando o próximo como um "outro eu". Isso implica que devemos priorizar a vida do outro e garantir que ele tenha os meios necessários para viver com dignidade, evitando agir como o homem rico que ignorou o pobre Lázaro (GS, nº 27).

Analisando o contexto em que está inserido, o Concílio reconhece que é ainda mais urgente que a Igreja torne mais próxima de todos, oferecendo ajuda efetiva a quem a procura, seja um idoso abandonado, um trabalhador estrangeiro injustamente tratado, um exilado, ou uma criança de uma união ilegítima que sofre por um pecado que não cometeu. Os cristãos devem lembrar que, conforme ensinado por Cristo, ao ajudar os mais necessitados, estão servindo, na verdade, ao próprio Jesus (GS, nº 27).

Além disso, é inaceitável tudo o que vai contra a vida, como homicídio, genocídio, aborto, eutanásia e suicídio voluntário. Também são condenáveis as ações que ferem a integridade da pessoa, como mutilações, torturas físicas e mentais, e tentativas de coagir a consciência. Igualmente, são ofensivas as condições de vida desumanas, prisões arbitrárias, deportações, escravidão, prostituição e o tráfico de mulheres e jovens. As condições de trabalho que tratam os trabalhadores como meros instrumentos de lucro, em vez de indivíduos livres e responsáveis, também são inaceitáveis. Todas essas práticas não apenas corrompem a civilização, mas também desonram mais aqueles que as perpetuam do que aqueles que sofrem injustamente, ofendendo gravemente a honra que é devida ao Criador (GS, nº 27).

Os cristãos devem estender o respeito e o amor a todos, incluindo aqueles que têm opiniões diferentes das suas em questões sociais, políticas ou religiosas. Compreender suas perspectivas com empatia facilita o diálogo. No entanto, esse amor não deve levar à indiferença em relação à verdade; pelo contrário, ele motiva a compartilhar a verdade salvadora. É importante distinguir entre rejeitar o erro e

respeitar a dignidade de quem erra, pois somente Deus conhece os corações e proíbe de julgar a culpabilidade interna dos outros. A doutrina de Cristo chama os cristãos a perdoarem as ofensas e a amarem até mesmo seus inimigos, seguindo o mandamento de fazer o bem a quem odeia e orar por aqueles que os perseguem (GS, nº 28). Outros dois pontos merecem destaque: a igualdade essencial entre todos os homens e a superação da ética individualista.

A igualdade fundamental entre todos os seres humanos deve ser cada vez mais reconhecida, pois todos são criados à imagem de Deus e compartilham a mesma natureza e destino divinos. Embora existam diferenças nas capacidades físicas e intelectuais, é essencial eliminar qualquer forma de discriminação em relação aos direitos fundamentais, independentemente de sexo, raça, cor, condição social, língua ou religião. A negação desses direitos, como a liberdade de escolha das mulheres, é lamentável. Apesar das diferenças, a dignidade pessoal exige condições de vida mais justas e humanas, pois as desigualdades econômicas e sociais prejudicam a justiça e a paz. As instituições, tanto públicas quanto privadas, devem promover a dignidade humana e combater a opressão, adaptando-se às realidades espirituais, mesmo que isso leve tempo (GS, nº 29). Sobre a superação da ética individualista, o documento ressalta que: Outro ponto relevante é a interdependência da pessoa humana e da sociedade humana:

A profundidade e rapidez das transformações reclamam com maior urgência que ninguém se contente, por não atender à evolução das coisas ou por inércia, com uma ética puramente individualista. O dever de justiça e caridade cumpre-se cada vez mais com a contribuição de cada um em favor do bem comum, segundo as próprias possibilidades e as necessidades dos outros, promovendo instituições públicas ou privadas e ajudando as que servem para melhorar as condições de vida dos homens. Mas há pessoas que, fazendo profissão de ideias amplas e generosas, vivem sempre, no entanto, de tal modo como se nenhum caso fizessem das necessidades sociais. E até, em vários países, muitos desprezam as leis e prescrições sociais. Não poucos atrevem-se a eximir-se, com várias fraudes e enganos, aos impostos e outras obrigações sociais. Outros desprezam certas normas da vida social, como por exemplo as estabelecidas para defender a saúde ou para regularizar o trânsito de veículos, sem repararem que esse seu descuido põe em perigo a vida própria e alheia. Todos tomem a peito considerar e respeitar as relações sociais como um dos principais deveres do homem de hoje. Com efeito, quanto mais o mundo se unifica, tanto mais as obrigações dos homens transcendem os grupos particulares e se estendem progressivamente a todo o mundo. O que só se poderá fazer se os indivíduos e grupos cultivarem em si mesmos e difundirem na sociedade as virtudes morais e sociais, de maneira a tornarem-se realmente, com o necessário auxílio da graça divina, homens novos e construtores duma humanidade nova (GS, nº 30).

Para que cada homem possa cumprir mais perfeitamente os seus deveres de consciência, tanto para consigo quanto em relação aos grupos dos quais faz parte, é fundamental garantir que todos recebam uma formação ampla, utilizando os consideráveis recursos disponíveis na atualidade. A educação dos jovens, independentemente de sua origem social, deve ser organizada de forma a desenvolver não apenas o conhecimento, mas também uma forte personalidade, que é urgentemente necessária em nosso tempo (GS, nº 31).

No entanto, o homem não conseguirá alcançar esse senso de responsabilidade se as condições de vida não lhe permitirem reconhecer sua própria dignidade e responder à sua vocação, dedicando-se ao serviço de Deus e dos outros. A liberdade humana frequentemente se enfraquece em situações de extrema miséria e se degrada quando a pessoa se fecha em uma "solidão dourada" devido a facilidades excessivas. Por outro lado, essa liberdade se fortalece quando o homem enfrenta as dificuldades da vida social, assume as diversas exigências da convivência e se compromete com o serviço à comunidade (GS, nº 31).

Portanto, é essencial incentivar em todos a vontade de participar em empreendimentos comuns. É louvável o comportamento das nações onde a maioria dos cidadãos se envolve, com verdadeira liberdade, nos assuntos públicos. Contudo, é importante considerar a situação real de cada povo e a necessidade de uma autoridade pública forte. Para que todos se sintam motivados a participar da vida dos grupos que compõem o corpo social, é necessário que encontrem nesses grupos bens que os atraiam e os incentivem ao serviço mútuo. Podemos legitimamente acreditar que o futuro da humanidade depende daqueles que souberem oferecer às gerações futuras razões para viver e esperar (GS, nº 31).

Caminhando para o final das reflexões deste tópico, a Constituição Pastoral reflete sobre a solidariedade humana, destacando que Deus não criou os homens para viverem isolados, mas sim para se unirem em sociedade. Assim, Ele deseja santificar e salvar os homens não individualmente e com exclusão de qualquer ligação mútua, mas fazendo deles um povo que O reconhecesse em verdade e O servisse santamente. Desde o início da história da salvação, Ele escolheu os homens não apenas como indivíduos, mas como membros de uma comunidade. De fato, ao manifestar Seu desígnio, chamou a esses escolhidos o "seu povo" (Ex. 3, 7-12), com o qual estabeleceu aliança no Sinai (GS, nº 32).

Essa natureza comunitária se enriquece e se completa com a missão de Jesus Cristo. O Verbo encarnado quis se envolver na vida social da humanidade, estando presente nas bodas de Caná, visitando a casa de Zaqueu e compartilhando refeições com publicanos e pecadores. Ele manifestou o amor do Pai e a elevada vocação humana, evocando realidades sociais comuns e usando expressões e imagens do cotidiano. Jesus consagrou os vínculos sociais, especialmente os familiares, que são fundamentais para a vida em sociedade, e se submeteu livremente às leis de sua terra. Optou por viver como um trabalhador de seu tempo e lugar (GS, nº 32).

Em sua pregação, Jesus orientou os filhos de Deus a se tratarem como irmãos. Em sua oração, pediu que todos os seus discípulos fossem “um”. Ele se ofereceu à morte por todos, tornando-se Redentor de todos: “Não há maior amor do que dar a vida pelos seus amigos” (Jo 15, 13). E instruiu os Apóstolos a anunciar a mensagem evangélica a todos, para que a humanidade se tornasse a família de Deus, onde o amor fosse a única lei (GS, nº 32).

Como primogênito de toda criatura, após sua morte e ressurreição, estabeleceu, pelo dom do seu Espírito, uma nova comunhão fraterna entre todos os que O recebem com fé e caridade, isto é, na Igreja, que é o seu corpo, onde todos, como membros uns dos outros, se ajudam mutuamente segundo os diferentes dons que a cada um são dados. Essa solidariedade deve aumentar continuamente, até se realizar plenamente naquele dia em que os homens, salvos pela graça, darão perfeita glória a Deus, como família amada do Senhor (GS, nº 32).

2.5 *Gaudium et Spes* e a atividade humana no mundo

Continuamente a humanidade tem buscado, por meio de seu trabalho e criatividade, aprimorar sua existência. Nos tempos atuais, impulsionada pelos avanços da ciência e da tecnologia, essa busca se expandiu para abranger toda a natureza, e essa exploração continua a se intensificar. Com o crescimento das comunicações entre as nações, a humanidade começa a se perceber como uma única comunidade global. Assim, muitos dos recursos que antes eram atribuídos a forças superiores agora são conquistados através do esforço humano.

Entretanto, essa vasta empreitada levanta inúmeras interrogações entre as pessoas. Qual é o propósito e a importância dessa atividade incessante? Como se deve administrar os recursos conquistados? Quais são os objetivos dos esforços individuais e coletivos? Tudo isso também gera inquietações e, a Igreja, que se define

como a guardiã dos princípios da ordem moral e religiosa, reconhece que não possui respostas prontas para todas essas questões. No entanto, busca iluminar o caminho da humanidade, unindo a sabedoria da revelação à capacidade de discernimento de cada ser humano, para que os cristãos possam encontrar clareza nas incertezas que os cercam (GS, nº 33).

Para os fiéis, é inegável que a ação humana, tanto em nível individual quanto coletivo, representa o grande empenho que os seres humanos, ao longo dos séculos, dedicaram para aprimorar suas condições de vida, alinhando-se assim à vontade divina. O ser humano, feito à imagem de Deus, recebeu a missão de exercer domínio sobre a terra e tudo o que nela existe, governando o mundo com justiça e santidade. Ao reconhecer Deus como o Criador de tudo, deve direcionar sua vida e a do universo em conformidade com Ele, de modo que, ao submeter todas as coisas à sua autoridade, o nome de Deus seja glorificado em toda a criação (GS, nº 34).

Isto aplica-se também às atividades de todos os dias. Assim, os homens e as mulheres que, ao ganhar o sustento para si e suas famílias, de tal modo exercem a própria atividade que prestam conveniente serviço à sociedade, com razão podem considerar que prolongam com o seu trabalho a obra do Criador, ajudam os seus irmãos e dão uma contribuição pessoal para a realização dos desígnios de Deus na história. Longe de pensar que as obras do engenho e poder humano se opõem ao poder de Deus, ou de considerar a criatura racional como rival do Criador, os cristãos devem, pelo contrário, estar convencidos de que as vitórias do gênero humano manifestam a grandeza de Deus e são fruto do seu desígnio inefável. Mas, quanto mais aumenta o poder dos homens, tanto mais cresce a sua responsabilidade, pessoal e comunitária. Vê-se, portanto, que a mensagem cristã não afasta os homens da tarefa de construir o mundo, nem os leva a desatender o bem dos seus semelhantes, mas que, antes, os obriga ainda mais a realizar essas atividades (GS, nº 34).

A atividade humana, assim como surge do homem, também se direciona a ele. Quando age, o ser humano não apenas transforma o mundo e a sociedade, mas também se realiza como indivíduo. Ele aprende, desenvolve suas habilidades, transcende a si mesmo e se eleva. Esse crescimento, quando bem compreendido, é mais valioso do que qualquer bem material que se possa adquirir. O ser humano é mais valioso pelo que é do que pelo que possui. Da mesma forma, tudo o que se faz em busca de mais justiça, fraternidade e uma organização social mais humana tem um valor superior aos avanços técnicos. Embora esses avanços possam fornecer a base material para o progresso humano, sozinhos não são capazes de promovê-lo. Assim, a norma da atividade humana deve ser a seguinte: agir de acordo com o plano

e a vontade de Deus, alinhando-se ao verdadeiro bem da humanidade e possibilitando que cada pessoa, individualmente ou em sociedade, cultive e realize sua vocação integral (GS, nº 35).

Entretanto, muitos parecem temer que a conexão entre a atividade humana e a religião possa ser um obstáculo à autonomia dos indivíduos, das sociedades ou das ciências. Se entendemos a autonomia das realidades terrenas como o reconhecimento de que as coisas criadas e as sociedades possuem leis e valores próprios, que o homem deve descobrir, utilizar e organizar, então essa autonomia é perfeitamente legítima. Além de ser uma demanda dos homens de nosso tempo, está em total conformidade com a vontade do Criador. De fato, todas as coisas, por serem criadas, têm consistência, verdade, bondade e leis que devem ser respeitadas, reconhecendo os métodos específicos de cada ciência e arte. Portanto, a pesquisa metódica em todos os campos do saber, quando realizada de maneira verdadeiramente científica e ética, nunca será contrária à fé, pois tanto as realidades profanas quanto as da fé têm origem no mesmo Deus (GS, nº 36).

Aqueles que se dedicam humildemente a explorar os mistérios da natureza, mesmo sem perceber, são guiados pela mão de Deus, que sustenta e dá existência a todas as coisas. É lamentável que algumas atitudes entre cristãos não reconheçam adequadamente a legítima autonomia da ciência, levando a disputas que fazem muitos acreditarem que fé e ciência são incompatíveis. Por outro lado, se a expressão "autonomia das realidades temporais" implica que as criaturas não dependem de Deus e que o homem pode utilizá-las sem se orientar ao Criador, qualquer crente reconhece a falsidade dessa afirmação. Sem o Criador, a criatura não pode existir. Todos os crentes, independentemente de sua religião, sempre souberam ouvir a voz de Deus na linguagem das criaturas. Quando se esquece de Deus, a própria criatura se torna obscurecida (GS, nº 36).

Os números 37 e 38 do Documento Conciliar (GS) evidenciam que a atividade humana é viciada pelo pecado, mas é também aperfeiçoada pelo Mistério de Jesus Cristo. Ou seja, a ação do ser humano, marcada pelo pecado, é um campo de luta constante entre o bem e o mal. A Sagrada Escritura e a experiência histórica revelam que o progresso humano, embora benéfico, traz consigo a tentação de desviar-se da verdadeira fraternidade, levando os indivíduos a se concentrarem apenas em seus próprios interesses. Essa distorção da ordem de valores resulta em um mundo onde

a solidariedade é ameaçada, e a verdadeira unidade do ser humano se torna um desafio que requer esforço e a graça divina para ser alcançado.

A Igreja, ciente do desígnio de Deus, reconhece que o progresso pode contribuir para a felicidade humana, mas adverte contra a conformidade com um mundo repleto de vaidade e malícia. Para superar essa condição, os cristãos acreditam que todas as atividades humanas devem ser purificadas pela cruz e ressurreição de Cristo. A redenção trazida por Jesus transforma o homem, permitindo que ele ame e respeite as coisas criadas, reconhecendo-as como dádivas de Deus. Assim, o verdadeiro senhorio sobre o mundo é alcançado através da humildade e da liberdade de espírito, onde o crente se torna um bom administrador das criações divinas.

A encarnação do Verbo de Deus e sua ressurreição oferecem um novo caminho para a humanidade, fundamentado no amor. Cristo, ao assumir a condição humana, revela que a transformação do mundo se dá pelo amor, que deve ser praticado nas pequenas ações do cotidiano. Ele não apenas inspira a busca pela paz e justiça, mas também capacita os homens a submeterem suas energias em prol da vida humana.

2.6 Considerações finais e apontamentos

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, um dos documentos mais significativos do Concílio Vaticano II, aborda a inquietação humana como uma condição inerente à busca por significado e propósito na vida. Este documento reconhece que a inquietação não é apenas um desconforto, mas uma oportunidade de transformação e crescimento. A Igreja, ao observar os sinais dos tempos, é chamada a interpretar essas inquietações à luz do Evangelho, oferecendo respostas que se ajustem às necessidades de cada geração. Através dessa abordagem, o Documento propõe um diálogo aberto entre a fé cristã e as realidades contemporâneas, enfatizando a dignidade humana e a busca por um sentido mais profundo da existência.

A inquietação humana é uma força motriz que leva os indivíduos a questionar suas vidas, refletir sobre suas experiências e engajar-se ativamente com o mundo ao seu redor. Essa busca incessante por significado é impulsionada pelas rápidas transformações sociais, científicas e tecnológicas que caracterizam a modernidade. A Igreja, reconhecendo a complexidade dessas questões, não se apresenta como detentora de respostas prontas, mas como uma guia que busca iluminar o caminho

da humanidade, unindo a sabedoria da revelação à capacidade de discernimento de cada ser humano.

A proposta de que a inquietação pode ser um agente de esperança e renovação é central para a compreensão do papel da Igreja na sociedade contemporânea. Ao acolher e reconhecer as inquietações da humanidade, a Igreja se posiciona como um agente de transformação, promovendo a justiça, a dignidade humana e o bem comum. Essa visão de inquietação como oportunidade de crescimento é um convite para que os indivíduos não apenas enfrentem suas dúvidas e ansiedades, mas também as utilizem como um impulso para a ação e a mudança.

À medida que avançamos para o próximo capítulo, que explorará a experiência mística de Charles de Foucauld, é importante notar como essa vivência pode oferecer respostas significativas à inquietação humana. Charles de Foucauld, um místico e eremita, viveu uma vida de profunda busca espiritual e conexão com Deus, que refletiu as inquietações de sua época. Sua experiência mística não apenas o transformou pessoalmente, mas também o levou a um compromisso ativo com os outros, especialmente com os marginalizados e os pobres.

A mística de Foucauld, marcada por uma entrega total a Deus e uma profunda identificação com a humanidade, pode servir como um modelo para aqueles que buscam respostas para suas inquietações. Sua vida nos convida a refletir sobre como a experiência espiritual pode ser um caminho para a transformação pessoal e social, oferecendo um sentido de propósito e pertencimento em meio às incertezas da vida. Assim, a conexão entre a inquietação humana e a experiência mística de Charles de Foucauld será explorada, revelando como essa jornada espiritual pode iluminar o caminho para a paz interior e a ação transformadora no mundo.

3. A EXPERIÊNCIA MÍSTICA DE CHARLES DE FOUCAULD

O itinerário desta pesquisa mostrou que, na tentativa de atribuir a si mesmo muitas categorias, o homem “já formulou, e continua a formular, acerca de si mesmo, inúmeras opiniões, diferentes entre si e até contraditórias. Segundo estas, muitas vezes, se exalta até se constituir norma absoluta, outras se abate até ao desespero” (GS, nº 12). Neste sentido, a inquietação levou a humanidade a elaborar estas afirmações diferentes e até contraditórias que geram muitas dúvidas e, ao mesmo tempo, muitas angústias (GS, nº 12). No decorrer da história do pensamento ocidental, o homem já foi chamado de “medida de todas as coisas” (Protágoras de Abdera) ou de “lobo do próprio homem” (Thomas Hobbes).

Diante disso, foi apresentada a mística, a partir dos conceitos: linguagem e experiência, como uma das maneiras de resgatar a dignidade humana, enquanto sujeito que se relaciona com Deus. Como é sabido, existem muitas expressões da mística, todavia, esta pesquisa enfatizou a mística cristã que, de acordo com Clemente de Alexandria, tem duas fontes: a filosofia grega e a tradição hebraica. Como vimos anteriormente, a bíblia é um ponto nuclear da mística, em que Antigo e Novo Testamentos dão a fundamentação para refletir sobre a mística cristã (PINHEIRO, 2022, p. 93).

Para a Teologia Católica, o conceito de mística está intimamente ligado à ideia de perfeição: “Os cristãos, de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade” (LUMEN GENTIUM, nº 40), nas palavras do Evangelho: “Sede perfeitos, como o vosso Pai Celeste é perfeito” (Mt 5, 48).

Para alcançar esta perfeição, empreguem os fiéis as forças recebidas segundo a medida em que Cristo as dá, a fim de que [...] obedecendo em tudo à vontade do Pai, se consagrem com toda a alma à glória do Senhor e ao serviço do próximo. Assim crescerá em frutos abundantes a santidade do povo de Deus, como patentemente se manifesta na história da Igreja, com a vida de tantos santos (LUMEN GENTIUM, 2000, nº 40).

Este caminho espiritual leva à união cada vez mais íntima com Jesus Cristo. Esta união é denominada mística, pois o fiel é inserido no mistério de Cristo através dos sacramentos – que também são chamados de os santos mistérios – e, no mistério de Cristo, participa, igualmente, do mistério da Santíssima Trindade. Segundo a

Teologia Católica, Deus chama a humanidade para vivenciar esta íntima união com Ele (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, nº 2014).

É justamente nesta fonte que Charles de Foucauld tem sua inspiração e sua vivência mística como experiência de Deus no deserto. Esta experiência quer ser uma resposta ao homem inquieto e angustiado que busca a autorrealização. Para sustentar essa tese, o presente capítulo apresentará uma contextualização biográfica e teológica de Charles de Foucauld; os principais elementos da mística desenvolvida por ele na obra *A Sós com Deus*; a dimensão social de sua experiência mística; e o impacto e o legado da espiritualidade de Foucauld, como resposta à inquietação do homem que busca sentido à sua vida.

3.1 Charles de Foucauld: um geógrafo inquieto

Charles de Foucauld nasceu em Estrasburgo, na França, no dia 15 de setembro de 1858, em uma família católica e muito rica. Perdeu os pais aos 6 anos e sua educação ficou sob a tutela do avô materno. Embora fosse um menino muito tímido, tinha um notório saber e era apaixonado pela leitura. Entre os 15 e 16 anos perdeu a fé e se aventurou numa vida, segundo ele próprio, desregrada e a busca de prazeres momentâneos. Aos 20 anos iniciou a carreira militar que durou apenas 6 meses. Neste período alternava entre a leitura, a vida boemia e a jovem Mimi, que ele apresentava como legítima esposa. Vale ressaltar que Foucauld era geógrafo (DE LIMA, 2022, p. 17).

Em 1830, a França iniciou uma guerra para conquistar a Argélia e, em 1880, por ser militar, Charles de Foucauld também foi para lá, mas, contrariando a disciplina militar, levou consigo sua amante. No período de guerra, foi advertido muitas vezes por insubordinação e, por isso, foi mandado de volta para a França. Todavia, a aventura naquele lugar o encantara, fazendo com que ele solicitasse retorno à batalha. Aceito por outro Regimento, regressou ao Sul da Argélia, com a missão de apaziguar revoltosos da região, nesta ocasião, ele se apaixonou pela África (DE LIMA, 2022, p. 18).

A África pareceu-lhe um lugar apropriado para ser explorado como geógrafo e, por isso, pediu dispensa definitiva do exército e se disfarçou de rabino judeu para explorar o Marrocos. Nesta ocasião, Foucauld escreveu a obra *Reconnaissance au Maroc*, que o fez conquistar a medalha de ouro da Sociedade Geográfica de Paris, em 1885, com apenas 27 anos. A exploração da África, o aprofundamento do estudo

da língua e dos costumes árabes despertaram novamente o desejo de buscar a Deus (DE LIMA, 2022, p. 18).

Em 1886, Charles de Foucauld ouviu falar no Padre Huvelin, de Paris, e o procurou para discutir religião, todavia, o Padre o convenceu a orientar sua busca de Deus no catolicismo e, naquele momento, confessou, comungou, e se apaixonou pela fé e a moral católicas. Seguindo os conselhos do Padre, em 1888 seguiu viagem para a Terra Santa. Naquele lugar, mais precisamente em Nazaré, onde Jesus Cristo viveu até iniciar sua vida pública, Foucauld quis se tornar monge (DE LIMA, 2022, p. 18).

Mais uma vez ele buscou ajuda espiritual do Padre Huvelin, que o orientou a ingressar na Trapa (Ordem Religiosa de vida austera que surgiu na França no século XVII). Foucauld permaneceu na Ordem até 1897 e depois quis viver como Jesus numa vida mais pobre e recolhida na Terra Santa, no mosteiro das monjas clarissas. Foi exatamente neste lugar que ele se sentiu chamado à vida eremita (DE LIMA, 2022, p. 19).

No ano de 1901, Charles de Foucauld voltou para a França e, depois de um tempo de preparação, foi ordenado padre da diocese de Viviers, na França. Todavia, ele não queria exercer seu ministério em território francês e pediu às autoridades eclesiásticas para morar na África e teve seu pedido atendido. Ao voltar para o território africano, agora como eremita-sacerdote, dedicou-se à evangelização, a partir do testemunho de uma vida simples e da caridade, traduzindo os Evangelhos para os habitantes da região. Além disso, compôs dicionários, denunciou a escravidão que reinava naquele lugar e atendia as pessoas, sobretudo os mais pobres. Mesmo sendo visto por muitos como um homem bondoso, no dia 01 de dezembro de 1916, o eremitério onde morava foi atacado por um grupo de rebeldes que o fez refém e um adolescente o assassinou (DE LIMA, 2022, pp. 19-20).

A chave para a interpretação da mística desenvolvida por Charles de Foucauld será a compreensão do fenômeno místico sistematizado Juan Martín Velasco no texto *El fenómeno místico en la historia y en la actualidad*. A oração (linguagem) e o testemunho (experiência) de Foucauld serão assumidos como fontes de uma mística que responde à inquietação humana.

A oração na obra de Foucauld é a expressão do reconhecimento da pequenez humana: “Considerar, Deus, eu, humilde verme, levantar os olhos para ti, o ser infinito! Quase nem parece possível. E, entretanto, és quem no-lo ensina e impõe como dever” (DE FOUCAULD, 2018, p. 47). Nota-se, nesta assertiva, que o encontro místico com

Deus faz com que o homem aprenda a falar com Ele e, ao mesmo tempo, entenda a oração como uma necessidade. Esta necessidade faz com que o sujeito saia de si, numa experiência ascética, e mergulhe, através do diálogo, no mistério de Deus se desprendendo assim das coisas criadas (ainda que as coisas criadas possam ajudar o sujeito místico a se encontrar com Deus):

A partir das coisas criadas, nós podemos, e devemos elevarmo-nos a ti: subindo da beleza material à beleza de uma alma bela. Subindo degrau a degrau a escada dos seres, alcançamos a ideia do Espírito perfeito. Atribuindo-lhe todas as perfeições e negando-lhe todas as imperfeições, estendendo a beleza das perfeições até à excelência que tudo excede, chegamos à ideia de Deus (DE FOUCAULD, 2018, p. 47).

Como afirma Foucauld, é o próprio Deus que ensina o homem a falar com Ele: analisando um trecho do Evangelho de Mateus, ele compreende que a experiência de oração de Jesus quer ser uma escola para a humanidade. O trecho analisado afirma: “Sentai-vos aqui, enquanto eu vou ali, e faço oração” (Mt 26,36). Ele compreende que o cenário desta passagem antecede a morte de Jesus, que a oração dá forças para enfrentar a *paixão* e, assim, todos os homens, a partir deste ensinamento de Cristo, são convidados a suportar as rudes provas, os perigos, os sofrimentos através da oração (DE FOUCAULD, 2018, p. 22).

Ainda analisando a experiência da oração de Jesus, narrada no Evangelho de Mateus, Charles de Foucauld toma a seguinte passagem: “Ficai aqui e vigiai comigo” (Mt 26, 38) e reconhece que este convite-mandato não é direcionado somente aos três discípulos que acompanhavam Jesus naquele momento que antecede a paixão, mas a todos os que decidem seguir os ensinamentos Dele. Nas palavras de Foucauld, a companhia fiel e dedicada (a vigilância na oração) consola o coração de Cristo (DE FOUCAULD, 2018, pp. 22-23).

“Ele prostrou-se com o rosto em terra orando e dizendo” (Mt 26,39)
Nosso Senhor prostra-se para orar. Imitemo-lo: orando prostrados, de joelhos, nas atitudes mais penitentes, mais humildes, mais suplicantes, pois são estas as que mais nos convêm, e são também as melhores para nós, porque são as que traduzem maior amor. Que outra posição revela maior afeto, do que pôr-se de joelhos aos pés de quem se ama? Fiquemos assim ao pé do Senhor. Não temamos estar sentados na sua presença, como Santa Madalena, ou em pé. Mas preferíramos estar de joelhos, e sempre que pudermos, de joelhos ou prostrados, imitemos o seu exemplo, como a humildade, a penitência, e sobretudo o amor, mandam que se façam as nossas orações (DE FOUCAULD, 2018, p. 39).

Sobre a temática da oração, Charles de Foucauld ainda afirma que a oração ajuda a vencer as tentações deste mundo, ou seja, o homem que permanece na intimidade com Deus na oração é capaz de fechar os olhos para os prazeres momentâneos e focar no Senhor. Para ele, duas atitudes são necessárias: a primeira consiste em dispor de muito tempo para a oração, diariamente, com uma regularidade inviolável; e a segunda consiste transformar as atitudes do cotidiano também em uma oração, ou seja, trazer Deus presente em todas as circunstâncias. Sendo assim, a experiência também se torna uma oração (DE FOUCAULD, 2018, pp. 26-27). E é exatamente nesta concepção de oração traduzida na vivência que queremos versar sobre o segundo elemento da mística de Foucauld: a experiência.

Para Charles de Foucauld, a experiência cristã do encontro com Deus deve ser traduzida na caridade para com o próximo, afinal, não é possível estar na luz e manter ódio no coração por outra pessoa. Em outras palavras, a caridade é a externalização do encontro com Jesus, que convida o homem a andar como ele andou, a fazer o que ele fez, que convida a imitá-lo (DE FOUCAULD, 2021, p. 19):

É desse modo que posso glorificar mais Jesus: amá-lo mais, obedecer-lhe, imitá-lo... É a isso que me impelem o Evangelho, a atração, meu diretor... É o que me pedem o amor a Deus (seu bem, sua glória) e o amor ao próximo (seu bem... a salvação dos mais perdidos, a penúria dos mais necessitados)... Para dar a conhecer Jesus, o Sagrado Coração, a santa Virgem para irmãos de Jesus que não os conhecem, alimentar com a santa Eucaristia irmãos de Jesus que nunca a provaram, batizar irmãos de Jesus ainda escravos do demônio, ensinar o Evangelho, a história de Jesus, as virtudes evangélicas, a doçura do seio materno da Igreja para irmãos de Jesus que nunca ouviram falar deles (DE FOUCAULD, 2021, p. 69).

Neste sentido, a caridade também consiste em tornar Jesus conhecido através do anúncio e do testemunho. Ademais, ela também pode ser vista como um desprendimento de si para amar o outro (mesmo que este seja mau), pois o amor cristão está para além da lógica do merecimento. Nas palavras de Foucauld, o próprio Jesus tolerou Judas e, por isso, o cristão é convidado a fazer o bem mesmo quando existir ingratidão por parte do destinatário da bondade (DE FOUCAULD, 2021, p. 86). Vale ressaltar que ele traça um itinerário bem prático para fazer da caridade a medida dos seus atos, resumido em 24 regras, das quais se destacam:

1º Ser tudo para todos, com um único desejo: dar a todos Jesus. 2º Fazer o bem das almas vir antes de tudo [...] 6º Alegrar-nos não por termos, mas por faltar-nos [...] 12º Ser bom, muito bom, para fazer amarem Jesus: ser bom, manso, humilde. [...] 17º Rebaixamento: serviço dos outros [...] 18º Ver em todo ser humano Jesus e agir em conformidade: bondade, respeito, amor, humildade, mansidão, fazer por ele mais do que por mim. [...] 22º Não ter nada a mais nem melhor do que tinha Jesus em Nazaré... Alegrar-se com as privações (DE FOUCAULD, 2021, pp. 92-95).

Para ele, Jesus é o princípio da vida moral e, por isso, o homem deve pensar, falar e agir como Ele. Em outras palavras, a experiência mística da oração, traduzida no testemunho, faz com que o ser humano mergulhe no mistério que contempla, e, por este mistério, seja transformado em Outro Cristo (DE FOUCAULD, 2021, p. 188).

3.2 A Sós com Deus: a Intimidade Mística de Foucauld

Charles de Foucauld pode ser considerado um grande místico que, no deserto espiritual e no deserto geográfico, teve uma experiência mística profunda, dedicando-se a uma vida totalmente entregue a Deus. Ao longo de sua trajetória, ele realizou diversos retiros espirituais que enriqueceram sua espiritualidade e o prepararam para a missão no Saara. Nestes retiros, Foucauld se entregava à oração, à contemplação e à reflexão sobre a vida de Jesus Cristo, como modelo para a sua própria vida. Ele almejava seguir o exemplo do Mestre Jesus em sua simplicidade, humildade e amor pelos menos favorecidos. Esses retiros eram momentos de íntima comunhão com Deus, onde ele buscava discernir a vontade divina.

Vale ressaltar que este tópico quer apresentar a obra *A sós com Deus*, de Charles de Foucauld, que é o resultado das anotações feitas por ele em seus retiros espirituais. Miguel Savietto, membro da Fraternidade Leiga Charles de Foucauld, no prefácio do livro, define os escritos do autor como:

[...] fruto de sua experiência assídua e amorosa ao Evangelho. Não um tratado de teologia espiritual ou de experiências místicas profundas como as de João da Cruz ou Teresa D'Ávila que foram companheiros nesta jornada. Sua mística é apenas aquela de deixar-se seduzir pelo Evangelho, o que não é pouca coisa. (SAVIETTO. IN: DE FOUCAULD, 2021, p.7).

Savietto (IN: DE FOUCAULD, 2021) ainda recorda que o itinerário espiritual de Charles de Foucauld tem seu início nas vastas areias do Saara, onde testemunha com emoção a oração de um muçulmano prostrado em adoração. Essa experiência o

conduzirá gradualmente à descoberta de um Deus próximo, cheio de amor e misericórdia, na figura de Jesus. É no deserto, tanto geograficamente quanto espiritualmente, que ele refletirá mais tarde, com gratidão, sobre a manifestação do amor divino nos eventos e pessoas que cruzaram seu caminho (SAVIETTO. IN: DE FOUCAULD, 2021, p. 7).

A obra *A sós com Deus* nos apresenta a jornada espiritual de Charles de Foucauld que inclui a experiência na Trapa: onde aprende a ocupar o último lugar; nas Clarissas em Nazaré: trabalhando como jardineiro; na sua ordenação sacerdotal; e, por fim, na sua permanência no deserto do Saara: onde encontra seu martírio, configurando-se a Cristo na pobreza, na obediência e até na morte de forma inocente. Em todos esses acontecimentos, ele mantém um diálogo constante com Cristo. São esses retiros ao longo da vida que inspiram suas meditações, simples e sinceras, nascidas de seu tempo *a sós com Deus* no deserto (SAVIETTO. IN: DE FOUCAULD, 2021, p. 8).

Uma característica marcante de sua experiência contemplativa como eremita no deserto é a união da sua vida desprendida dos bens materiais com o amor de Deus, que se concretiza na meditação e prática dos conselhos Evangélicos, e sua dedicação em imitar a vida de Jesus em Nazaré, através da solidariedade ativa com os menos favorecidos que também viviam no deserto. O Evangelho está tão presente na vida do Místico que a obra é repleta de citações bíblicas. Em suas palavras, o próprio Jesus de Nazaré o interpela: "Eu não poderia viver senão só para Ele" (SAVIETTO. IN: DE FOUCAULD, 2021, p. 8).

Um dos retiros mais notáveis de Charles de Foucauld ocorreu em Beni Abbès, na Argélia, em 1902. Lá, ele se concentrou em aprofundar sua espiritualidade e se preparar para a missão no Saara. Durante esse retiro, ele expressou: "Estou me preparando para ser um missionário no Saara, levando a mensagem de amor e paz de Jesus Cristo a essas pessoas". Neste mesmo lugar, no ano seguinte, ele aprofundou ainda mais sua vida de oração e contemplação, buscando cada vez mais se assemelhar à vida simples e humilde de Jesus em Nazaré, vivendo em solidariedade com aqueles que sofriam. (DE FOUCAULD, 2021, pp. 71-135).

Em 1905, Charles de Foucauld realizou um retiro em Ghardaia, na Argélia, onde se dedicou a aprofundar sua espiritualidade. Em uma carta escrita durante esse retiro, ele compartilhou: "Estou me preparando para enfrentar os desafios da vida missionária no Saara, confiando em Deus e em Sua providência. Quero ser um

instrumento de paz e amor entre as pessoas que tanto necessitam de Deus” (DE FOUCAULD, 2021, pp. 137-184).

Nos próximos tópicos, serão explorados os principais elementos dos retiros realizados por Charles de Foucauld, conforme apresentados na obra *A sós com Deus*. Esses retiros constituem a base fundamental da experiência mística vivenciada pelo autor, fornecendo os elementos para a compreensão de sua jornada espiritual e busca pela união com o divino. A análise desses elementos permitirá uma imersão mais detalhada na espiritualidade de Foucauld, revelando os pilares que sustentaram sua conexão íntima com Deus e sua entrega total à contemplação e à ação. Como foi visto no capítulo anterior, a linguagem se revela como elemento fundamental da mística e, diante disso, as anotações de retiros são a ponte para a compreensão das experiências do autor.

3.2.1 Retiro de Subdiaconato

Em 1889, Charles de Foucauld teve a oportunidade de realizar um retiro de preparação para receber o Subdiaconato em Roma, um momento muito especial em sua jornada espiritual. Durante esse retiro, o Místico se dedicou intensamente a aprofundar sua relação com Deus e a se preparar para assumir um ministério importante na Igreja Católica. Ele se esforçou para fazer da preparação para o Sacerdócio um verdadeiro mergulho na espiritualidade do encontro com Deus, buscando se despojar de si mesmo e se entregar completamente ao amor divino. Em uma carta escrita durante esse retiro, ele expressou sua felicidade em estar em meio a esses santos lugares e sua sensação de estar se aproximando cada vez mais de Deus, o que reflete a profundidade de sua experiência espiritual e sua dedicação à vida religiosa (DE FOUCAULD, 2021, p. 14).

Neste Retiro, Charles de Foucauld divide a sua meditação em 4 aspectos: *Eleição* (tema que Charles dedica mais atenção), *Buquê Espiritual*, *Resolução* e *Pedido*. Sobre a Eleição, reconhece que é pecador e que precisa diariamente se preocupar com a sua conversão, afinal, segundo ele, sua vida é marcada por inúmeras graças e concomitantemente pouca fidelidade. Todavia, ele manifesta o desejo de, enquanto eleito, fazer da sua vida um genuíno esforço para se assemelhar cada vez mais a Jesus. De Foucauld está cada vez mais convencido de que Jesus o chama para uma união sponsal com Ele, um elo conjugal com o Bem-Amado. Esta união exige do ser humano uma postura de Esposa, ou seja, é preciso “amar o Esposo;

obedecer-lhe; imitá-lo; fazer-lhe fiel companhia; santificar-se inteiramente por ele; cuidar dos filhos e da casa (edificação das almas e serviços do santo altar” (DE FOUCAULD, 2021, p. 16).

Enquanto Alma Eleita pelo Senhor, Charles estava refletindo sobre seu futuro e buscando discernir a vontade de Deus para sua vida. Ele sabia que precisava seguir as orientações de seu diretor espiritual, que era para ele um canal entre suas inquietações e Deus. Ele estava disposto a ir para onde Deus o chamasse e onde pudesse fazer o maior bem para as almas. Ele tinha um desejo profundo de fundar os Eremitas do Sagrado Coração e de levar a mensagem de Jesus Cristo para lugares onde ainda não havia evangelização. Charles de Foucauld afirma que quer ir:

[...] onde o Esposo me chamar... Onde ele for mais glorificado por minha presença... Onde eu puder fazer o maior bem para as almas... Onde eu puder fundar os Eremitas do Sagrado Coração: primeiro na Terra Santa, porque é a terra de Jesus; porque foi de lá que nos veio "toda graça"; em Betânia, porque é um dos mais santos entre os lugares santos, e o mais abandonado; na Terra Santa também por causa do serviço militar. Depois, se aprouver a Deus, na África saariana, onde tantas e tantas almas estão sem evangelizador e onde monges, eremitas do Sagrado Coração, fariam tanto bem... Onde eu puder "amar Jesus com o amor maior"... em terra de Missão... Onde eu puder ficar dia e noite aos pés do Santíssimo Sacramento, ter clausura, silêncio, distanciamento de todo assunto temporal, uma vida totalmente contemplativa... Tudo o mais sendo igual, o lugar mais piedoso (DE FOUCAULD, 2021, p. 14).

Sobre o Buquê Espiritual, Charles de Foucauld afirma a necessidade de um buquê diário que é símbolo de um amor eternamente jovem, este apanhado de flores são as orações do ofício canônico (conjunto de orações estabelecidas pela Igreja Católica que devem ser rezadas em vários momentos durante o dia). Como Resolução, ele afirma que deve sempre pensar nos seus deveres de esposa e ser fiel a eles, listando três principais: a oferenda do Santo Sacrifício³; além da realização dos outros deveres do sacerdócio, fundar eremitérios dedicadas ao Sagrado Coração de Jesus; e a mais perfeita santificação. Por fim, O Pedido consiste em tornar o nome do Senhor santificado (DE FOUCAULD, 2021, p. 16).

³ Nome dado ao Ritual da Missa Católica

3.2.2 Retiro de Diaconato

No ano de 1890, em Nazaré, Terra Santa, Charles de Foucauld realiza o seu retiro por ocasião do Diaconato, onde buscou refletir em sua vida a vida de Jesus. Agora, mais próximo do Sacerdócio, a única preocupação de Foucauld é se esforçar para cumprir em sua vocação as palavras de São Paulo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim (Gl 2,20).

O início das anotações deste retiro define a trajetória que Charles quer seguir: “Aquele que diz que permanece em Jesus, deve também andar como Ele andou” (1Jo 2,6). Ele deseja que o seu diaconato seja marcado pela imitação de Cristo, que consiste em exercitar a caridade para com o próximo, seja ela espiritual ou material; fazer a experiência da renúncia e do abandono; participar da Santa Eucaristia; e abraçar com zelo o martírio como sacrifício, sempre olhando para a cruz. (DE FOUCAULD, 2021, p. 19).

Nesta ocasião, Charles de Foucauld define todos os passos da vida religiosa, até chegar no sacerdócio. Ele destaca que cada etapa tem um dever especial, que deve ser cumprido com dedicação e amor. A vida daquele que é chamado ao sacerdócio deve ser entregue a Cristo, renunciado a tudo que pode desviar o caminho, atentando-se à vida espiritual. Segundo ele, cada etapa deve se atentar aos seguintes deveres:

O dever especial da prima tonsura e das quatro ordens menores é "ter sua vida oculta com Cristo em Deus"
 O dever especial do subdiaconato é a renúncia a todas as criaturas.
 O dever especial do diaconato é a caridade para com o próximo.
 O dever especial do sacerdócio é o sacrifício de Jesus no Altar e de si mesmo na cruz (DE FOUCAULD, 2021, p. 29).

Aprofundando nos deveres especiais de cada etapa do processo até o sacerdócio, Charles de Foucauld destaca que os tonsurados e os menoristas devem buscar uma vida oculta com Cristo em Deus, renunciando a tudo o que é mundano e se concentrando na vida espiritual. Isso significa que eles devem se despojar de tudo o que é supérfluo e se concentrar no essencial, que é a busca pela santidade e pela união com Deus. Já no subdiaconato, o dever especial é a renúncia a todas as criaturas, o que significa estar disposto a se colocar a serviço de Deus e dos irmãos, sem se apegar a nada deste mundo. Isso implica em estar sempre pronto para ajudar

os necessitados e servir a comunidade, sem esperar nada em troca. É um chamado para a humildade e para a doação total de si mesmo (DE FOUCAULD, 2021, pp. 29-30).

No diaconato, o dever especial é a caridade, que significa estar sempre pronto para ajudar os necessitados e servir a comunidade. Isso implica em estar sempre disposto a ouvir e a acolher as necessidades dos outros, sem julgamentos ou preconceitos. É um chamado para a compaixão e para a solidariedade. E no sacerdócio, o dever especial é o sacrifício de Jesus no Altar e de si mesmo na cruz, o que significa estar disposto a se entregar completamente a Deus e aos irmãos, em um gesto de amor e de doação total. Isso implica em estar sempre disposto a se colocar a serviço dos outros, mesmo que isso signifique sacrificar seus próprios interesses e desejos. É um chamado para a humildade, para a generosidade e para a entrega total de si mesmo (DE FOUCAULD, 2021, p. 30).

Charles de Foucauld destaca que os sacerdotes devem ter todas as virtudes, especialmente a humildade, a paciência e a caridade, para que possam ser verdadeiros servos de Deus e dos irmãos. Eles devem estar sempre dispostos a ouvir e a acolher as necessidades dos outros, sem julgamentos ou preconceitos. Devem ser exemplos de amor e de doação, inspirando os outros a seguirem o mesmo caminho. Em resumo, a vida religiosa é um chamado para a santidade e para a união com Deus. Cada etapa tem um dever especial, que deve ser cumprido com dedicação e amor (DE FOUCAULD, 2021, p. 31).

Segundo Charles de Foucauld, para bem viver o diaconato ele precisa pedir o dom da piedade⁴ que é o principal dom a ser pedido neste estágio rumo ao sacerdócio. Para ele, a piedade é sinônimo de bondade ou caridade e ela ajuda a reconhecer a presença de Deus em todas as coisas e a viver em constante comunhão com Ele, ajuda a ser mais humildes, mais gratos e mais generosos, e a ver o mundo com os olhos de Deus. Charles enfatiza que a piedade não é uma emoção superficial ou uma devoção vazia, mas sim uma atitude profunda de amor e devoção a Deus, único capaz de inspirar um perfeito amor ao próximo. A piedade ajuda a viver a fé de forma autêntica e a colocar em prática os ensinamentos de Jesus Cristo (DE FOUCAULD, 2021, p. 33).

⁴ Para a Igreja Católica a Piedade é um dos sete dons do Espírito Santo. São eles: sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus. Segundo o Catecismo Católico, os dons completam e levam à perfeição as virtudes de quem os recebe e tornam os fiéis mais dóceis e obedientes às inspirações divinas (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, nº 1831)

A figura da Alma Esposa norteia sua meditação e o faz compreender que a união plena com o Amado Jesus se dá pela via da fidelidade. Ao mesmo tempo que a Alma se entrega a Jesus, Jesus se entrega à Alma. De acordo com suas reflexões, a entrega se dá raramente, acidentalmente e extraordinariamente, pois é um favor infinito e incomparável. Em linguagem mística: é o escondido que se revela e se esconde para que a Alma o busque. Para Foucauld, este encontro pleno com o Amado se dará na glória do céu. Enquanto essa realidade não chega, cabe a Alma segurar nas mãos de Jesus, seu Esposo. Ele reconhece que o diaconato ainda não é a realização plena do seu chamado e, por isso, não pode experimentar toda a intimidade com Jesus que, segundo ele, só será possível no sacerdócio (DE FOUCAULD, 2021, pp. 33-34).

No diaconato Jesus celebra seu noivado com a alma... Ainda não lhe dá os direitos completos e definitivos sobre seu corpo, mas já lhe concede de longe em longe alguns poderes sobre seu corpo [...] ocasionalmente, quando lhe apraz, mais ou menos frequentemente, ele lhe dá “um beijo de sua boca”, um abraço carinhoso, um aperto de mão. No sacerdócio Jesus celebra seu casamento completo e definitivo com a alma (DE FOUCAULD, 2021, p. 35).

Neste retiro ele destaca que a grande graça desse ministério é a possibilidade de tocar o corpo de Jesus na Santa Eucaristia.⁵ De Foucauld enfatiza que essa é uma oportunidade única e preciosa que é concedida por Jesus, e que o diácono deve valorizá-la e vivê-la com todo zelo e amor: “A grande graça do diaconato é que nele Jesus nos permite tocar seu corpo, tocar a Santa Eucaristia, de tempos em tempos, às vezes” (DE FOUCAULD, 2021, p. 35). Se tocar Jesus às vezes já provoca felicidade, já transforma e renova, o céu, então, será a oportunidade da Alma, em comunhão plena com Jesus, sentir uma alegria tão profunda e eterna que nem é possível mensurar.

Uma das orações mais significativas de Charles de Foucauld consiste em pedir a graça de praticar perfeitamente a recomendação que Jesus fez aos apóstolos depois de dar-lhes as funções de diácono. Ele pede a Deus que lhe conceda a graça da fé, da esperança e da caridade, para que ele possa viver, com pobreza, coragem e confiança, a união com Deus, assim como Jesus viveu. Ele pede a Deus que o ajude a abandonar-se à providência divina e a confiar plenamente em sua vontade. (DE

⁵ Para os Católicos, na última ceia Jesus instituiu o Sacrifício Eucarístico (a Missa), em que o pão e o vinho se tornam o corpo e o sangue do próprio Jesus, isto é, o memorial da sua morte e ressurreição. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, nº 1323-1324)

FOUCAULD, 2021, p. 35-36). Em resumo, essa oração é um pedido sincero de ajuda a Deus para viver uma vida marcada pela fé, a esperança e a caridade:

Ó meu Deus, concedei-me a graça de praticar perfeitamente esta recomendação que fazeis aos apóstolos depois de dar-lhes as funções de diácono (Le 9,1-17): ‘Nada leveis convosco para o caminho, nem bordão, nem alforje, nem pão, nem dinheiro; e nenhum de vós tenha duas túnicas’... Concedei-me, ó meu esposo **Jesus**, a graça de praticar perfeitamente convosco e como vós essa **pobreza**, essa **coragem**, essa **confiança** em vós, essa fé, esse abandono à providência divina... Fazei-me também, meu Deus, praticar perfeitamente, convosco e como vós, esta instrução: "Em qualquer casa onde entrardes, permanecci nela, e é dali que partireis", com **humildade**, simplicidade, rebaixamento, **pobreza**, **coragem**... Dai-me, Senhor, o espírito de fé, pois é o espírito de **fé**, a vida interior de **fé** que dá tudo isso, unida à **esperança** e à **caridade**... fazei-me, ó meu Deus, viver de **fé**, de **esperança** e de **caridade**, para que eu cumpra bem, *da maneira que mais vos agradar, em todos os instantes de minha existência, todos os deveres do diaconato os quais me impusestes, a distribuição a todos os homens, na maior medida possível, de vossos três pães, pão da palavra divina, pão de todos os gêneros de esmola material, pão eucarístico, na mesma pobreza que vós, com a mesma coragem que vós, o mesmo abandono que vós à providência divina*... Para que eu cumpra esses deveres que acabais de impor-me, para que eu permaneça sempre repleto do **Espírito Santo** que acabais de dar-me, para que eu seja sempre repleto de **piedade**, para que eu **seja e faça em todo momento de minha existência o que mais vos agradar**: dignai-vos dar-me, dignai-vos aumentar em mim, na maior medida possível, **a fé, a esperança e a caridade**. (DE FOUCAULD, 2021, pp. 36-37, grifo do autor).

Encerrando seu retiro, ele medita sobre o conceito de amor maior, a saber, que consiste em imitar Jesus Cristo em todo o proceder. Ele recorda que o amor é a essência da mensagem de Jesus, e que se deve amar a Deus nos mais pequeninos e, para isso, a virtude da humildade deve ser exercida a todo momento e abastecida em uma vida solitária ou com pouquíssimos companheiros, que favorece à adoração a Jesus na Eucaristia. Ele está convencido de que existem outras almas chamadas a viver o que ele deseja viver e, por isso, afirma: “devo empenhar todas as minhas forças em viver essa vida dos irmãozinhos do Sagrado Coração, com outras almas: é isso o que agrada mais a Deus que eu faça” (DE FOUCAULD, 2021, pp. 38-39).

3.2.3 Retiro de Ordenação Sacerdotal

Em 1891, outro retiro em Roma preparou Charles de Foucauld para sua ordenação Sacerdotal, consagrando-se plenamente a Deus. Ele tinha consciência de que este ministério só teria sentido à luz do serviço a Deus e aos irmãos: “Estou me

preparando para me tornar um sacerdote de Deus, para servi-lo com todo o meu coração e alma” (DE FOUCAULD, 2021, p. 43).

As anotações deste retiro começam com um compilado de trechos da Bíblia que se apresentam como convite à santidade, convite a uma vida que agrada a Jesus. Charles de Foucauld cita os Atos dos Apóstolos; as cartas paulinas aos Romanos, aos Coríntios, aos Gálatas, aos Efésios, aos Filipenses, aos Colossenses, aos Tessalonicenses, a Timóteo e a Tito; cita também a Carta aos Hebreus; a epístola de Tiago; as Cartas de Pedro; as Cartas de João e o livro do Apocalipse. Se dedica na compilação de trechos do Livro do Cântico dos Cânticos que ressaltam a beleza do amor esponsal, como por exemplo o trecho que afirma: “Meu bem-amado é meu e eu sou dele” (2,16); encerrando com trechos dos quatro evangelhos, evidenciando o desejo de atender ao apelo de Jesus: “Vem e segue-me” (DE FOUCAULD, 2021, pp. 43-65).

Para Charles de Foucauld, este retiro foi a oportunidade de responder sete questionamentos: 1) *Quis?* (Quem?): São duas as personagens que são o objeto da resposta deste questionamento, o ser humano, que deve se colocar na atitude de seguimento e Jesus, aquele que deve ser imitado, o Bom Pastor, que veio por fogo na Terra e salvar o que estava perdido; 2) *Quid?* (O que?): Jesus deseja ardentemente que seja estabelecido o grupo daqueles que serão chamados de Irmãozinhos do Sagrado Coração de Jesus; 3) *Ubi?* (Onde?): “Onde for mais perfeito”, estas são as palavras de Charles de Foucauld que demonstram sua intenção de fazer única e exclusivamente a vontade de Jesus. Ele não quer ir onde existem mais possibilidades humanas (atrair pessoas, dinheiro, terra e apoio), mas onde for mais perfeito conforme as palavras de Jesus, onde o Espírito Santo inspirar. O lugar sempre será uma resposta sincera a este questionamento: “onde Jesus iria?”; 4) *Quibus auxiliis?* (Com que ajuda?): Ele reconhece que o único auxílio que precisa para viver bem o sacerdócio é o de Jesus, que cumula os eleitos de graças abundantes; 5) *Cur?* (Por quê?): Segundo Charles, é a única maneira de glorificar mais a Jesus, amá-lo, obedecê-lo e imitá-lo. Ele deseja amar a Deus e ao próximo, a fim de que todos conheçam o Sagrado Coração de Jesus e a Virgem Maria; 6) *Quomodo?* (Como?): a partir de citações bíblicas, ele responde este questionamento, são elas: “como ovelhas no meio de lobos” (Mt 10,16) – “Nem dinheiro nem alforje nem duas túnicas” (Lc 10,4) – “Aquele dentre vós que não renunciar a tudo que possui não pode ser meu discípulo” (Lc 14,33) – estas passagens revelam seu desejo de estar nos lugares onde Jesus

não é conhecido, mesmo que isso pareça perigoso, a importância do desapego dos bens materiais e a renúncia da própria vida, ou seja, das próprias vontades; 7) Quando?: “ ‘Maria levantou-se e partiu apressadamente’: quando estamos repletos de Jesus estamos repletos de caridade... Portanto, assim que eu estiver razoavelmente pronto e, com o sopro do Espírito Santo, e meu diretor me disser: ‘Ide’” (DE FOUCAULD, 2021, pp. 68-69).

Através de sete questionamentos, ele reflete sua relação com Deus e com o próximo, a partir da renúncia a tudo o que impede de seguir Jesus Cristo e a estar sempre pronto para agir quando o Espírito Santo o chamar. Neste sentido, a vida espiritual é uma jornada constante de aprendizado e crescimento, que requer desapego material, disposição para enfrentar dificuldades e perseguições, e uma profunda confiança em Deus. Ao seguir os ensinamentos de Jesus Cristo, é possível encontrar a verdadeira felicidade e a paz interior que tanto se busca. O homem pode se tornar instrumento de amor e de paz no mundo, ajudando a construir um futuro melhor para todos (DE FOUCAULD, 2021, p. 70).

As últimas anotações deste retiro querem ser um itinerário para uma vida santa e de encontro com Deus. Segundo Charles, a preparação tem a finalidade de o fazer crescer no amor, que consiste no esforço de fazer em tudo o mais perfeito, isto é, buscar a perfeição em todas as atividades do dia, sobretudo nas preces, na humildade e no amor ao próximo; crescer no conhecimento, que é o resultado de muito estudo; e crescer na maturidade, que é a junção da graça de Deus e do esforço humano que busca o conhecimento e o amor (DE FOUCAULD, 2021, 70-71).

3.2.4 Retiros em Beni Abbès

No deserto argelino, Charles de Foucauld realizou uma sequência de retiros, que foram cruciais para definir sua espiritualidade e estilo de vida eremítica. Durante esses retiros, ele se retirou para o deserto para buscar uma maior intimidade com Deus e aprofundar sua vida espiritual. Ele passou longos períodos em oração e meditação, refletindo sobre a vida de Jesus Cristo e buscando orientação divina para sua própria vida.

Em seus escritos, Charles de Foucauld descreve a beleza e a paz do deserto, que o ajudaram a se concentrar em sua vida interior e a se afastar das distrações do mundo. Ele também fala sobre a importância de se submeter à vontade de Deus e de confiar nos cuidados divinos, mesmo quando as coisas parecem difíceis ou incertas.

Esses retiros foram uma parte importante da jornada espiritual de Charles de Foucauld, e o ajudaram a se tornar um modelo de amor e serviço aos outros. Ele dedicou sua vida a servir os pobres e os marginalizados, e a compartilhar o amor de Deus com todos aqueles que encontrou.

Em 1902, ele se concentrou em sua espiritualidade e preparação para a missão no Saara, visando levar a mensagem de amor e paz de Jesus Cristo às pessoas que lá residiam. Vale ressaltar que o encantamento pelo deserto se deu, em um primeiro momento, por ocasião de suas pesquisas geográficas, mas depois se tornou um lugar de encontro com Deus (DE FOUCAULD, 2021, p. 75).

No início das anotações do retiro, ele reconhece que a humanidade precisa imitar Jesus Cristo em todo o proceder. Acredita, ainda, que o homem deve fazer da salvação dos outros a obra de sua vida, de modo que a palavra “Jesus – Salvador” expresse perfeitamente o que cristão é: outro Cristo. Para isso, o cristão deve ter um único desejo no coração: oferecer Jesus às almas:

Imitar Jesus fazendo da salvação dos homens tanto a obra de nossa vida que esta palavra Jesus – Salvador – expresse perfeitamente o que nós somos, assim como significa perfeitamente o que ele é... Para isso, ‘Ser tudo para todos, com um único desejo no coração: dar às almas Jesus (DE FOUCAULD, 2021, p. 75).

Além disso, Foucauld medita sobre a importância da oração e do diálogo com Deus, a partir da experiência de Maria que escolheu a melhor parte. As palavras de Jesus ecoam em seu coração: “Marta, Marta, estais inquieta e vos ocupais de muitas coisas. Só uma coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte; ela não lhe será tirada” (Lc 10,41-42). Charles de Foucauld acredita que a oração é essencial para a vida espiritual e que o tempo diário dedicado para adorar a Deus e buscar sua orientação é essencial para o crescimento espiritual: “Nunca deixar de cumprir a hora diária e a hora noturna de adoração, empregando integralmente [...] em adoração silenciosa” (DE FOUCAULD, 2021, p. 75). Ainda sobre esta temática, ele afirma:

Dividir habitualmente meu tempo de oração em duas partes: durante uma (pelo menos igual à outra), contemplar e, se preciso, meditar; durante a outra, orar pelos homens, por todos sem exceção, e por aqueles dos quais estou especialmente encarregado. Dizer o santo ofício com extremo cuidado: **é o buquê diário de rosas frescas, símbolo de amor sempre jovem**, oferecido todo dia ao Amado, ao Esposo. Nunca adormecer antes de dizer Noturnos e Laudes, dizê-los à meia-noite, depois do Veni Creator; é a hora deles. Dizer sempre as diversas horas no horário estabelecido pelo Regulamento e em voz alta, a menos que haja empecilho grave. Dizer diariamente o santo

Rosário inteiro em voz alta com muita fidelidade e grande amor. Quando o monsenhor vier, pedir-lhe que benza a Capela para que ela possa ter canonicamente como titular o Sagrado Coração de **Jesus**. Recitar a oração Sacrosanctae no final de cada ofício, em voz alta. Passar na capela todo o tempo em que sua vontade não me chame de outro lugar: nela está o amado. Dedicar frequentemente uma hora inteira de oração para recitar uma vez o Pater⁶: **é a oração de Jesus** (DE FOUCAULD, 2021, pp. 78-79, grifo do autor).

Em uma das passagens do Evangelho, Jesus diz: “Tudo que fizerdes a um desses pequenos é a mim que o fazeis” (Mt 25,40). Utilizando-se desta expressão, Charles faz um paralelo entre o fiel que precisa de salvação e Jesus que quer ser encontrado nos pequeninos. Em outras palavras, ele acredita que salvar a alma de uma pessoa é como salvar Jesus do inferno: “Se salvarmos a alma de um fiel, é – se é permitido falar assim – Jesus que salvamos do inferno e quem damos o céu com a ajuda de Deus”. Diante disso é preciso fazer todo esforço possível para converter e salvar os infiéis (DE FOUCAULD, 2021, p. 92).

Outro ponto importante meditado por Charles de Foucauld é a renúncia de si mesmo, o tomar a cruz e o seguimento de Jesus. Segundo ele, Jesus é o Esposo Crucificado e é tarefa da Alma Esposa compartilhar com o seu Amado sua cruz e seus espinhos: “cruz, sacrifício, sejamos ávidos deles como os mundanos são ávidos dos prazeres”. Sendo assim, a renúncia da cruz torna o cristão indigno de Jesus, enquanto a obediência a seus ensinamentos o torna perfeito imitador de Cristo (DE FOUCAULD, 2021, p. 88).

Um dos elementos mais importantes em uma experiência mística são as Escrituras, pois é na Bíblia que também se encontra Jesus. Como afirmou São Jerônimo, “renunciar as Escrituras é renunciar o próprio Cristo”. Charles de Foucauld reconhece a importância da Palavra em sua própria experiência com Deus no deserto e nos incentiva a nunca omitir nossa meditação pessoal do santo Evangelho e nossas leituras pessoais das Escrituras. Ele afirma que a Palavra é o alimento para a alma, que encoraja o cristão a sempre explicar com amor os textos sagrados aos outros:

Nunca omitir minha meditação pessoal do santo Evangelho, minhas leituras pessoais do santo Evangelho, das santas Escrituras, do Regulamento. “É o alimento” ... Quando estiver encarregado de explicar aos irmãos o santo Evangelho, preparar essa explicação e sempre fazê-la tratar do amor, da contemplação e imitação de Jesus e da obediência a seus ensinamentos (DE FOUCAULD, 2021, p. 80).

⁶ Oração do Pai Nosso.

Outra temática que é trabalhada neste retiro espiritual de Charles é a importância da prática do jejum como uma forma de se aproximar de Deus e se purificar de seus desejos mundanos. Ele incentiva a prática regular do jejum com alegria e gratidão, sabendo que isso pode fortalecer a espiritualidade de cada um. Embora possa ser desafiador, o jejum é uma oportunidade para crescer na fé e se tornar mais próximo de Deus.

Não só jejuar, mas “amar o jejum”, como diziam santo Agostinho e são Benedito; “amar a cruz”, como santo André; pois o jejum, a cruz são a imitação de Jesus e a união com Jesus; nós «seguiremos» Jesus, “estaremos unidos” a Jesus, “santificaremos o Nome” de Jesus “proporcionaremos o Reino” de Jesus, “cumpriremos a sua Vontade na Terra e proporcionaremos o cumprimento dessa vontade” entre os outros, na medida em que, como ele e seguindo seu exemplo, “carregaremos a cruz”, “seremos levantados da terra”, ao ser crucificados, mortificados, mártires, “morreremos como o grão de trigo”... Portanto, amar o jejum, o sofrimento, a cruz sob todas suas formas, segundo a palavra de Jesus: “Se queres conhecer minha vontade, precisas desprezar e detestar tudo o que amaste na Terra; e, quando começares a fazer isso, o que te parecia suave e doce se tornará amargo e insuportável para ti, mas também encontrarás grande doçura e grande encanto nas coisas que te pareciam intoleráveis”... Amar e buscar a cruz tanto quanto Jesus fez e permite que se faça (ou seja, tanto quanto a obediência permitir, a saúde suportar, o espírito não se enfraquecer, o caráter não se azedar, a alma não sofrer má influência) (DE FOUCAULD, 2021, pp. 80-81).

Tudo isso só é possível porque o deserto é o lugar do silêncio e do encontro. Sem o divino silêncio não existirá genuíno encontro com Deus. Charles de Foucauld, em seus escritos, destaca a importância do silêncio como uma forma de nos aproximarmos de Deus. Ele acredita que o silêncio é essencial para se ouvir a voz de Deus e se conectar com Ele de uma forma mais profunda. No deserto, onde a vida é simples e as distrações são poucas, é possível encontrar o silêncio necessário para ouvir a voz de Deus. E o deserto pode ser geográfico e espiritual. Foucauld incentiva a guardar o silêncio, mas também dá as instruções para rompê-lo: “Guardar silêncio tanto quanto possível; mas rompê-lo sempre que Jesus em Nazaré o teria rompido em meu lugar, e na medida em que e do modo como ele o teria rompido” (DE FOUCAULD, 2021, p. 83).

A experiência do deserto espiritual possibilita criar um cenário propício para a imitação de Cristo. Embora estivesse em Beni Abbès, Charles de Foucauld se sente em Nazaré. Estando na Casa de Nazaré, entre Maria e José, como um irmãozinho do

irmão maior Jesus, Ele se vê obrigado a agir com o próximo como convém neste lugar santo, olhando para o exemplo de Jesus. Reconhece, então, a importância da mansidão, da humildade, do rebaixamento, da caridade, do servir os outros com generosidade e do amor incondicional pela pobreza: “nada ter a mais nem melhor do que Jesus podia ter em Nazaré. Alegrar-se e desejar menos em vez de mais” (DE FOUCAULD, 2021, pp. 85-89).

Por fim, encerrando as anotações deste retiro, Charles se detém em dois temas: a missão de levar Jesus aos corações e a confiança no sofrimento. Sobre o primeiro tema, afirma: “Ter um único desejo no coração: dar Jesus a todos... ocupar-me especialmente das ovelhas desgarradas, dos pecadores, dos maus, não ignorar as 99 ovelhas perdidas para ficar tranquilamente no aprisco com a ovelha fiel”. E sobre a confiança no sofrimento, sobretudo pelas dificuldades que são próprias do deserto, Foucauld reflete: “quanto mais tudo faltar-nos, mais somos semelhantes a Jesus crucificado... quanto mais ficarmos presos na cruz, mais abraçamos Jesus que nela está pregado... toda cruz é um ganho, pois toda cruz nos une a Jesus” (DE FOUCAULD, 2021, p. 88).

Ainda em Beni Abbès, em 1903 e 1904, Foucauld se aprofundou na vida espiritual a partir da oração e da contemplação, realizando dois retiros, com o desejo de aprimorar sua espiritualidade para suportar as dificuldades de sua missão. Segundo ele, os desafios da vida missionária não devem destruir a confiança em Deus, que, na sua infinita misericórdia, sustenta a fragilidade humana. Muitas anotações surgiram desses retiros, muitas retificam as reflexões do retiro realizado em 1902, outras, trazem novidade e amadurecimento no caminho espiritual de Charles:

Durante o retiro de 1903, Charles de Foucauld fez um firme propósito de fundar uma comunidade que ele chamou de Irmãozinhos e Irmãzinhas do Sagrado Coração de Jesus, com o objetivo de evangelizar o Marrocos e outras regiões. Para alcançar esse objetivo, ele se comprometeu a dedicar as obras apostólicas de caridade ao Sagrado Coração de Jesus. No que concerne à evangelização (denominada por ele de “salvação das almas”), Charles quer realizá-la “pela oração, pela penitência, pelo exemplo, pela santificação pessoal, pela bondade, pelo santo Sacrifício, pelo santo Sacramento, pela fundação e desenvolvimento dos irmãozinhos e irmãzinhas do Sagrado Coração de Jesus”. Foucauld reconhece a missão a qual é chamado: “ser um Irmãozinho do Sagrado Coração de Jesus mais perfeito possível”, com o auxílio

de Jesus, por puro amor a Ele, na imitação mais perfeita possível de Jesus e que isso seja feito com pressa, com santa prontidão (DE FOUCAULD, 2021, pp. 105-106).

O retiro em Beni Abbès de 1904 foi um momento significativo na vida de Charles de Foucauld, com resoluções muito práticas sobre a vida de doação, sobretudo na caridade com os outros, com os mais empobrecidos. Segundo ele, o que move a caridade é o desejo de ver e servir a pessoa de Jesus em todo ser humano:

Ver Jesus em todo ser humano e agir em conformidade... ter sempre presentes as palavras: “Dai a quem pede” ... conversar com os que vêm até mim, para travar com eles relações amigáveis, doar-lhes para relacionar-me com eles e poder dar-lhes na conversa alguma esmola espiritual... amar os trabalhos mais grosseiros, penosos e abjetos e fazê-los preferencialmente, sempre que a obediência ou a caridade não me impeçam; dedicar fielmente ao trabalho as cinco horas diárias... desfazer-me rapidamente de tudo o que Jesus não teria em meu lugar... grande familiaridade com os pequenos, não comandá-los, viver como eles, tratá-los como meus iguais ou meus superiores, e com respeito... disciplina, penitência no comer, nas roupas, no sono, no trabalho (DE FOUCAULD, 2021, p. 110).

Neste retiro, Charles faz uma série de propostas para seu itinerário espiritual e as nomeia “resoluções”, como o desejo de assemelhar-se mais perfeitamente ao Amado Jesus. Ele se perguntou: “O que devo fazer pelos pobres, pelas crianças e os velhos sem asilo, pelos viajantes, pelos infelizes? Vejo Jesus no próximo? A fraternidade é o asilo, o refúgio, o lugar de amor que ela deve ser?”. Essas perguntas fizeram com que Charles se inquietasse e pudesse refletir de que jeito ele poderia ajudar os necessitados, chegando às seguintes resoluções:

[...] quando me pedirem esmola, hospitalidade ou outra coisa, fazer o que Deus faria (“Sede perfeito como vosso Pai Celeste”), ou seja, o que for melhor para as almas, inclinando-me sempre para a misericórdia, como o Pai Celeste, “que é bom para os maus e os ingratos e dá a chuva e o sol aos justos e aos injustos” (DE FOUCAULD, 2021, p. 125).

Charles de Foucauld tinha plena consciência de que a oração não é só um conjunto de palavras, mas é um louvor a Deus e um servir o próximo. Ele toma a firme decisão de seguir as resoluções anteriores, especialmente em relação à oração, à visão sobrenatural de Jesus no próximo, às relações afetuosas com todos, à benevolência material e espiritual, à humildade, ao santo rebaixamento e à imitação de Jesus. Essas resoluções levam à compreensão de que a oração é o caminho pelo

qual a Alma consegue ver, de modo espiritual, o rosto de Jesus no rosto daqueles que mais precisam (DE FOUCAULD, 2021, p. 126).

Em resumo, os Retiros em Beni Abbès em 1902, 1903 e 1904 foram uma parte importante da jornada espiritual de Charles de Foucauld. Eles o ajudaram a se concentrar em sua vida interior, aprofundar sua relação com Deus e aprender com os habitantes locais. Esses retiros foram uma preparação para a vida de serviço e amor que ele dedicou aos outros, e um exemplo inspirador para todo ser humano que busca uma vida mais plena e significativa.

3.2.5 Retiro em Ghardaia

“Quero ser um instrumento de paz e amor entre essas pessoas que tanto precisam de Deus”. Com estas palavras, Charles de Foucauld reconhece que este retiro realizado em 1905, em Ghardaia – Argélia, é a oportunidade de ser moldado como instrumento nas mãos de Jesus. Estar nas mãos de Cristo é reconhecer que a vida só é eficazmente feliz se submetida à vontade de Deus (DE FOUCAULD, 2021, 139).

A partir das anotações deste retiro, somos levados a uma jornada profunda de reflexão e espiritualidade. Charles de Foucauld escreve resoluções que são um convite ao mergulho nas águas da fé e da caridade, revelando-nos a importância da observância fiel aos mandatos de Jesus no Evangelho. Ele nos instiga a praticar a abnegação total em prol da salvação dos irmãos, utilizando meios como a presença do Santíssimo Sacramento, a oração, a penitência, o bom exemplo e, sobretudo, a caridade. (DE FOUCAULD, 2021, 140).

Ao longo deste retiro, Foucauld é desafiado a imitar a vida de Jesus em Nazaré, vivendo entre os povos mais abandonados e dedicando-se à conversão e santificação pessoal. É importante ressaltar que, ao falar de conversão, Charles de Foucauld não se refere à conversão dos outros, mas à sua própria. Cobra de si conversão e para os outros a sua caridade. Ele ainda nos lembra da importância de orar e sofrer pelo estabelecimento e desenvolvimento desses dos Irmãozinhos do Sagrado Coração – homens e mulheres que, assim como ele, se dispõem a ser outro Cristo no deserto, a partir de uma vida de constante busca pela santidade. (DE FOUCAULD, 2021, p. 141).

Através de suas resoluções do Retiro em Ghardaia, Foucauld faz o convite para pensar, falar e agir como Jesus agiria em nosso lugar; para praticar o Evangelho de forma completa e constante; e para a conversão diária a partir de um processo

contínuo de aproximação de Deus. Ele nos ensina a buscar a imitação constante de Jesus, o amor à Cruz e às humilhações, a recitação das orações propostas pela Igreja, a lembrança da presença de Deus e a prática da humildade e da mortificação. Em suas palavras, esta imitação consiste em se abrir à graça que vem de Jesus:

Trabalhar com todas as minhas forças em santificar-me; é o melhor meio de imitar **Jesus**, santidade infinita, de obedecer-lhe: “Sede perfeitos”, de trabalhar por ele na salvação dos homens: fazemos o bem na medida em que o temos – qual pastor, tal rebanho – o valor de nossas obras é o valor do espírito interior que as anima – nossas obras valem na medida em que são obras da graça, do Espírito Santo, de **Jesus**. (DE FOUCAULD, 2021, p. 143, grifo do autor).

Nesse mergulho profundo na espiritualidade proposto por Foucauld, somos desafiados a conhecer, amar, obedecer e imitar Jesus em todos os aspectos de nossa vida, buscando a cada dia uma maior união com Ele e um zelo mais ardente por sua causa. Através da meditação diária sobre o Santo Evangelho e da busca constante em cumprir a vontade de Deus, o cristão é convidado a trilhar o caminho da fé e da caridade, seguindo os passos de Cristo com amor e devoção. (DE FOUCAULD, 2021, p. 143).

Nesse contexto de profunda entrega espiritual, Charles de Foucauld quer conduzir sua alma para uma jornada interior de autoconhecimento e transformação. Ele se desafia a refletir sobre suas ações, palavras e pensamentos, convidando-se a agir de acordo com os ensinamentos de Jesus Cristo e a buscar a perfeição na vivência do Evangelho. Confronta, ainda, sua vida com a necessidade de uma conversão contínua, de uma entrega total a Deus e de uma experiência de oração e sacrifício em prol do Reino dos Céus. Foucauld recorda a importância de uma vida em conformidade com a vontade divina, que pressupõe desapego às coisas do mundo e a dedicação ao serviço do próximo com humildade e amor (DE FOUCAULD, 2021, pp. 146-147).

É importante também citar as resoluções que Charles de Foucauld concluiu nos anos que sucederam o retiro em Ghardaia. No entanto, surgem alguns questionamentos: Teria Charles de Foucauld feito anotações de retiro depois das redigidas em Ghardaia em dezembro de 1904, por ocasião de seu retiro anual antecipado de 1905? A nota de rodapé da obra afirma que temos “indicação apenas das ‘resoluções de retiro’, anotadas tanto no pequeno caderno onde ele portava seus

‘Votos, promessas e resoluções’ como em seu caderno-diário para 1906, 1907 e 1908” (DE FOUCAULD, 2021, p. 185). Seguem, então, essas resoluções:

Resoluções do retiro anual de 1906: Fazer todo o possível pela salvação dos povos infiéis destas regiões (Marrocos e Saara), com uma abnegação total. (Meios: presença do santíssimo Sacramento, Santo Sacrifício, oração, penitência, bom exemplo, caridade, santificação pessoal, empregando eu mesmo esses meios e fazendo o possível para multiplicar os que os empregam entre eles e por eles). [...] Resoluções do retiro anual de 1907: Praticar muito fielmente o Regulamento dos irmãozinhos do Sagrado Coração de Jesus, que expressa a vontade de Jesus para mim: imitá-lo em sua vida de Nazaré, com a adoração do santíssimo Sacramento, vivendo entre os povos mais abandonados... [...] Resoluções do retiro anual de 1908: [...] 2 – Converter-me. 3 – Orar e sofrer pelo estabelecimento, desenvolvimento, santificação dos irmãozinhos e das irmãzinhas do Sagrado Coração de Jesus. 4 – Orar e sofrer pela conversão dos infiéis e fazer todos os outros atos úteis para sua conversão e conformes com o Regulamento dos irmãozinhos do Sagrado Coração de Jesus... [...] Resoluções do retiro anual de 1909: 1 – Pensar, falar, agir como Jesus faria em meu lugar (DE FOUCAULD, 2021, pp. 187-188).

O encontro com Deus no deserto desafia o ser humano a mergulhar nas profundezas de sua alma, a confrontar suas fraquezas e limitações, e a se abrir à ação transformadora do Espírito Santo em suas vidas. Charles de Foucauld reconhece que o caminho da santidade é árduo e recorda que, através da fé, da caridade e da entrega total a Deus, o homem pode se tornar verdadeiro discípulo de Cristo e testemunha do seu amor no mundo.

3.2.6 Conclusões da experiência a sós com Deus

Duas questões precisam ser apresentadas para compreendermos a experiência mística de Charles de Foucauld na obra *A sós com Deus*, a saber: como a vida de Jesus Cristo serviu de modelo para Foucauld em sua busca por simplicidade, humildade e amor pelos menos favorecidos? E quais foram os principais elementos que enriqueceram sua espiritualidade durante os retiros espirituais?

A vida de Jesus Cristo serviu de modelo para Charles de Foucauld em diversos aspectos, especialmente em sua busca por simplicidade, humildade e amor pelos menos favorecidos. Ele almejava seguir o exemplo de Jesus, buscando configurar-se a Cristo na pobreza, na obediência e até na morte de forma inocente. Através de suas resoluções em retiros espirituais, Foucauld convidava a pensar, falar e agir como Jesus agiria, praticar o Evangelho de forma constante, e buscar a imitação constante

de Jesus, o amor à Cruz e às humilhações. Assim, a vida de Jesus Cristo foi o modelo central que inspirou Foucauld em sua jornada espiritual de amor e serviço aos outros.

Os principais elementos que enriquecem a espiritualidade de Charles de Foucauld são: a intimidade com Deus, a imitação de Jesus Cristo, a leitura e meditação das Escrituras, a prática do jejum, a confiança na providência divina e a prática da caridade àqueles que mais precisam.

Durante seus retiros espirituais, Charles de Foucauld foi profundamente enriquecido espiritualmente por diversos elementos que moldaram sua jornada de fé e santidade. Em busca de uma maior intimidade com Deus, Foucauld dedicava longos períodos à oração, contemplação e meditação, buscando uma comunhão profunda com o divino. Inspirado pela vida e ensinamentos de Jesus Cristo, ele procurava imitar o Mestre em sua simplicidade, humildade e amor pelos menos favorecidos, vendo em Jesus o modelo perfeito a ser seguido em sua própria jornada espiritual.

Além disso, Foucauld valorizava a leitura e meditação das Sagradas Escrituras como fonte de inspiração e orientação espiritual, reconhecendo a importância da Palavra de Deus em sua vida e encorajando outros a se dedicarem a essa prática. O jejum também desempenhava um papel significativo em sua espiritualidade, sendo visto por Foucauld como uma forma de purificação dos desejos mundanos e de aproximação de Deus, incentivando a prática regular do jejum com alegria e gratidão.

Outro elemento fundamental em seus retiros era a confiança na providência divina. Mesmo em meio às dificuldades e incertezas, Foucauld cultivava uma profunda confiança na bondade e no cuidado de Deus em sua vida e missão, aprendendo a depositar sua fé na providência divina em todos os momentos.

Durante seus retiros espirituais, a caridade desempenhou um papel fundamental no enriquecimento espiritual de Charles de Foucauld. Inspirado pelo exemplo de Jesus Cristo, que ensinou o amor incondicional e o serviço aos outros, Foucauld incorporou a caridade como um pilar central de sua espiritualidade. Ele entendia a caridade não apenas como uma ação de ajuda material aos necessitados, mas também como uma expressão do amor de Deus em ação. Ele buscava viver a caridade em seu cotidiano, dedicando-se a servir os mais abandonados e marginalizados da sociedade, seguindo o mandamento de amar o próximo como a si mesmo.

Além disso, Foucauld enfatizava a importância da caridade como um caminho para a santificação pessoal. Ele via na prática da caridade uma oportunidade de se

assemelhar mais a Jesus Cristo e de crescer em amor e compaixão pelos outros. Para Foucauld, a caridade não era apenas uma virtude a ser praticada ocasionalmente, mas sim um estilo de vida a ser vivido diariamente, refletindo o amor de Deus para com todos. Assim, a caridade foi um elemento essencial que enriqueceu a espiritualidade de Charles de Foucauld durante seus retiros, guiando-o em sua missão de ser um instrumento do amor e da paz de Cristo no mundo, especialmente entre aqueles que mais necessitavam de auxílio e compaixão. Esses elementos, entre outros, foram essenciais para o enriquecimento espiritual de Charles de Foucauld durante seus retiros, moldando sua espiritualidade e preparando-o para a missão no Saara e para uma vida de serviço e amor ao próximo.

Ao percorrer as páginas da obra *A Sós com Deus*, é possível concluir que existe uma jornada espiritual bem definida, permeada pela busca incessante da santidade e da imitação de Jesus Cristo. Foucauld é desafiado a abrir-se à graça divina, a trabalhar com empenho pela santificação pessoal e a obedecer ao chamado à perfeição, conforme exorta o Evangelho. A imitação de Jesus se revela não apenas como um ideal a ser alcançado, mas como o próprio cerne da existência cristã, onde a santidade infinita do Mestre se torna o modelo a ser seguido em todos os aspectos da vida.

Nesse mergulho profundo na espiritualidade proposto por Foucauld, é possível notar que ele deseja conhecer, amar, obedecer e imitar Jesus em cada detalhe de sua jornada. Através da meditação diária das Sagradas Escrituras e da busca constante em fazer a vontade de Deus, ele trilha o caminho da fé e da caridade, seguindo os passos de Cristo. Foucauld se sente desafiado a trabalhar por Jesus na salvação dos homens, recordando que o valor das obras está intrinsecamente ligado ao espírito interior que as anima, à graça que as sustenta e ao amor que as impulsiona.

Durante seus retiros espirituais, Foucauld se propôs a uma profunda reflexão sobre suas ações, palavras e pensamentos, confrontando sua vida com os ensinamentos de Jesus e a necessidade urgente de uma conversão contínua. Sua busca pela perfeição na vivência do Evangelho o levou a refletir sobre a importância de agir de acordo com os preceitos divinos, de servir a Cristo na pessoa do próximo e de buscar a união cada vez mais íntima com o Salvador. A entrega total a Deus, a prática da humildade e da caridade, e a constante busca pela vontade divina se tornaram marcas indeléveis de sua espiritualidade, que inspirou outros a seguirem seu exemplo, dedicando-se com fervor à causa do Reino dos Céus.

Além disso, Foucauld enfatiza a importância de uma vida em conformidade com a vontade divina, que consiste em se desapegar das coisas terrenas e se dedicar ao serviço do próximo. Suas resoluções, marcadas pela abnegação e pela entrega total a Deus, revelam um profundo compromisso com a salvação das almas e a santificação pessoal. A confiança no sofrimento, a disposição para enfrentar as adversidades com coragem e a missão de levar Jesus aos corações sedentos de amor são temas recorrentes em suas reflexões, demonstrando a importância de uma permanência fiel a Cristo mesmo diante das tribulações e desafios da vida.

Em síntese, a obra *A Sós com Deus* é um convite a uma profunda jornada de autoconhecimento, transformação e entrega a Deus. A espiritualidade e a devoção de Charles de Foucauld são inspiração para a imitação de Jesus Cristo no cotidiano: busca pela santidade, simplicidade e pelo amor aos menos favorecidos.

3.3 A Dimensão Social da Experiência Mística

Para compreendermos a dimensão social da experiência mística é preciso compreender que o caminho de ascese não pode ser apenas espiritual, mas, como afirma Marcelo Timotheo da Costa, no texto *Por uma mística da libertação*, presente na obra *Mística e ascese: da tradição platônica à contemporaneidade*, tem que ser um caminho que se preocupa com o social, que promove a libertação anunciada por Jesus, a partir de um olhar àqueles que mais sofrem.

Ademais, vale ressaltar que para evidenciar a dimensão social da mística é preciso compreender os conceitos de disponibilidade e de libertação. Para fundamentar esta reflexão, será utilizada a introdução da obra *O livro da Divina Consolação e outros textos seletos*, de Mestre Eckhart, texto introdutório escrito por Leonardo Boff, intitulado *Mestre Eckhart: a mística da disponibilidade e da libertação*.

A disponibilidade na mística é entendida como a capacidade de estar totalmente aberto e receptivo à presença de Deus, permitindo que a ação divina se manifeste no e através do indivíduo. Essa disponibilidade implica em estar livre de apegos e desejos egoístas, permitindo que Deus atue plenamente na vida da pessoa. A disponibilidade pressupõe uma entrega total, uma abertura para receber tudo o que Deus deseja oferecer, sem reservas ou restrições (BOFF, 2006, p. 9).

Por outro lado, a libertação na mística refere-se à busca pela transformação interior e exterior, visando a libertação das amarras do ego, das injustiças sociais e das limitações humanas que impedem a plenitude da presença divina. A libertação

implica em romper com padrões de pensamento e comportamento que aprisionam o ser humano, buscando a verdadeira liberdade que vem da união com Deus (BOFF, 2006, p. 10).

Diante disso, no contexto da mística, a disponibilidade e a libertação estão intrinsecamente ligadas. A disponibilidade para Deus e para a ação divina é o caminho que conduz à libertação interior e à transformação do ser humano em direção à plenitude espiritual. Através da disponibilidade e da busca pela libertação, o indivíduo se abre para a experiência profunda da presença de Deus em sua vida, permitindo que a luz divina ilumine e guie seu caminho rumo à realização espiritual e à união com o Sagrado, mas também ilumine e guie as ações sociais que nos levam a amar a Deus naqueles que Ele também ama: as vítimas da opressão (BOFF, 2006, p. 10).

Os conceitos de disponibilidade e libertação, presentes na espiritualidade de Charles de Foucauld, destacam-se pela entrega total a Deus e pela busca incansável pela libertação dos oprimidos. A disponibilidade de Foucauld manifestava-se em sua vida dedicada ao serviço aos mais necessitados, refletindo a presença divina em cada ação realizada. Sua entrega incondicional e sua disponibilidade para acolher a vontade de Deus o levaram a viver entre os Tuaregues no deserto do Saara, testemunhando a mensagem do Evangelho por meio de sua própria vida. É importante destacar que em nenhum momento Charles de Foucauld queria converter as pessoas ao cristianismo, mas queria dar a elas dignidade de vida, acolhimento, características que evidenciam a sua disponibilidade e seu desejo de libertação. (DE LIMA, 2022, p. 20).

Foucauld se empenhava em promover a justiça social e a fraternidade entre os povos, afinal o Saara era uma região habitada por muçulmanos, judeus, católicos e tantas outras expressões religiosas. Charles tinha uma atuação em prol dos mais vulneráveis e marginalizados que refletia a essência da mística da libertação, que visa transformar as estruturas injustas e desumanas da sociedade. A busca pela libertação, por sua vez, impulsionava Foucauld a agir em favor da justiça e da dignidade dos mais excluídos, lutando contra as injustiças sociais e promovendo a reconciliação entre os povos. Sua visão de uma sociedade mais fraterna e solidária era alimentada pela convicção de que a verdadeira liberdade só é alcançada quando todos têm seus direitos respeitados e são tratados com amor e compaixão. Assim, mística está para além do encontro com o Divino na ótica da transcendência, pois é um convite também a enxergar Deus no próximo e suas necessidades temporais (DE LIMA, 2022, p. 82).

Diante disso é possível compreender que a disponibilidade e a libertação na espiritualidade de Charles de Foucauld se entrelaçam, tornando-se inspiração para uma abertura à ação de Deus e encorajamento para a construção de um mundo mais justo e solidário, onde a presença divina se manifeste em cada gesto de amor e compaixão. Em outras palavras, a mística da disponibilidade e da libertação na vida de Charles de Foucauld é uma fonte de inspiração para o cultivo de um coração aberto para acolher a presença de Deus na existência e um comprometimento na construção de um mundo onde a liberdade e a dignidade de cada ser humano sejam valorizadas e protegidas.

3.4 Charles de Foucauld: um legado

Os retiros foram momentos significativos na vida de Charles de Foucauld: ele teve uma experiência profunda de ver Jesus em todo ser humano, independentemente de sua religião ou origem étnica. Essa experiência transformou sua vida e o levou a dedicar-se ao serviço dos mais pobres e marginalizados. Foucauld acreditava que, ao ver Jesus em cada pessoa, é possível amar e servir a todos, independentemente de suas diferenças. Essa mensagem é relevante em um mundo dividido pelas diferenças religiosas, culturais e políticas.

A vida de Charles de Foucauld foi marcada por uma profunda experiência mística e uma dedicação incansável de levar a mensagem de Jesus Cristo àqueles que ele denominava “pequeninos”; e, ao mesmo tempo, vivendo no meio deles, relacionando-se com os povos do Saara, compadecendo-se dos sofrimentos próprios do cotidiano do povo que estava ao seu redor. Sua vida e legado continuam a inspirar aqueles que buscam uma relação mais profunda com Deus e um compromisso mais sólido com os necessitados. Através de seus retiros espirituais e missão, Charles de Foucauld ensina a importância da oração, da contemplação, da entrega total a Deus e da caridade aos mais pobres: tudo isso pode levar o ser humano a um caminho de autorrealização, onde a inquietação encontra uma resposta na vida mística de um pobre Irmãozinho do Sagrado Coração de Jesus.

Charles de Foucauld foi um homem cuja vida e legado ecoam até os dias atuais, inspirando gerações a buscar uma relação mais profunda com Deus e um compromisso mais sólido com os necessitados. Sua jornada espiritual e sua dedicação ao serviço dos mais pobres e marginalizados são testemunhos vivos de uma fé que se traduz em ação, de uma mística que se manifesta no amor ao próximo.

Neste contexto, é fundamental refletir sobre a relevância contemporânea do exemplo de Foucauld e os possíveis desdobramentos de sua mensagem para a sociedade atual.

3.4.1 A Relevância da Espiritualidade de Charles de Foucauld

A vida de Charles de Foucauld foi marcada pelo serviço aos mais vulneráveis, fazendo a opção de se instalar no meio dos pobres e a compartilhar a mensagem de amor e compaixão de Cristo. Em um mundo marcado por divisões e desigualdades, a espiritualidade de Foucauld ressoa como um chamado à unidade, à solidariedade e à fraternidade universal.

Hoje, mais do que nunca, a mensagem de Charles de Foucauld se mostra relevante e urgente. Em um contexto global de crises humanitárias, conflitos sociais e desigualdades crescentes, a figura de Foucauld é um convite a olhar para além das diferenças. Seu exemplo de entrega total a Deus e de serviço aos mais necessitados desafia a repensar as prioridades, a reavaliar as atitudes e a comprometer com a construção de um mundo mais justo e solidário.

Ao analisar a vida e a espiritualidade de Charles de Foucauld, as questões essenciais sobre a natureza humana, a busca pela transcendência e o papel da fé na transformação pessoal e social tornam-se temas importantes no cenário acadêmico. Os desdobramentos dessa pesquisa podem se manifestar em diversas áreas, tais como: *Diálogo Inter-religioso e Interétnico*: a mensagem de universalidade e amor ao próximo de Foucauld pode inspirar iniciativas de diálogo e cooperação entre diferentes tradições religiosas e culturais, promovendo a compreensão mútua e a construção de pontes de paz e harmonia; *Engajamento Social e Solidariedade*: A prática da caridade e do serviço aos mais necessitados, tão enfatizada por Foucauld, pode motivar ações concretas de solidariedade e justiça social, contribuindo para a promoção do bem-estar e da dignidade de todos os membros da sociedade; *Renovação Espiritual e Conversão Pessoal*: A busca de Foucauld pela santidade e pela imitação de Cristo pode inspirar indivíduos a se comprometerem com uma vida de oração, contemplação e serviço, buscando a transformação interior e a vivência autêntica da fé no cotidiano.

Diante dos desafios e oportunidades apresentados pela pesquisa sobre Charles de Foucauld, é possível vislumbrar um horizonte de transformação e renovação para a sociedade contemporânea. A espiritualidade e o legado de Foucauld oferecem um caminho de esperança e inspiração. Nesse sentido, alguns postos-

chave merecem destaque para futuros desdobramentos: *Ética e Responsabilidade Social*: A ética do cuidado e da solidariedade proposta por Foucauld pode nos orientar para adotarmos práticas mais éticas, responsáveis e socialmente engajadas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva; *Participação Cidadã*: A mensagem de amor, compaixão e serviço de Foucauld pode fortalecer o senso de comunidade, o engajamento cívico e a participação ativa dos cidadãos na promoção do bem comum e na defesa dos direitos humanos; e *Diálogo e Construção de Pontes*: A abertura ao diálogo inter-religioso e intercultural, tão valorizada por Foucauld, pode ser um antídoto poderoso contra o preconceito, a intolerância e a divisão, promovendo a paz, a reconciliação e a harmonia entre os povos.

3.4.2 Perspectivas Futuras e Desafios a Serem Superados

O caminho rumo a uma sociedade mais justa, solidária e fraterna requer um esforço coletivo e contínuo, baseado nos valores do Evangelho e na inspiração dos santos e místicos. Alguns dos desafios e perspectivas futuras que se destacam são:

1) Educação e Formação Espiritual: Investir na educação e na formação espiritual das novas gerações é fundamental para transmitir os valores e ensinamentos de figuras como Charles de Foucauld, preparando líderes e agentes de transformação capazes de enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. 2) Engajamento Político e Social: A participação ativa na vida política e social, pautada pela ética, pela justiça e pela solidariedade, é essencial para promover mudanças significativas e construir uma sociedade mais igualitária e inclusiva. 3) Promoção da Cultura do Encontro: A cultura do encontro, do diálogo e da escuta atenta às necessidades e aspirações dos outros é um antídoto poderoso contra a polarização, o ódio e a indiferença, permitindo a construção de relações mais autênticas e empáticas. 4) Acolhimento e Inclusão: A acolhida e a inclusão de todos os membros da sociedade, especialmente os mais vulneráveis e marginalizados, são imperativos éticos e morais que devem orientar nossas ações e decisões em todos os âmbitos da vida.

A pesquisa sobre Charles de Foucauld e seu legado é um convite a refletir sobre a essência da espiritualidade, da fé e do serviço ao próximo. Sua vida e mensagem ecoam como um farol de amor e compaixão em um mundo marcado pela dor e pelo sofrimento. Inspirados por seu exemplo, é possível seguir o caminho da santidade, da justiça e da paz, buscando a presença amorosa de Deus em cada ser humano e em

toda a criação. Que o legado de Charles de Foucauld continue a iluminar os passos e a guiar nossos corações daqueles que almejam um futuro de esperança, solidariedade e fraternidade. Sua figura representa uma luz em meio às sombras do mundo contemporâneo, apontando para uma vida fundamentada na fé, na esperança e no amor. Seu legado é um desafio a repensar as prioridades, a agir com compaixão e solidariedade, e a buscar a presença amorosa de Deus em meio às adversidades da vida. Que a espiritualidade de Foucauld continue a inspirar e transformar corações, gerando frutos de paz, justiça e fraternidade em toda sociedade e em nosso tempo.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa, intitulada "O Encontro Humano-Divino na Vivência Religiosa: a mística cristã como resposta à inquietação humana a partir da experiência de Charles de Foucauld", oferece uma reflexão profunda sobre a intersecção entre a experiência mística e a busca por significado na vida humana. Ao longo do trabalho, foram explorados temas como a dignidade da pessoa humana, a mística cristã e a relevância da experiência de Charles de Foucauld, apresentando uma análise que não apenas ilumina a compreensão teológica, mas também propõe um caminho prático para a vivência da fé no mundo contemporâneo.

Um dos principais pontos abordados é a dignidade humana, que é apresentada como um tema central na reflexão da Igreja. A dignidade do ser humano é fundamentada na crença de que cada pessoa é criada à imagem de Deus. Essa visão teológica estabelece uma base sólida para a compreensão da dignidade intrínseca de cada indivíduo, independentemente de suas circunstâncias ou condições. A dignidade humana, conforme discutido, não é apenas um conceito filosófico, mas uma realidade que deve ser vivida e promovida em todas as esferas da sociedade. A capacidade de entender, amar e discernir entre o bem e o mal é uma expressão dessa dignidade, que deve ser respeitada e valorizada.

A pesquisa também enfatiza a importância da mística cristã como uma resposta à inquietação humana. A busca por significado e compreensão é uma constante na experiência humana, e a mística oferece uma linguagem que transcende as barreiras do racional e do tangível. Argumenta-se que a mística permite uma conexão profunda com o sagrado, proporcionando uma compreensão mais ampla da realidade e da própria existência. Nesse sentido, a mística não é apenas uma prática espiritual, mas uma forma de viver a fé que responde às perguntas mais profundas da vida.

A experiência de Charles de Foucauld é utilizada como um exemplo paradigmático da vivência da mística cristã. Foucauld, que dedicou sua vida a buscar a presença de Deus em meio à simplicidade e à solidão, representa um modelo de como a mística pode ser vivida de maneira autêntica e transformadora. Sua vida e obra inspiram uma reflexão sobre a importância da contemplação e da busca interior, que são essenciais para o desenvolvimento espiritual. A experiência de Foucauld convida a olhar para dentro de si mesmo e a buscar um relacionamento mais profundo com Deus, que é a fonte de toda dignidade e significado.

Além disso, a pesquisa aborda a necessidade de um diálogo entre a fé cristã e as realidades contemporâneas. Em um mundo marcado por desafios e mudanças rápidas, a Igreja é chamada a se posicionar de maneira relevante e significativa. A mística cristã pode servir como um ponto de partida para esse diálogo, pois oferece uma perspectiva que valoriza a experiência humana e a busca por Deus em meio às complexidades da vida moderna. A mística, portanto, não é uma fuga da realidade, mas uma forma de enfrentá-la com esperança e fé.

Outro aspecto importante discutido é a antropologia teológica, que fundamenta a compreensão da dignidade humana na relação entre criação e redenção. A encarnação do Filho de Deus é um evento central que revela a grandeza da dignidade humana. Cristo, como o homem novo, oferece um modelo perfeito de dignidade e plenitude, mostrando que cada pessoa tem um potencial único para viver em comunhão com Deus e com os outros. Essa visão antropológica é essencial para a missão da Igreja, que deve ser um agente de promoção da dignidade humana em todas as suas dimensões.

A pesquisa também convida à reflexão sobre a importância da comunidade na vivência da fé. A experiência de Charles de Foucauld, embora marcada pela solidão, lembra da necessidade de pertencimento e de apoio mútuo na jornada espiritual. A Igreja, como comunidade de fé, deve ser um espaço onde a dignidade de cada pessoa é reconhecida e celebrada, e onde todos são convidados a participar da missão de amor e serviço ao próximo.

Em conclusão, a presente pesquisa oferece uma contribuição significativa para a compreensão da mística cristã e sua relevância na vida contemporânea. Ao explorar a dignidade humana, a experiência de Charles de Foucauld e a necessidade de um diálogo entre fé e modernidade, convida-se a refletir sobre a profundidade da experiência religiosa e seu impacto na vida cotidiana. A mística cristã, como apresentada, não é apenas uma prática espiritual, mas uma resposta à inquietação humana que nos leva a buscar um encontro verdadeiro com o divino. Essa busca, fundamentada na dignidade intrínseca de cada pessoa, é um chamado à ação e à transformação, tanto pessoal quanto social.

Assim, a pesquisa não apenas ilumina a importância da mística na vivência da fé, mas também desafia a viver essa mística de maneira autêntica e comprometida, reconhecendo a dignidade de cada ser humano e buscando um relacionamento mais profundo com Deus. Que este trabalho inspire outros a continuar essa jornada de

busca e descoberta, promovendo a dignidade humana e a vivência da mística cristã em um mundo que tanto necessita de esperança e amor.

Os futuros desdobramentos da presente pesquisa podem se manifestar em diversas áreas, ampliando o diálogo sobre a mística cristã e sua aplicação nas realidades contemporâneas. A investigação sobre a vida e a espiritualidade de Charles de Foucauld pode inspirar novas pesquisas que explorem a inter-relação entre mística e engajamento social, promovendo iniciativas de solidariedade e justiça social que reflitam os ensinamentos de Foucauld. O diálogo inter-religioso e intercultural também pode ser enriquecido, à medida que a mensagem de universalidade e amor ao próximo de Foucauld é aplicada em iniciativas que busquem promover a compreensão mútua entre diferentes tradições religiosas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 5. ed. rev. e ampl. SP: Martins Fontes, 2007.

ALES BELLO, Angela (org.) [et al.] *Fenomenologia e experiência religiosa*. Curitiba: Juruá, 2020.

_____. *O sentido das coisas: por um realismo fenomenológico*. São Paulo: Paulus, 2019.

_____. *O sentido do humano: entre a fenomenologia, psicologia e psicopatologia*. São Paulo: Paulus, 2019.

ALMEIDA, Antonio José. *Critérios para interpretação do Vaticano II*, in: REB: revista eclesialística brasileira, Petrópolis: Vozes: out/2012 (n. 288).

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2008.

BOFF, L. *Mestre Eckhart: a mística da disponibilidade e da libertação*. In: ECKHART, M. O livro da divina consolação e outros textos seletos. Petrópolis: Vozes, 2006.

CARROUGES, Michel. *A aventura mística de Charles de Foucauld*. São Paulo: Duas Cidades, 1958.

CASTILLO, José M. *Jesus: a humanização de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2015.

CHATELARD, Antoine. *Charles de Foucauld: o caminho rumo a Tamanrasset*, São Paulo: Paulinas, 2009.

COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. Constituições, Decretos, Declarações.. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção: Documentos da Igreja)

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção: Documentos da Igreja)

CROATTO, Jose Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.

DE JESUS, Irmãzinha Annie. *Charles de Foucauld*. São Paulo: Cidade Nova, 2004.

DE LIMA, Ir. Vanderlei. *Vida e espiritualidade de Charles de Foucauld & regra de vida eremítica*. São Paulo: Cultor de Livros, 2022.

DE FOUCAULD, Charles. *Aos meus irmãosinhos*. Petrópolis: Vozes, 2020.

_____. *A sós com Deus*. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

_____. *Cartas e anotações*. São Paulo: Paulinas, 1970.

_____. *Luz no deserto: retiros, notas e correspondências de Charles de Foucauld*. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

_____. *Meditações sobre a Paixão do Senhor*. São Paulo: Paulus, 2016.

DENZINGER, Henrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e Moral*. São Paulo: Loyola, 2007 (H:3cc).

FROMM, Erich. *Análise do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar. 1961.

GESCHÉ, Adolphe. *O ser humano*. São Paulo: Paulinas, 2003.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é Ciência da Religião?* São Paulo: Paulinas, 2006.

JOÃO XXIII, Papa. *Humanae Salutis*. In: CONCÍLIO VATICANO (2.:1962-1965). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção: Documentos da Igreja)

_____. *Discurso de Abertura*. In: CONCÍLIO VATICANO (2.:1962-1965). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção: Documentos da Igreja)

LÓPEZ, João Manuel Hurtado. *Chaves Teológicas da Gaudium et Spes*. In: Studium: revista teológica. Curitiba: Studium Theologicum, 2013 (Ano 7 / n. 12).

LOSSO, Eduardo Guerreiro. BINGEMER, Maria Clara. PINHEIRO, Marcus Reis (orgs). *A mística e os místicos*. Petrópolis: Vozes, 2022.

MONDIN, Batista. *O homem, quem é ele?*. 13. ed. São Paulo, 2008.

PINHEIRO, Marcus Reis. BINGEMER, Maria Clara. CAPELLI, Marcio (org.). *Mística e ascese: da tradição platônica à contemporaneidade*. Petrópolis: Vozes, 2020.

RATZINGER, Joseph. *O novo povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1974.

SILVEIRA, Emerson Sena (org.). *Como estudar as religiões: metodologias e estratégias*. Petrópolis: Vozes, 2018.

SIX, Jean-François. *Charles de Foucauld: o irmãozinho de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2008.

SOUZA, José Neivaldo. *Imagem humana à semelhança de Deus: proposta de antropologia teológica*. São Paulo: Paulinas, 2010.

SOUZA, Ney de. *Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II*, in: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATO, Vera Ivanise (Orgs). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*, São Paulo: Paulinas, 2004.

TEIXEIRA, Faustino. *Malhas da Mística Cristã*. Curitiba: Appris, 2019.

TRASFERETTI, José. GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. *Teologia na Pós-modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2003.

VELASCO, Juan Martín. *El fenómeno místico: Estudio comparado*. Espanha: Editorial Trotta, 2009.